A CLASSE MÉDIA TROCA O BRASIL POR PORTUGAL

Brasileiros com bom nível de renda partem em busca de segurança urbana e serviços públicos de qualidade

A TRAGÉDIA DO SUICÍDIO

Série da Netflix e a misteriosa Baleia Azul levantam um debate delicado sobre adolescentes que tiram a própria vida

Editora ABRIL
edição 2527 - ano 50 - nº 17
26 de abril de 2017

veja

www.veja.com

Abril

"SE TIVER, DESTRUA"

ACABOU

Em audiência com o juiz Sergio Moro, o empreiteiro Léo Pinheiro, da OAS, revela que recebeu ordens de Lula para eliminar provas

Prof
palcobradesco
+Bradesco
facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC - Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Você não chegou até aqui para voltar atrás.

Você tem muitos motivos
para seguir em frente.
E um só banco.

ente.

Bradesco

Pra frente.

HONDA
The Power of Dreams

TALENT MARCEL

Multimídia de 7" com navegador GPS: tecnologia em todos os detalhes

6 airbags (frontais, laterais e de cortina): mais segurança para motorista e passageiros

Exclusivo conjunto de suspensões: alta absorção de impacto e mais conforto ao dirigir

Faróis com luzes de rodagem diurna em LED: design moderno aliado a um visual robusto

Sistema Honda ULTRa Seat: versatilidade e muito mais espaço interno

Nota A em consumo em sua categoria.

Consumo de combustível (km/l) para o Honda WR-V 1.5L DXL (Flex): 8,2 km/l (etanol) e 11,7 km/l (gasolina) em ciclo urbano (cidade); e 8,7 km/l (etanol) e 12,4 km/l (gasolina) em ciclo rodoviário (estrada). Classificação no Programa Brasileiro de Etiquetagem Veicular na categoria: A, na absoluta geral: B; e em emissões: A. Consulte a disponibilidade dos itens de acordo com as versões.

HONDA

ÍNDICE

veja

EDIÇÃO 2527 | ANO 50 | Nº 17

50

Lula: atolado em denúncias de corrupção no Brasil e no exterior

86

Por que Portugal está atraindo cada vez mais brasileiros com boa renda

14 Carta ao Leitor
17 Entrevista Eduardo Dias da Costa Villas Bôas
26 Leitor
32 Imagem da Semana
38 Datas
40 Conversa com Julia Petit
42 SoboDesco
42 A Lista
45 Sensacionalista
46 Radar
48 Veja Essa

50 Lava-Jato Como Lula conduziu pessoalmente a montagem do gigantesco esquema de corrupção
58 A falta de constrangimento dos ministros diante das acusações de caixa dois e de outros crimes
60 Eleições A corrida maluca para 2018
62 Justiça *A Luta contra a Corrupção*, de Deltan Dallagnol
63 Dora Kramer
64 Página Aberta Sandro Cabral e Carlos Melo
66 Coreia do Norte Donald Trump blefa com porta-aviões e assusta o mundo
69 Inglaterra Theresa May se fortalece para o Brexit
70 Turquia Erdogan quer transformar seu país em uma Venezuela
72 Primeira Pessoa Zohre Esmaeli
74 Economia A diluição da reforma da Previdência
78 Empresas Por que a Tesla vale o mesmo que a GM
79 Mailson da Nóbrega
80 Vida Digital O assassinato transmitido via Facebook
82 Gente

84 Saúde O estrondoso aumento de casos de obesidade no Brasil
86 Especial A classe média brasileira desembarca em Portugal
96 Censo Livro apresenta o mais completo retrato da população indígena no país
98 Comportamento A série *13 Reasons Why* deflagra um debate difícil: como tratar do suicídio entre adolescentes?
104 Televisão A história em *Novo Mundo*, a novela das 6 da Globo
108 Livros *Romancista Como Vocação*, de Haruki Murakami, e *A Aventura do Estilo*, de Henry James e Robert Louis Stevenson
111 Cinema *Paterson*, de Jim Jarmusch
112 VEJA Recomenda
113 Os livros mais vendidos
114 J.R. Guzzo

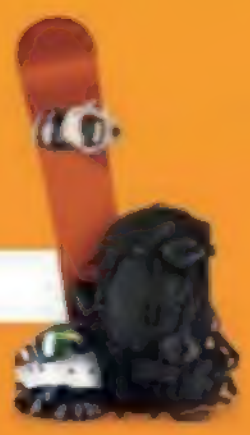
© FOTOS CAIO GUATELLI; ANDRESSA ANHOLETE/AFP PHOTO

Tiragem 964 672 exemplares

VIAJE FÁCIL.

É mais fácil garantir sua viagem de ano-novo e só pagar em outubro. Acredita?

É MAIS FÁCIL



Só a Smiles tem o Viaje Fácil. Perfeito para você que já escolheu onde quer passar o ano-novo mas não tem saldo de milhas suficiente. **Veja como é fácil e aproveite mais essa exclusividade:**

1. **Busque seu voo em smiles.com.br**
2. **Emita sua passagem com até 330 dias de antecedência**
3. **Em Meus Voos, quite seu bilhete até 60 dias antes do voo e ganhe milhas bônus**

SUAS MILHAS VALEM POR ATÉ **6** ANOS MAIOR VALIDADE DO MERCADO

Cadastre-se grátis em
SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP

Smiles

É mais fácil viajar com a Smiles

Nossas parceiras aéreas:

DELTA AIRFRANCE KLM QATAR Aerolíneas Argentinas TP AIR CANADA AeroMéxico Emirates

Consulte mais informações em www.smiles.com.br

Explore

mais possibilidades de investimento
com a assessoria de quem
é especialista de verdade.

A XP sabe que nenhum investidor é igual ao outro.

Existem perfis, objetivos e necessidades diferentes.

Por isso, oferecemos uma das maiores variedades
de produtos do mercado e estilos de assessoria
perfeitamente adequados ao perfil de cada cliente.

E tudo isso com taxa zero para diversos investimentos.

Para cada investidor, existe uma XP. Descubra a sua.

xpinvestimentos.com.br

taxa ZERØ

Custódia de Renda Fixa • Custódia de Bolsa
Custódia de COE • Taxa XP para Tesouro Direto
Tarifas de TED para retiradas.

Murilo Benício
Ator e investidor XP

xp investimentos
Para cada investidor, uma XP.

O ESTÁDIO TOTAL

Os clubes ingleses Chelsea e Tottenham, os espanhóis Barcelona, Real Madrid e Atlético de Madri e os italianos Roma e Fiorentina estão investindo mais de 3 bilhões de euros para construir ou reformar suas arenas. E estão certos de que poderão lucrar — e muito. Distinta dos elefantes brancos erguidos para a Copa do Mundo no Brasil, a nova geração de estádios funcionará como um espaço de visitação diária, abrigando, além das arquibancadas, museus, bares, restaurantes, lojas, hotéis, centro de convenções e até uma universidade.

abr.ai/novos-estadios

2 **ATLÉTICO DE MADRI**
Madri, Espanha

3 **REAL MADRID**
Madri, Espanha

4 **CHELSEA**
Londres, Inglaterra

5 **TOTTENHAM**
Londres, Inglaterra

6 **FIORENTINA**
Florença, Itália

7 **ROMA**
Roma, Itália

UMA ELEIÇÃO *IMPRÉVISIBLE*

Quatro candidatos a presidente chegam ao primeiro turno das eleições francesas, neste domingo, 23, com chances reais de passar para o segundo. Em texto e vídeo, o site de VEJA explica por que essa corrida eleitoral se tornou a mais disputada em décadas, com nomes competitivos por todo o espectro ideológico, e os temas de maior peso na campanha. Acompanhe também a cobertura em tempo real da votação, direto da França.

Emmanuel Macron
Em Marcha

Marine Le Pen
Frente Nacional

François Fillon
Os Republicanos

Jean-Luc Mélenchon
França Rebelde

Fonte: pesquisa do Instituto Ipsos Sopra-Steria divulgada pelo Le Monde

INTERVENÇÃO

O editor sênior Jerônimo Teixeira engrossou neste mês o time de blogueiros de VEJA. Batizada de Intervenção, a página é dedicada "à crítica da cultura e à cultura da crítica". "Os temas são quase ilimitados: arte, literatura, cinema, música, a dinâmica cambiante da cultura de um tempo que talvez seja tão áspero mas não tão belo quanto o cacto do poema de Manuel Bandeira", escreve no post de estreia. abr.ai/blog-intervencao

Conheça a linha de bolsas femininas em uma de nossas lojas.

Samsonite

PRESENTE ESPECIAL

GANHE

1 Charm

PANDORA

Nas compras acima de R$ 850,00

[illegible]

[illegible]

samsonite.com.br

PROMOÇÃO

Minuano

SUA FAMÍLIA NA MELHOR

Participe e concorra:

promocaominuano.com.br

2
CASAS
3
MIL
PRÊMIOS
INSTANTÂNEOS
RROS

DEMOCRACIA FERIDA

A CERTA ALTURA de sua delação, o senhor Emílio Odebrecht, filho do fundador do grupo e pai de Marcelo Odebrecht, preso em Curitiba, oferece um relato repulsivo mas histórico sobre a corrupção política no país. "O que nós temos no Brasil", diz ele, "não é um negócio de cinco anos, dez anos. Nós estamos falando de trinta anos atrás". Se sua matemática for precisa, isso significa que a democracia brasileira nasceu ferida pela corrupção. E durante trinta anos não houve instituição — nem polícia, nem Justiça, nem eleições — capaz de debulhar as entranhas que corroíam o sistema democrático que mal nascia.

Que as vísceras dessa podridão estejam vindo à luz do sol é um esplêndido sinal de melhora — do início de uma melhora. Agora, com as investigações sobre o conteúdo das delações, é necessário atenção redobrada tanto em relação às chicanas jurídicas e parlamentares quanto à prescrição dos crimes denunciados. Nesse sentido, é positiva a decisão da presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Cármen Lúcia, de criar uma força-tarefa para auxiliar o ministro Edson Fachin na missão de tocar os casos à frente.

Como não há solução possível quando não se conhece a origem do que se pretende corrigir, a informação do senhor Emílio Odebrecht serve de guia ao trabalho de faxina. Se a corrupção está na raiz da política, a alternativa para sua superação também é política. Do que se depreende das confissões do senhor Emílio Odebrecht, o PT elevou a propina à categoria de arte, ao cobrá-la com voracidade e desfaçatez singulares, mas não a inventou. Estudiosos já afirmaram que a transformação das empreiteiras em fortalezas da corrupção pode ser ainda mais antiga: começou na década de 50, amadureceu sob a ditadura militar, quando as empreiteiras expandiram seus negócios para outros setores da economia, e chegou ao auge já no regime democrático.

CRONOLOGIA Emílio Odebrecht *(em primeiro plano)*, ao depor: três décadas de miséria moral

A linha do tempo correta, seja ela qual for, mostra que a vitória sobre a corrupção sistêmica deu apenas o primeiro passo. Um passo essencial e salutar, festejado de norte a sul do país. Só não pode se esgotar nisso. Além da punição aos culpados, é preciso:

- reformar o sistema político-eleitoral, restabelecendo o primado dos princípios democráticos sobre as falcatruas que criam categorias distintas de cidadãos e eleitores;
- abolir a quantidade obscena de cargos ocupados por indicação política, adotando-se o critério do mérito;
- profissionalizar por inteiro a burocracia estatal, como fizeram países como Estados Unidos, França e Inglaterra, que conseguiram vencer a corrupção sistêmica;
- enxugar o gigantismo do Estado, que serve como o mais apetitoso convite à roubalheira que nos infelicita.

O arcabouço da corrupção sistêmica não foi criado da noite para o dia, nem será desmontado de uma hora para outra. A Lava-Jato é seu instrumento mais eficaz até agora, mas é fundamental dar os próximos passos. Do contrário, corremos o risco de ficar presos no labirinto de escândalos sob uma democracia que sangra. ■

VE 1227 0800 022 7442 WWW.HSTERN.COM.BR

HStern

FÓRUM JOVEM PAN

Mitos & Fatos

Cidades do Futuro

Um debate sobre transporte, saúde, tecnologia e urbanismo.

A Jovem Pan promove o primeiro Fórum Mitos & Fatos em busca de soluções para os grandes problemas da vida urbana.

Seremos capazes de reduzir as distâncias entre regiões da cidade, integrar e otimizar serviços e diminuir os impactos da urbanização no meio ambiente?

As cidades brasileiras vão conseguir incorporar o avanço da tecnologia na velocidade em que a evolução acontece?

Quais os custos da modernização das cidades? Quem vai pagar essa conta?

Essas e outras questões serão debatidas por autoridades, empresários e profissionais de diferentes áreas neste grande encontro de ideias que vão guiar nossas cidades ao futuro.

ACOMPANHE
AO VIVO NA JOVEM PAN:

JP.COM.BR/MITOSEFATOS
YOUTUBE/PORTALJOVEMPAN
FACEBOOK/PORTALJOVEMPAN
APLICATIVO JOVEM PAN

24 ABRIL 2017
A PARTIR DAS 8H

LOCAL: **TIVOLI MOFARREJ**
Alameda Santos, 1437 - São Paulo - SP

ABERTURA: 8h
João Doria - prefeito de São Paulo

ENCERRAMENTO: 13h
Geraldo Alckmin - governador de São Paulo

Braskem · Embratel · ESPM · UBER · RODOBENS

ENTREVISTA | EDUARDO DIAS DA COSTA VILLAS BÔAS

O PROTAGONISTA SILENCIOSO

O comandante do Exército revela que a instituição foi sondada e rechaçou a hipótese de apoiar a decretação do estado de defesa nos dias tensos que antecederam o impeachment de Dilma

THAÍS OYAMA E ROBSON BONIN

O GENERAL Eduardo Villas Bôas é um homem habituado a lidar com adversidades. Quando jovem, matriculou-se como tenente do Exército no curso de operações de guerra na selva, tão duro que de dez que o iniciam apenas metade o termina. Villas Bôas concluiu o treinamento e apaixonou-se pela região. Foi comandante do 1º Batalhão de Infantaria de Selva, depois chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia e, por fim, comandante militar da Amazônia. Em 2015, foi escolhido comandante do Exército brasileiro pela então presidente Dilma Rousseff, cuja queda, como ele revela nesta entrevista, foi precedida de dias tensos também para o Exército.

Como a sociedade brasileira vê o Exército hoje? Como uma instituição extremamente confiável e que cumpre as tarefas para as quais é chamada. O índice de credibilidade do Exército bate nos 80%. O desafio agora é fazer com que as elites que tomam as decisões tenham a compreensão da importância de investir nas Forças Armadas. Num país com tantas desigualdades como o Brasil, a Defesa não é valorizada porque a população não tem nenhuma percepção de ameaça externa. Mas, além de zelar pela integridade e soberania do país, a Defesa tem o papel de guardar elementos da nacionalidade e ser indutora da economia. Na França, 17% da economia é induzida pela Defesa. Nos Estados Unidos, esse dado é ainda maior. É possível que se tenha essa compreensão aqui no Brasil.

MOBILE VIEW

Baixe o app Blippar.
Aponte para o anuncie
e saiba mais.

Baixe agora
o aplicativo
Banco do Brasil

App Store

Google Play

Central de Atendimento BB | SAC | Deficiente Auditivo ou de Fala |
4004 0001 ou 0800 729 0001 | 0800 729 0722 | 0800 729 0088

Crédito sem
se complicar.

Pensando bem, dá!

No Banco do Brasil você tem as soluções em crédito para o que precisa, sem se complicar depois.

- Simule as parcelas
- Contrate pelo celular

Faça as contas e use crédito com responsabilidade.

Saiba mais em
bb.com.br/pensandobemdá

"Pronto para o futuro" é o slogan da Semana do Exército. O senhor acha que a instituição está pronta também para avaliar o passado, o golpe de 64? As gerações que viveram aquele período ainda são atores no cenário atual. E isso não permite ter total isenção para avaliar aqueles fatos na dimensão correta. Hoje, em geral, não se leva em conta que vivíamos um período de guerra fria. Tínhamos China, Cuba e União Soviética exportando a revolução comunista. A estrutura de repressão foi criada como reação aos movimentos terroristas. Ela já existia antes mesmo do movimento de 64, um período em que se cometeram erros. Estudamos e debatemos essa fase para avaliar o que foi feito de correto e o que não foi. São ensinamentos importantes inclusive para agora.

No período mais tumultuado pré-impeachment, falou-se que a presidente Dilma chegou a pedir um estudo sobre a possibilidade de decretar no Brasil o estado de defesa. O que isso tem de verdade? Esse episódio realmente aconteceu. Mas eu acredito que não nesses termos. Nós temos uma assessoria parlamentar no Congresso que defende nossos interesses, nossos projetos. Esse nosso pessoal foi sondado por políticos de esquerda sobre como nós receberíamos uma decretação do estado de defesa.

Políticos do PT? Não vou discriminar o partido. Mas isso nos alarmou. Percebemos que se poderia abrir a perspectiva de sermos empregados para conter as manifestações que ocorriam contra o governo.

E o que vocês fizeram? Procurei o ministro da Defesa, Aldo Rebelo (PCdoB), o senador Ronaldo Caiado (DEM-GO) e o senador Aloysio Nunes (PSDB-SP). Isso de imediato provocou desmentidos, e o tema nunca mais foi tratado.

"Na favela da Maré, via o nosso pessoal armado, ao lado de crianças e senhoras. É terrível essa disfunção. Estamos ali com arma apontada para brasileiros? É absolutamente inadequado"

Esses parlamentares de esquerda falavam em nome do Palácio do Planalto? Sinceramente, eu não sei avaliar isso.

Chegou-se a fazer uma planilha com os cenários da decretação do estado de defesa e do estado de sítio? Esse documento foi feito no Ministério da Defesa como um estudo para definir quais as condições para a decretação de estado de defesa ou estado de sítio e quais as consequências de cada um desses decretos. Foi um documento interno.

Foi levado ao Planalto? Acredito que não. Foi feito no Ministério da Defesa e ficou lá. Foi um estudo para embasar as nossas posições. Não foi um planejamento.

O Planalto sabia dessa discussão? Não sei dizer.

Qual foi a posição do senhor diante dessa ideia? Todos com quem eu tratei desse assunto, inclusive o ministro Aldo Rebelo, tiveram a mesma compreensão que eu — de que era totalmente descabida e perigosa a decretação do estado de defesa.

Foi o período mais tenso do senhor no governo Dilma? Acho que sim. Mas preciso ressaltar que tínhamos uma relação excelente com o governo. A presidente Dilma Rousseff sempre teve apreço e deferência por nós.

Não fosse esse comportamento do Exército, acha que algo pior poderia ter acontecido durante o processo de impeachment? É difícil dizer. As nossas atitudes foram todas preventivas. Quando a coisa começou a ficar muito instável, nós logo definimos: vamos trabalhar com base em três pilares. Primeiro, a estabilidade. Vamos contribuir para a manutenção da estabilidade e não ser um fator de instabilidade. O segundo pilar era a legalidade. Poderíamos até ser empregados, mas seria com base no que é prescrito na Constituição — por iniciativa de um dos poderes. A nossa preocupação era que não viéssemos a ser penalizados novamente, conforme a história nos ensinou. O terceiro pilar era a legitimidade. Tínhamos de preservar uma imagem de isenção e imparcialidade porque, caso fôssemos empregados, não poderíamos ser identificados como tendentes a um ou outro lado. Trabalhamos no sentido de ser um protagonista silencioso.

O senhor ouviu muitas cobranças das pessoas naquele período? Ouvi palavras de inconformismo de todos os lados. Queriam saber por que não tomávamos uma providência. Eu respondia que não é papel do Exército derrubar nem fiscalizar governo. Mas eu entendo que a sociedade nos vê como um reservatório de valores ainda preservados.

O Exército tem sido chamado com frequência para agir em conflitos de segurança pública. Quão eficazes são essas operações? Preocupa-me a banalização do emprego das Forças Armadas. As pessoas não entendem que nossa atuação não é policial. Quando estávamos na favela da Maré, no Rio, via o nosso pessoal de capacete e colete, armado, na rua ao lado de crianças e senhoras. É terrível essa disfunção. Estamos ali com arma apontada para brasileiros? É absolutamente inadequado. Embora seja constitucional, é inconveniente e inadequado, além de ineficaz. Em alguns estados em que tivemos de intervir em decorrência do colapso na estrutura de segurança pública, seis meses depois de sairmos tivemos de voltar porque nenhuma medida estrutural havia sido tomada. Há estados que há doze anos não incorporam ninguém à polícia.

Como será a retirada das tropas do Haiti? A ONU já decidiu a saída, e nós vamos retirar nossos últimos soldados em outubro, depois de treze anos lá. O que conquistamos em termos de pacificação no Haiti é uma referência na ONU, foi uma missão de extremo sucesso. Estão sendo feitos estudos para levantar outras possibilidades de emprego de tropas brasileiras como força de paz, principalmente na África e no Oriente Médio. No Líbano, por exemplo, podemos ter tropas já a partir do próximo ano. Mas isso tudo ainda está em estudo.

Que mensagem o Exército passa ao homenagear o juiz Sergio Moro na Semana do Exército? É uma mensagem de apoio à Operação Lava-Jato. Nós entendemos que a operação é necessária e queremos que ela ande com a maior celeridade possível. O critério dessa condecoração, que é a Ordem do Mérito Militar, é de brasileiros que tenham prestado serviços relevantes ao país ou ao Exército, e o juiz Sergio Moro é hoje um destaque.

Qual a avaliação que o senhor fez das revelações de corrupção na delação da Odebrecht? Considero importante que se dê a celeridade possível ao julgamento dos casos, porque acho perigoso que as pessoas de bem comecem a ficar descrentes, e às vezes até descrentes da democracia. Aí você começa a abrir espaços para atalhos. O Brasil vai ter de se repactuar. E o único parâmetro universal para que se faça isso é o princípio ético e moral. O que me preocupa é que acho que não apareceu uma base de pensamento alternativa nem uma base que propicie o surgimento de uma liderança.

O surgimento de um líder populista neste momento é um risco? Nitidamente, há um cansaço em relação ao politicamente correto. O perigo é surgir um líder falando determinadas coisas politicamente incorretíssimas, mas que correspondem ao inconformismo das pessoas. Tivemos Donald Trump nos Estados Unidos e temos alguns aqui no nosso país.

> "Nitidamente, há um cansaço em relação ao politicamente correto. O perigo é quando surge um líder falando coisas politicamente incorretíssimas, mas que correspondem ao inconformismo das pessoas"

O Exército apoia o deputado Jair Bolsonaro em sua pré-candidatura à Presidência? Não. Nós não temos ligação institucional com o Bolsonaro. Ele é um ex-integrante das Forças Armadas, tem muita relação com o pessoal do círculo dele e todo o direito de se candidatar, mas quem vai julgá-lo é a população, por intermédio do voto.

O senhor está enfrentando um grave problema de saúde e decidiu torná-lo público. Por quê? Fui acometido por uma doença degenerativa chamada doença do neurônio motor. Ela atingiu alguns grupos musculares. Estou com dificuldade para caminhar e com alguma dificuldade respiratória. Senti que, se não revelasse o que estava acontecendo, daria margem a mal-entendidos. Comecei a ver notícias de que eu estaria para ser exonerado ou que havia pedido para sair. Então, decidi ser transparente.

O que mudou na sua rotina com a doença? Ela afetou minha mobilidade, isso é o pior. Mas me considero privilegiado, porque um evento desses dá outro significado à vida. Tenho descoberto nas pessoas coisas fantásticas. Minha família está muito mais unida. Os amigos que tenho, cada um deles é um anjo da guarda a me proteger. Tenho tido muita solidariedade. Aquilo de que mais sinto falta é não poder viajar, percorrer as nossas unidades, estar junto com a tropa, porque a nossa essência é essa. Vivo hoje procurando me equilibrar entre até onde vai meu dever de continuar lutando e permanecer no exercício do cargo e a partir de que momento passarei a atrapalhar. É algo muito sutil. ■

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo: (11) 3347-2145

De segunda a sexta, das 8h
às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas,
Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC)
(Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital,
acesse www.assineabril.com.br/
[illegible]soapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

ligue (11) 3990-1329
(11) 3990-2059
e-mails:
atendimentoconteudoabril@abril.com.br
abrilcontent@abril.com.br
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:
www.abrilconteudo.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) | ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thaís Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Ana Clara Souza de Oliveira Costa, Eduardo Gonçalves Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Pieter Alterna Zalis, Renato Onofre de Souza, Sérgio Martins, Talissa de Angelis Azevedo Monteiro, Thaís Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Leslie Leitão, Luisa de Bustamante Fernandes, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Amanda dos Santos Bolzoni, Andressa Tobita, Gabriel Gama, Letícia Antunes Lameira **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Pesquisa:** Ana Paula Galasteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bressar, Isabel Gontijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Pidone, Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Luisa Camassutti, Andrés Caetano, Fabiana Pino, Julio Yamamoto, Mauricio Bevilacqua, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araujo, Célia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Peracio, Evita Gaga, Heloisa Brady Arraes, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Vanderlei Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Maílson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Kátia Perin (chefes), Fabiana Futema, Ione Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, José Benedito da Silva, Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Ricardo Vasques Helcias, Rita de Cassia de Loiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Edgar da Costa Maciel, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão de Queiroz, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Rappa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Nicole Fusco, Raquel Angelo Carneiro **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** André Fuentes, Sidclei Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogerio Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE Ana Paula Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Karina Kattan (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adailton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Icaro Freitas (Circulação Avulsas), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patricia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) **MARKETING DE MARCAS** Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Keila Arciprete (Veja e Vejinhas), Leander Moreira (Exame) **ESTRATÉGIA DIGITAL** Edson Ferrão **MERCADO/BI** Rafael Guardo **OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL** Renata Guimarães **SEO** Isabela Spenardio **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Artur Lopes **PRODUTO** Renata Gomes **VÍDEO** André Vaisman (Colaboração em Direção de vídeo) Adriana Yoshida (Estúdio), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Porto (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Panholo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porfírio (Licenças), Thaís Rocha (Relações com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriano Favilla, Adriana Kazan, Emiliene Pires e Renato Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH) e Marcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA [illegible] (ISSN [illegible]) [illegible] Edições anteriores: [illegible] Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA [illegible]

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora Corporativa de Marketing: Melina Konstadinidis Porcel
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

Você achava
que empresário
de sucesso
era um homem
de terno.

Você ainda acha
que precisa escolher
entre potência
e economia?
Acesse desache.com.br

Motor TSI
com 105 cv

Novo sistema
interativo
Composition Phone

Novo painel
com luz ambiente
em LED

Novo volante
multifuncional

Nova versão
Connect com rodas
de liga leve 15"

Chegou o novo up! Feito de novas ideias.

Volkswagen

LEITOR

REPÚBLICA DA ODEBRECHT

Mais uma vez, VEJA se supera! A capa da edição 2526 ("República Federativa da Odebrecht", 19 de abril) é uma síntese perfeita dos treze anos do PT no poder em conluio com empresários e políticos inescrupulosos e sedentos por dinheiro. A nação "subtraída em tenebrosas transações" espera ser passada a limpo.
Luiz Eduardo Campos Leite
Recife, PE

Que dizer de uma nação cuja principal empreiteira (e outros segmentos, é claro) é sinônimo de bandalheira, ausência de dignidade, ladroeira, roubalheira, arranjo, negócio ilícito, safadeza, mamata, velhacaria, canalhice e cinismo escarnecedor? Lembraram-me as palavras de Eduardo Cunha, um dos envolvidos nesse lixo moral: "Que Deus tenha piedade deste país!".
Ary Carlos Moura Cardoso
Palmas, TO

Quer dizer que a Odebrecht é a dona do Brasil? E agora, como fazemos para sair deste naufrágio? Como passar a ser um país que continua a existir e a se desenvolver com dignidade e ética?
Maria da Gloria Hissa
Rio de Janeiro, RJ

A Lava-Jato demonstra que, no Brasil, político corrupto é apenas um político normal pego em flagrante.
Gilberto Geraldo Garbi
Curitiba, PR

Temer imita Lula. Sua participação em reuniões para acerto de propinas serviu para chancelar o ajustado, mas, como Lula, "nada viu, nada soube, nada falou...".
Kelsor Guarines
Natal, RN

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

A República da Odebrecht (capa)

Existe moral sem Deus?

Artigo de Roberto Pompeu de Toledo

Conversa com Carlos Bezerra

Depoimento de Juliana de Pádua Lacerda (Primeira Pessoa)

Temos de admitir: Lula estava certo. Acertaram no rabo da jararaca... Bem no rabo.
Ariel J. Ressetti
Curitiba, PR

MORAL E RELIGIÃO

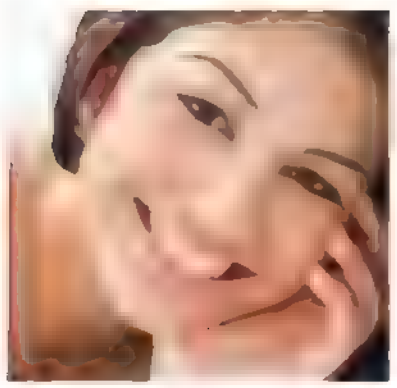
Muito interessante a reportagem "Moral sem Deus?" (19 de abril). A religião, sem o fanatismo, é muito importante para a formação do indivíduo e da família. Independentemente da religião, seja ela católica, protestante, budista, espírita etc., penso que todos nós devemos ter uma crença, uma fé, acreditar em algo maior. Já vi muitos religiosos fervorosos sem ética e sem moral, assim como já vi muitos ateus com ética e princípios. A ética, a moral e o caráter não vêm de nenhuma religião, e sim da criação, da família, da educação, dos exemplos que os filhos veem nos pais.
Rogério Cardinali Marins
São Paulo, SP

Dizer que Deus monitora a ética humana é o mesmo que dirigir pelas ruas um carro sem placas, infringindo todas as regras de trânsito, simplesmente porque sua punição estará esmaecida. Não existe controle superior sobre nossa moral.
Rodolfo Jesus Fuciji
São Paulo, SP

Acho natural que cientistas desconsiderem a existência de Deus, pois a ciência trabalha com o conhecido. Proponho o seguinte exercício: imaginemos uma viagem no tempo, em que regredimos à Idade Média. Uma vez lá, faremos uma reunião com os sábios e os cientistas da época e apresentaremos a eles algumas ideias do nosso tempo, como o Google Earth e o acelerador de partículas atômicas. O que dirão eles? Certamente as julgarão ideias impossíveis, e talvez nos lancem no centro de uma fogueira. Para aceitar aquilo que foge a nossa capacidade de compreensão é necessário humildade.
Luiz Antonio Vilas Boas
Poços de Caldas, MG

Em vez de conflitantes, vejo a ciência e a religião altamente convergentes, propiciando ideias e ações essenciais para a construção de uma sociedade que, ao valorizar cada pessoa, possa nos trazer o bem comum.
Venancio Avancini Ferreira Alves
São Paulo, SP

Escreveu,
errou,



apagou,
acertou.

Agora, escrever e desenhar vai ser muito mais gostoso com as novas esferográficas Frixion Ball Pilot. Com Frixion Ball nas cores azul, preta, vermelha, rosa e roxa, você escreve, desenha, rabisca e se quiser, é só virar a caneta e a borracha especial apaga e não deixa resíduos. Legal, não é?
Frixion Ball: escreveu, errou, virou, apagou, acertou.
Divirta-se com a Frixion Ball, um lançamento da Pilot.
Você vai adorar. Afinal, é uma Pilot.

PILOT
a sua caneta

www.pilotpen.com.br

PROMOÇÃO

VOU DE CARAS VOU DE 0KM

A CARAS VAI SORTEAR 26 KIAS PICANTO.

COMPRANDO NAS BANCAS OU ASSINANDO A REVISTA CARAS, VOCÊ GANHA CUPONS E CONCORRE A 1 KIA PICANTO ZERINHO. SÃO 26 KIAS PICANTO! UM DELES PODE SER SEU.

ACESSE E SAIBA MAIS: WWW.CARAS.COM.BR/PICANTO

COMPRE NAS BANCAS
OU ASSINE JÁ!
CAPITAIS E REGIÕES METROPOLITANAS
3003-1020
DEMAIS LOCALIDADES
0800 449 1010
ASSINECLUBE.COM.BR

CARAS

1 CARRO POR SEMANA

momo

LEITOR

CRENÇA E MORAL CRISTÃ A tela *Sepultamento de Cristo* (1600-1604), do pintor italiano Caravaggio: entrelaçamento entre fé e valores humanos

"Sem Deus, ficamos apenas com a moral humana. O resultado é o hiperindividualismo contemporâneo. Quando a moral é baseada apenas nos princípios humanos, esse humano se resume numa figura: eu!"

Darlyson Feitosa
Ribeirão Preto, SP

RADAR

Em relação à nota intitulada "Ameaça velada", publicada na coluna Radar (19 de abril), esclareço que jamais procurei empresários para pedir ajuda financeira a Eduardo Cunha. É uma acusação grave, mas sem nenhuma base na realidade.

Naji Robert Nahas
Por e-mail

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

Admiro muito as crônicas de Roberto Pompeu de Toledo. Agora, dizer que o governo não tem a legitimidade das urnas é concordar com a ditadura de 1964, pois Pedro Aleixo, que foi eleito com Costa e Silva, foi impedido de assumir quando este deixou a Presidência por motivo de saúde. Afinal, Dilma e Temer foram ou não eleitos na mesma chapa ("Enormidades", 19 de abril)?

Silvio Nunes
Recife (PE), via tablet

CARLOS BEZERRA

O deputado federal Carlos Bezerra (PMDB-MT) vem demonstrar que legisladores não deveriam legislar sobre assuntos que não conhecem ("Folga naqueles dias", Conversa, 19 de abril). Sou médico ginecologista e informo que as alterações pré-menstruais e menstruais exuberantes e limitantes atingem apenas pequeno número de mulheres e são perfeitamente tratáveis.

Waldemar Kogos
São Paulo, SP

JULIANA DE PÁDUA LACERDA

Li o depoimento de Juliana de Pádua Lacerda ("Sou xingada sempre", Primeira Pessoa, 19 de abril). Isso é o que eu chamo de coragem — por dar uma chance a um assassino confesso, acreditar em sua mudança e, principalmente, casar-se com um homem que participou de um crime passional. Isso também se chama fé! Eu não teria tal atitude nem com um ex-alcoólatra, quanto mais com uma pessoa que mata outra. Mas admiro quem tem essa fé toda. Somente Jesus tem esse poder de mudar uma pessoa. Felicidade ao casal!

Flávia Maria Silvério Pereira
Natal, RN

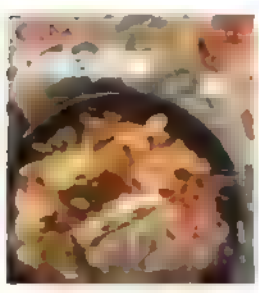
PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor.
Enviar para: **Diretor de Redação**
VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP. **Fax.** (11) 3037-5638.
e-mail: **veja@abril.com.br.**

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediata mente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

Clube
paladar
Vinhos **sem medo.**

TODO MÊS
UM CONTEUDO
EXCLUSIVO COM
NOÇÕES BÁSICAS
SOBRE VINHOS



Chegou Clube Paladar, um e-commerce com programa de assinaturas que vai transformar num verdadeiro expert quem acha complicado comprar vinhos. Funciona assim: você tem três opções de planos (a partir de R$ 100,00 mensais) e recebe em casa, todo mês, dois rótulos selecionados e uma revista com conteúdo exclusivo que ensina tudo sobre vinhos e gastronomia. De noções básicas a variedades e harmonização, você terá dicas dos mais renomados sommeliers do país. E o assinante do Clube Paladar ainda pode aproveitar ofertas especiais em nosso site ou cancelar a assinatura a qualquer momento. Não deixe o medo atrapalhar o seu gosto por vinhos, assine Clube Paladar.

/clubepaladar @clubepaladar clubepaladar

clubepaladar.com.br

O PAPA NÃO VEM

AMANTE DOS ABRAÇOS e dos apertos de mão, o **papa Francisco** tem encantado boa parte dos fiéis com sua simpatia e sua simplicidade. No Vaticano, ele já recebeu doze jovens que postam vídeos com dicas de moda no YouTube, executivos de empresas do Vale do Silício e o cachorro labrador preto Leo, que ajudou a resgatar sobreviventes em um terremoto na Itália. Na quarta-feira 19, Francisco apertou a mão do âncora americano Bill O'Reilly, que foi afastado do canal de televisão Fox News sob uma chuva de acusações de assédio sexual. Nesse mesmo dia, pela manhã, o pontífice conversou com o prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), que lhe deu um livro de fotos de Sebastião Salgado, uma camiseta da seleção e uma bandeira verde-amarela. Mas que nenhum ímpio diga que o papa está disposto a tudo. Dias antes, em resposta a uma carta do presidente Michel Temer convidando-o para visitar o Brasil em outubro, na comemoração dos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida, o papa alegou estar sem tempo, ainda que tenha afirmado ter pontos em comum com o brasileiro. Em um comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, lê-se: "Ademais, como o próprio presidente Temer em sua carta fazia referência a seu compromisso com o combate aos problemas sociais do país, o papa ressalta tal aspecto e encoraja a trabalhar pela promoção dos mais pobres". É pena que não possa vir ao Brasil, mas é um alento que volte a repisar uma mensagem de apoio aos mais desfavorecidos. ■

Duda Teixeira

© ANDREW MEDICHINI/AP. CAPA: LUIZ MAXIMIANO; CAIO BORGES

DÉCADA DE OURO

Presidente da CAOA desde dezembro do ano passado, Mauro Correa faz um balanço dos 10 anos da CAOA Montadora

TEXTO MARCIO ISHIKAWA FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

FUTURO_ Correia, na sede da CAOA, em São Paulo: decisões rápidas [illegible] contribuem para o sucesso

"Você gosta de carro? Porque eu adoro!" Foi com essa frase que Mauro Correia, presidente da CAOA, começou a conversa de quase duas horas na sede da empresa, em São Paulo. Engenheiro mecânico de produção, formado pela Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) e com MBA em negócios pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, ele é, antes de mais nada, um homem fascinado por automóveis. Seu currículo inclui passagens pela Ford, onde trabalhou por 19 anos e foi o responsável pela implementação da fábrica de Camaçari (BA), e Volkswagen, além de empresas de eletrônicos e moda. Com reflexões ágeis, é capaz de explicar sua visão do futuro da mobilidade com a autoridade de atual presidente da Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE Brasil), mostrando a mesma paixão e clareza com que fala dos planos para a próxima década da empresa que comanda desde dezembro de 2016, quando substituiu Antonio Maciel.

Mas o principal assunto em pauta foi o aniversário de 10 anos da CAOA Montadora. A fábrica instalada em Anápolis (GO), inaugurada em 2007, produz modelos da Hyundai (os utilitários-esportivos Tucson, ix35 e New Tucson, além de dois veículos comerciais, o HR e o HD80) e manteve-se firme diante da queda nas vendas de carros nos últimos anos no Brasil. "Fomos uma das únicas montadoras que não demitiram durante esse período de crise", orgulha-se. E não poderia faltar uma curiosa história do fundador e atual presidente do Conselho, Carlos Alberto de Oliveira Andrade.

O senhor entrou na CAOA em 2014, como vice-presidente, e assumiu a presidência em dezembro de 2016. Como foi essa transição? Ao ingressar na CAOA, pela primeira vez trabalhei com toda a cadeia de valor de uma montadora e isso foi fundamental para uma transição muito natural e tranquila. Além disso, a CAOA é uma empresa de tomada de decisão rápida, com um ambiente muito bom e um acionista bem participativo, o que torna as coisas mais fáceis.

Essa seria, então, a principal diferença de trabalhar na CAOA? Numa multinacional, a cadeia de decisão é mais longa. O poder de decisão final sempre está mais distante, dependendo da origem da empresa. Estar no centro da decisão me dá mais tempo para olhar a parte de vendas e engenharia da montadora, por exemplo.

PROCESSO COMPLETO_ A fábrica da CAOA, em Anápolis: tecnologia de primeira linha para produção de veículos Premium

"O desafio da minha gestão é fazer com que a CAOA cresça mais do que a média da indústria"

A CAOA Montadora faz 10 anos, um marco importante na indústria automobilística do Brasil. Que balanço o senhor faz desse período? A CAOA é uma empresa muito sólida, bem estruturada e atua com excelentes marcas. Temos uma fábrica de primeira linha que produz veículos Premium: Tucson, ix35, New Tucson, todos eles com tecnologia embarcada, alta qualidade e grande aceitação no mercado. Produzimos também o comercial HR, líder de vendas há dez anos em seu segmento e estamos lançando agora o novo HD80. Para quem começou do zero e, como se diz em Anápolis, precisou "amassar o barro", foi um sucesso.

Além dos produtos, o que mais o senhor destacaria? As pessoas. Por exemplo, o nosso funcionário número 1, atual gerente de engenharia de processos. Com pouco mais de 30 anos, ele se formou, fez inglês e cresceu trabalhando conosco. Todos lá têm orgulho do lugar em que trabalham. Temos também um novo Centro de Pesquisa e Eficiência Energética, o mais moderno da América Latina em termos de tecnologia.

Qual a receita do sucesso desses dez anos, marcados por altos e baixos na indústria automobilística? Primeiro, o foco no consumidor. Estamos em segundo lugar nos dois estudos da JD Power [*índice de satisfação geral com serviços de pós-venda na concessionária e índice de satisfação do comprador*] e sempre na briga pela liderança. Além disso, é preciso ter a coragem de, mesmo na crise, manter os investimentos, de forma consciente, principalmente em treinamento e infraestrutura. E a CAOA consegue preservar todos esses pontos devido à robustez da empresa.

Qual é a visão para os próximos 10 anos do grupo CAOA? Precisamos ter duas visões. Uma de montadora e outra do processo de comercialização do futuro. A indústria automotiva está mudando, com empresas fora do setor como Apple e Google fazendo carros autônomos e uma geração que não vê o carro como objeto de desejo, mas de locomoção. O jeito que se vende carro vai mudar nos próximos dez anos – hoje a procura já é maior na internet do que nas lojas físicas. E os serviços serão o ponto fundamental para fidelização aos produtos – felizmente, nós tivemos um desenvolvimento muito grande nessa área. Em termos de negócio, o desafio é levar a empresa para um novo patamar e, para isso, precisaremos crescer mais do que a média da indústria.

Como é a relação com a Hyundai? Temos aqui um cenário único no mundo, com uma subsidiária e um distribuidor local operando ao mesmo tempo. Temos uma excelente parceria com a Hyundai e uma relação de complementaridade. A Hyundai foca um segmento de maior volume e nós complementamos a produção com carros Premium e também com a importação, fazendo com que a marca tenha um dos melhores portfólios da indústria no Brasil. Também comercializamos a linha HB20 e o SUV Creta. Nossa meta é continuar crescendo em conjunto com a Hyundai, ampliando os volumes de produtos e investimentos no Brasil.

Como foi a negociação para produzir o New Tucson? Nós visualizamos a necessidade de trazer um carro com tecnologia elevada para uma certa faixa de mercado e mostramos para a Hyundai. Basicamente foi uma decisão de mercado, seguida por definições como o que seria trazido da Coreia, o que seria nacionalizado, com acompanhamento do que é desenvolvido pela nossa engenharia.

E a versão anterior da Tucson, continua firme e forte? Essa velha senhora é um ícone. Um carro robusto, confortável, com bom espaço interno. O modelo possui a melhor relação custo-benefício do segmento em que atua e continua em produção porque muita gente ainda o quer e nós não deixaremos esses consumidores na mão. Ele não tem data para acabar – e, quando isso acontecer, vai deixar saudades.

"Converse com qualquer funcionário da fábrica e ele falará do orgulho que tem por trabalhar lá"

Existe a possibilidade de a CAOA produzir veículos de outras marcas? Com toda a tecnologia e os investimentos que a fábrica recebeu, podemos sim. Mas não buscamos ninguém pois estamos focados na produção de veículos da Hyundai. Nossos esforços estão concentrados na parceria e crescimento da marca no país.

Qual é o envolvimento do Carlos atualmente na empresa? O Carlos é uma pessoa muito ativa, que tem muita experiência. Além de ter planejado a empresa como um todo, ele tem inteligência e senso de negócio privilegiados. Ele participa intensamente dos negócios, vem à empresa uma vez por semana – e nós gostaríamos que viesse mais vezes. Procuramos tê-lo sempre próximo. No decorrer desses 38 anos de CAOA, ele acumulou muitas histórias que mostram bem o valor que ele dá ao consumidor.

Conte uma dessas histórias, por favor... Uma *sui generis* é de quando uma pessoa chegou à loja dizendo que conhecia o "Doutor Carlos" [*o fundador da empresa é cirurgião gástrico e, por isso, conhecido na empresa como "doutor"*] e que se o carro não fosse vendido por determinado preço, ligaria para ele... A questão é que ele, sem saber, estava falando com o próprio Carlos! Em vez de ficar bravo ou coisa parecida, o doutor disse: "Não precisa, eu mesmo ligo". Saiu, voltou minutos depois e disse: "O Carlos disse que é para fazer esse preço para o senhor e lhe mandou um grande abraço". E fechou negócio. Afinal, o importante é deixar o cliente satisfeito.

FOCO NO CONSUMIDOR_
Empresa registra alto índice de satisfação geral com serviços de pós-venda nas concessionárias

ROBERT TAYLOR Um dos criadores da rede que levaria à internet **JOÃO BAPTISTA DA COSTA AGUIAR** Designer gráfico, criou a logomarca da Companhia das Letras **AARON HERNANDEZ** O ex-jogador de futebol americano se matou na prisão

MORRERAM

Robert Taylor, psicólogo americano estudioso da computação, criador da Arpanet, a precursora da internet tal como a conhecemos hoje. Na década de 60, ele foi contratado pelo Pentágono para participar da Arpa, a agência de pesquisas avançadas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Lá, ao lado do engenheiro Larry Roberts — seu desafeto —, captou investimentos de 1 milhão de dólares para o desenvolvimento de uma rede única de comunicação entre computadores de universidades do país, interconectados por linhas telefônicas. Assim surgiu a Arpanet, conceito que ao longo dos anos evoluiu para a internet. Nascido em um abrigo para mães solteiras em Dallas, Taylor foi adotado por um pastor metodista e sua mulher. Graduou-se e fez mestrado em psicologia na Universidade do Texas. Diante da dificuldade para acessar e transmitir informações acadêmicas durante seus estudos, teve a ideia de formular um sistema que pudesse interligar esse tipo de dado por meio de computadores. Durante um trabalho na Nasa, sua proposta chamou a atenção dos pesquisadores da Arpa — o resto é história. A morte de Taylor, aos 85 anos, de complicações de doença de Parkinson, na Califórnia, foi anunciada no dia 14.

João Baptista da Costa Aguiar, artista gráfico paulistano, prolífico capista de livros. Foi responsável pela identidade visual da logomarca da Companhia das Letras — editora que ajudou a batizar (seu fundador, Luiz Schwarcz, pensava no nome Companhia de Letras). Costa Aguiar estudou desenho e pintura na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Iniciou a carreira em 1970 na Editora Abril, que publica VEJA. Em 1973, montou o próprio estúdio. Seu último trabalho para a Companhia das Letras foi realizado em 2016: a capa da reedição de *Os Fatos* (1988), do americano Philip Roth. O designer fez capas também para outras editoras, como Nova Fronteira e L&PM. No início da década de 90 assinou o cartaz de comemoração dos 100 anos da Avenida Paulista e criou a padronização visual da frota de ônibus da cidade. Dia 16, aos 68 anos, em consequência de uma pneumonia, em São Paulo.

Aaron Hernandez, ex-jogador de futebol americano. Em junho de 2013, no auge de sua curta carreira na NFL (a principal liga do esporte nos EUA), o então astro do New England Patriots, o atual campeão do Super Bowl, foi acusado de assassinar Odin Lloyd, namorado da irmã de sua noiva. O time suspendeu imediatamente o seu contrato, no valor de 41 milhões de dólares. A Justiça condenou-o à prisão perpétua. Hernandez começou no Patriots em 2010, vindo da Universidade da Flórida, pela qual se sagrara campeão universitário do país. Em pouco tempo na equipe de Massachusetts, assinou o segundo maior contrato da história da liga para a sua posição (era tight end, o último homem da linha ofensiva). Dia 19, aos 27 anos, por suicídio, em um presídio de Massachusetts.

Vivian Wyler, jornalista carioca, gerente da Rocco. Por sua indicação, a editora trouxe ao Brasil os livros da série infantojuvenil *Harry Potter*, da autora inglesa J.K. Rowling, lançada aqui em 2000. Iniciou a carreira escrevendo sobre literatura para o Caderno B, do *Jornal do Brasil*, no qual atuou entre 1977 e 1987. Depois, foi trabalhar na Rocco, onde permaneceu por quase três décadas. Lá, Vivian também se empenhou para a publicação no Brasil de outros consagrados escritores britânicos, como Ian McEwan, Julian Barnes e Martin Amis. Dia 16, aos 63 anos, de um câncer contra o qual lutou ao longo de uma década, no Rio de Janeiro. ■

© NEW YORK TIMES. REPRODUÇÃO PROIBIDA

ORIENT
JAPAN

ESPELHO DO MUNDO Julia Petit: roupa não é só roupa, é diálogo com o tempo presente. "Por isso adoro moda", diz ela

ELEGÂNCIA É OUTRA COISA

Autora de um dos mais respeitados blogs de moda do Brasil, que acaba de completar dez anos no ar, a paulista Julia Petit, 44, explica o que as roupas revelam sobre política, economia e felicidade

O que faz alguém ser elegante? As mulheres elegantes são as mais naturais no jeito de ser. Não tem a ver com roupa, mas com sentir-se à vontade, estar feliz. Estamos falando de elegância, e não de quem gasta muito com roupa.

Qual a diferença? Não tenho problema com quem gasta, mas elegância não depende do preço da roupa. Tem a mulher que está montadíssima, mas de um modo que não traduz seu espírito. E tem quem só de camiseta e jeans fica com uma elegância absurda.

Qual sua visão sobre regras para vestimenta em lugares públicos? Muitas profissões precisam de *dress code*. Médico não pode trabalhar de regata. Mas, no Canadá, os políticos querem acabar com o salto alto obrigatório para mulheres. O que é humano, né, gente? Só quem usa salto sabe o que é isso. E dá para ser elegante de sapatilha.

Mesmo na política? Depende da mensagem que as mulheres desejam passar. Em geral, figuras como Angela Merkel usam tailleur, mais conservador. Ele mostra poder e é prático. Entre as primeiras-damas, eu gostava de Michelle Obama. Nas marcas, nas cores, nas formas, as roupas dela dialogavam com o que ela fazia no momento.

A última edição da São Paulo Fashion Week teve menos grandes estilistas e mais roupa para venda imediata no varejo. É a crise? Sim. Em tempos prósperos, dá para respirar, inventar, investir em criatividade. Quando aperta o cinto, focam-se peças que vão vender. É por isso que sempre adorei moda: pelo comentário que ela faz do tempo que a gente vive.

Qual foi a maior mudança na moda ao longo dos dez anos do seu blog? O jeito com que ela se espalha. As pessoas hoje olham para o que os outros estão vestindo e não se inspiram mais tanto em desfiles e revistas — de que eu ainda gosto. Quando comecei, existiam poucas blogueiras. Hoje, eu as comparo com as castas de *Senhor dos Anéis*. Se lá havia os elfos e os hobbits, as blogueiras estão agrupadas pelo canal que usam: Instagram, Snapchat, YouTube. Cada uma tem seu lugar. ■

Bruno Meier

LANÇAMENTO NO BRASIL
Está difícil usar o Smartphone?
Experimente um celular com funções mais fáceis!
0800 777-8204
CELULAR PARA IDOSOS
numeros legíveis
botão de emergência
teclas iluminadas
botões gigantes
teclas falantes
Segurança nos mínimos detalhes, agora você vai ficar tranquilo.
O Botão SOS envia mensagens para 5 telefones pré cadastrados em caso de situação de emergência. Facilidade de manuseio e bateria que dispensa carregamento diário. Como não pensaram nisto antes?
Além das funções especiais, veja todas as outras Funcionalidades:
câmera digital
aceita dois chips
entrada para cartão 32 GB
rádio fm
entrada para fones
função lanterna
bateria que dura 7 dias!
Uma semana inteira de tranquilidade sem se preocupar em carregar o celular.
POR APENAS:
3x R$ 66,64
Antes: R$ 249,90 - Economize R$ 50.00
Atenção: 143 unidades
Loja VIRTUAL
Pronta entrega para todo o Brasil.
Compre ONLINE
safarishop.com.br
Compre 7 dias por semana, 24 horas por dia
Ou ligue GRATIS para comprar
0800-777-8204
Atendimento de 2a a 6a feira de 8:00h às 20:30h
Plantao neste Domingo 23 Abril ate 16:00h
safarishop
outlet
safarishop.com.br/OUTLET

SOBEDESCE

SOBE

MEMÓRIA
Cientistas de Stanford injetaram plasma do sangue umbilical de humanos em ratos e verificaram reversão da perda de memória. Testes em pessoas indicarão se o método pode tratar doenças como Alzheimer

SPOTIFY
A empresa estendeu a 35 países, incluindo o Brasil, o desconto de 50% para estudantes universitários que já vigorava na Dinamarca, nos Estados Unidos e no Reino Unido

PRA CIMA DE MIM, NÃO
A ex-secretária Soninha Francine emparedou o prefeito João Doria ao negar ter saído do cargo por "decisão conjunta" e o juiz Sergio Moro desmentiu o senador Roberto Requião, que divulgou ter o aval dele no parecer sobre o projeto de abuso de autoridade

DESCE

CAIXA ECONÔMICA
A instituição virou alvo de investigação oito anos depois de comprar uma fatia do banco PanAmericano. A Polícia Federal suspeita de fraude na operação

BILL O'REILLY
Principal estrela da Fox News, o comentarista político foi demitido três semanas depois de o *New York Times* publicar detalhes das acusações de assédio sexual contra ele feitas por cinco mulheres

GENERAL MOTORS
A empresa decidiu fechar as portas na Venezuela depois que o regime de Nicolás Maduro confiscou uma de suas unidades. A GM tem 2700 funcionários no país

A LISTA

5 SINAIS DE QUE O DESEMPREGO COMEÇA A DIMINUIR, SEGUNDO O IPEA

1. DIPLOMA EM ALTA
O número de pessoas com formação superior que estão empregadas cresceu 2,5% em 2016, apesar de o desemprego ter alcançado 12,6% da população no ano passado

2. PROCURA POR IDOSOS
O número de empregados com idade acima de 59 anos aumentou 1,1% entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior

3. MAIS FORMALIDADE
A formalização do mercado de trabalho teve ligeira alta: passou de 61%, no primeiro trimestre de 2012, para 65%, no trimestre terminado em fevereiro deste ano

4. MELHORA SALARIAL
O avanço do emprego também impactou os salários, que tiveram aumento real de 1,4% no trimestre terminado em fevereiro de 2017 em relação ao mesmo período de 2016

5. SETORES AQUECIDOS
Os segmentos de alimentação e alojamento, que englobam restaurantes e hotéis, tiveram alta de 9% na criação de vagas entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017

NIGHT
GLAM
LINCE
SINCE 1991
LINCERELOGIOS.COM.BR
@LINCERELOGIOS
FACEBOOK.COM/LINCERELOGIOS

CLUBECAFÉ

O primeiro clube de assinaturas de café gourmet do Brasil!

Assine agora o **ClubeCafé** e receba todo mês nosso café gourmet fresquinho, sem deixar o conforto de sua casa! Desfrute de produtos 100% arábica, nas versões em cápsulas, em grãos e em pó, de excelente qualidade e escolhidos por técnicos experientes do mercado.

Planos a partir de R$29,90 por mês.

1. Acesse o site GoBOX e crie a sua conta.
2. Escolha o seu plano.
3. Faça a sua assinatura informando seus dados e o seu cartão de crédito.
4. Receba todo mês, no conforto da sua casa, a sua caixa de café.

www.assinegobox.com.br

Assine já

www.assinegobox.com.br

GoBOX

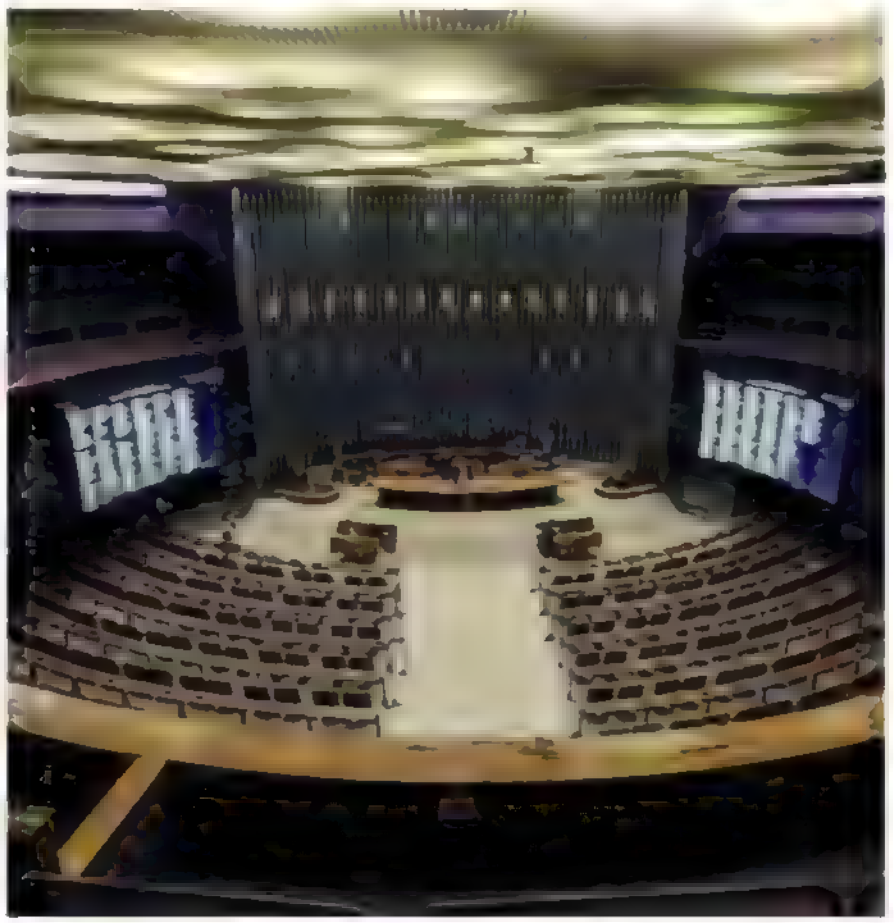
GRUPO Abril

ANO I • XVIII

Sensacionalista
isento de verdade

26 ABR 2017

Delações de Cunha e Palocci podem fazer Brasília voltar a ser o deserto que era antes de JK



Ambientalistas do mundo inteiro já estão reservando passagens para o Brasil para acompanhar ao vivo o nascimento de um novo deserto no planeta. Se as delações de Cunha e Palocci forem confirmadas, Brasília será um deserto maior do que a lista dos políticos que não receberam propina da Odebrecht.

A capital do país voltaria ao estado em que estava antes de Juscelino Kubitschek e o Brasil retrocederia 50 anos em cinco.

A situação, porém, não seria irreversível. Bastaria transformar o deserto em ponto turístico e entregar a sua administração ao governo, com a determinação de que continuasse sendo um deserto. Em poucos anos, viraria mar.

RECUSOU

convite de Temer para vir ao Brasil o papa Francisco. Trabalhando aos 80, não quer ser garoto-propaganda da reforma da Previdência.

COMPROU

uma almofadinha o ex-presidente Lula, para aliviar a coluna ao escutar suas 87 testemunhas de defesa.

DESAFIOU

o Judiciário o presidente Michel Temer, ao chamar de "delação qualquer" a da Odebrecht, já conhecida como "a mãe de todas as delações"

Doria está usando disfarce de não candidato desde que assumiu e ninguém percebeu

Um assessor do prefeito João Doria confirmou que o seu disfarce constante ainda não foi descoberto pelos eleitores. Doria garante que não é candidato, faz discurso dizendo que apoia Alckmin mas já carrega, inclusive, santinhos no bolso da calça.

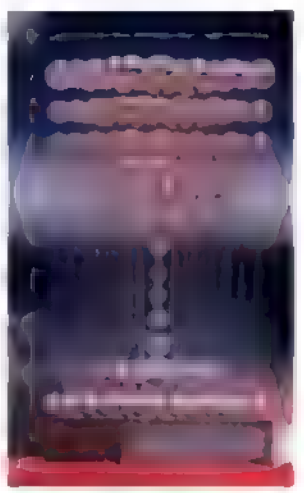
Na semana passada, um colaborador descobriu uma nota fiscal de faca Ginsu em nome de Doria. Especula-se que ele está afiando a faca para usar em Alckmin pelas costas.

SOBE

mais um míssil de Kim Jong-un para intimidar os EUA

DESCE

para a Austrália a armada de Trump que ia pra Coreia do Norte. Suspeita-se que o comandante era da Uber



STF dá Brasileirão de 87 ao Sport e Aécio acha que ainda pode assumir a Presidência

Num dia em que estava sem nada para fazer, o Supremo Tribunal Federal (STF) resolveu se debruçar sobre um processo que preocupa o Brasil. Afinal, quem foi o campeão do Campeonato Brasileiro de 1987? O ministro Marco Aurélio Mello reconheceu o Sport como o vencedor da disputa, mas ainda cabe recurso ao colegiado, já que a decisão foi individual. "Todo mundo tenta, mas só o Flamengo é penta", disse o ministro.

Na próxima semana o Supremo também vai decidir outra questão que inquieta os brasileiros. Por que o menino do Acre continua sendo chamado de "menino" se ele já tem 24 anos?

GUARDANAPO Sérgio Côrtes: carcereiros de Bangu fizeram justa homenagem

Doce ironia

Preso recentemente, o ex-secretário de Saúde do Rio **Sérgio Côrtes** foi recebido em Bangu com uma manifestação apoteótica: os carcereiros do complexo celebraram sua chegada com lenços brancos na cabeça. Como se sabe, Côrtes é um dos ícones da Turma do Guardanapo, a quadrilha de Sérgio Cabral que comemorava em Paris os milhões surrupiados por aqui.

Fortes evidências

Na avaliação da Procuradoria-Geral, as provas mais robustas entregues pelos delatores da Odebrecht são as que atingem José Serra e Romero Jucá. Ambos já poderiam ter sido denunciados. Aécio Neves vem logo atrás.

Longe do povo

Serra e Aécio, aliás, têm evitado lugares públicos (aeroportos, por exemplo) desde a eclosão das delações. Não é por vergonha, mas para não correr o risco de que eventuais xingamentos sejam filmados e os vídeos se espalhem na internet.

10 000 reais de salão

Entre outras revelações mais bombásticas, o casal João Santana e Mônica Moura vai confirmar na delação que pagava ao cabeleireiro Celso Kamura para dar um trato na imagem de Dilma Rousseff. Valor? 10 000 reais por mês.

É melhor não saber

Muito doente e com Alzheimer, a mãe da ex-presidente, que se chama Dilma Jane da Silva, até hoje não sabe do impeachment da filha.

Fórum da Lava-Jato

O Lide, empresa de João Doria, faz neste fim de semana um seminário em Foz do Iguaçu. Entre as atrações, sete citados na Lava-Jato. ACM Neto receberá um prêmio e os outros seis serão expositores. Dois são ministros: Antonio Imbassahy e Bruno Araújo.

Cadê o resto?

No acordo que fez com a PGR, Sérgio Machado se comprometeu a devolver 75 milhões de reais aos cofres públicos Até agora, só entregou 2 milhões.

O choro é livre

Acusado de receber propina travestida de doação oficial, Valdir Raupp não se conteve e desabou em lágrimas durante audiência com Edson Fachin.

Que viagem

O ministro do TCU Benjamin Zymler usou 6 900 reais em diárias para ir ao seminário de Gilmar Mendes em Lisboa. Embora só fosse palestrar na terça (18), embarcou antes da Páscoa. Detalhe: o evento é privado.

Temer X FHC

Em seu último livro, Fernando Henrique Cardoso diz que a reforma da Previdência de 1996 foi desfigurada pelo relator do projeto, o então deputado Michel Temer. O atual presidente rebate: "Ele pedia para aprovarmos o que fosse, pois o importante era o simbolismo".

Saudade de João Santana

Até os petistas mais fanáticos acharam fraco o programa de TV da legenda, feito pela agência Entrelinhas. A pouco mais de um ano da eleição, o PT não tem candidato (Lula pode ser preso) nem marqueteiro definidos.

Dupla personalidade

Um importante aliado de Temer quer convencer o presidente a estipular um prazo para Renan Calheiros. O senador teria até 8 de maio, quando começa a votação da reforma da Previdência, para definir se é governo ou oposição. "Tem de trazer ou isolar. No meio do caminho não dá."

MAURICIO LIMA

Novo caminho

Filiado ao Partido Novo, o ex-técnico Bernardinho fará duas palestras para que a legenda levante fundos para a campanha de 2018. Depois da Lava-Jato, o namoro com o PSDB terminou.

Mais um rombo

A Petrobras reconheceu em balanço uma possível perda de 5,4 bilhões de reais no processo que a americana EIG move contra a estatal em Washington. A estrangeira culpa a empresa brasileira por ter investido na Sete Brasil.

Por pouco

Alvo da Operação Conclave, o banqueiro André Esteves escapou do constrangimento da busca e apreensão que ocorreu em sua casa e no escritório do BTG. Um dia antes, ele se internou no Sírio com pneumonia.

Fim do luto

Viúva de Edson Bueno, fundador da Amil, morto recentemente, Solange Medina deseja abrir o apartamento da família em Nova York para homenagear João Doria, em maio.

VELOCIDADE Fittipaldi: credores logo pediram o bloqueio do dinheiro

Juntos somos fortes

Os CEOs de doze montadoras instaladas no Brasil (entre elas Fiat, Volkswagen, Ford, Toyota, Honda, Hyundai e GM) vão se reunir com Temer na terça-feira 25 para pedir apoio a um projeto de modernização da indústria. Os últimos anos têm sido muito duros para o setor automobilístico.

Recordar é viver

Na negociação com a NET, que deve ser fechada em breve, ficou acertado que RedeTV, Record e SBT farão dois novos canais, ambos com conteúdo reprisado. Um será nos moldes do Viva, da Globosat, com novelas, e o outro, com shows de Silvio Santos a Sabrina Sato.

Reação veloz

Os credores de **Emerson Fittipaldi** foram rápidos. Bastou o ex-piloto lançar seu novo carro no salão de Genebra para eles entrarem na Justiça pedindo o bloqueio do dinheiro que Emerson vai receber. Chamado EF7, o esportivo é uma parceria com a Pininfarina. ■

Com Gabriel Mascarenhas e Thiago Prado. NOTAS EM WWW.VEJA.COM

Serra quer Lula candidato em 2018

Uma cena ocorrida durante um jantar oferecido por Eunício Oliveira, há cerca de dez dias, revela como a delação da Odebrecht uniu PT, PSDB e PMDB na esquina do desespero. Na ocasião, tucanos e petistas defendiam abertamente a aprovação do projeto de lei sobre abuso de autoridade, que endurece punições a procuradores e juízes. Depois de ouvir elogios dos colegas à proposta, Jorge Viana alertou sobre a situação de quem lhe interessa. Disse que a iniciativa, embora bem-vinda, não altera em nada a situação de Lula, ameaçado de ser preso. Eis que a frase de consolo partiu de **José Serra**, deixando claro que o medo hoje é pluripartidário em Brasília. "Não. Lula tem de ser candidato em 2018. Tem legitimidade."

Edição: **RINALDO GAMA**

RODRIGO CAIO, jogador do São Paulo, ao explicar sua atitude na partida contra o Corinthians: ele disse ao árbitro que Jô, atacante adversário, não havia tocado no goleiro são-paulino Renan, o que fez com que o juiz anulasse o cartão amarelo mostrado ao corintiano. Em tempos de Lava-Jato, a postura de Caio, que deveria soar banal, ganhou dimensão heroica

“Se foi certo ou não, é da consciência de cada um. Eu prefiro a mãe dos meus adversários chorando do que a minha.”

MAICON, zagueiro e capitão do São Paulo, numa bola-fora ao comentar o que Rodrigo Caio fez em campo

MV

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA À DECLARAÇÃO DE MAICON

“O que adianta passar mensalão, petrolão, e daqui a pouco vem outro ‘ão’, sem mudar mecanismos de prevenção?”

ALEXANDRE DE MORAES, ministro do Supremo Tribunal Federal, tentando sair da rima para uma solução, durante almoço promovido em São Paulo pelo Grupo de Líderes Empresariais (Lide), entidade criada pelo prefeito João Doria – ao lado de quem Moraes se sentou

“Política é para políticos. Não dá para imaginar que um gestor competente vai solucionar os problemas do Brasil. O que o país precisa é de bons políticos.”

ROBERTO SETUBAL, presidente do Itaú, em um evento realizado por seu banco na capital paulista. Setubal não citou, mas quem costuma se apresentar como gestor e não como político é João Doria

“Acho que o Brasil esgotou o ciclo da impunidade, pelo menos da segurança da impunidade. (...) falta resolver a incompetência, que é a máquina pública.”

MIRO TEIXEIRA, decano da Câmara Federal (Rede-RJ) – este é o seu 11º mandato –, em *O Globo*. Teixeira foi ministro das Comunicações (2003-2004) no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva

“Acredito em Deus, e rezo todos os dias para que não tenha a necessidade de cassar o mandato de nenhum colega.”

ELMAR NASCIMENTO, deputado federal (DEM-BA), o novo presidente do Conselho de Ética da Câmara, na *Folha de S.Paulo*

© BAPTISTÃO [illegible]

"Nós precisamos deixar nossa geração e as outras gerações saber que, se você não está se sentindo bem, não está sozinho e as pessoas que você pensa que nunca teriam um problema, na verdade, têm."

LADY GAGA, cantora e atriz americana, em conversa, via FaceTime, com o príncipe inglês William, a respeito da campanha sobre saúde mental lançada pela família britânica, da qual ela participará. Gaga disse que passou por fases nas quais "acordava todos os dias triste e tinha de ir para o palco"

"Eu não podia encostar na ferida."

PRÍNCIPE HARRY, da Inglaterra, ao admitir, no jornal britânico *The Telegraph*, que procurou ajuda psicológica quatro anos atrás, para poder lidar com a morte de sua mãe, a princesa Diana, em 1997. Na época do acidente que matou Lady Di, ele tinha 12 anos

"Eu não me importo com quanto vou ganhar. Estou em uma indústria em que somos bem recompensados. Só não quero estar em um set de filmagens em que uma pessoa que faz o mesmo trabalho que eu ganhe cinco vezes mais."

JESSICA CHASTAIN, atriz americana, duas vezes indicada ao Oscar, defendendo, na revista *Variety* (EUA), a igualdade salarial entre homens e mulheres em Hollywood

Novamente
a rádio mais
ouvida do Brasil
Fonte: Ibope Tagwave
April 2017
ANTENA
antena1.com.br

ANTONIO LACERDA/EFE

FULMINADO

As revelações dos executivos das empreiteiras Odebrecht e OAS mostram um Lula movido a propina, que terceirizou o governo do PT e enriqueceu a si próprio e à sua família com dinheiro desviado dos cofres públicos – não só quando era presidente da República, mas, principalmente, depois que deixou de sê-lo

THIAGO BRONZATTO, ROBSON BONIN E HUGO MARQUES

Não sobrou nada. O fulminante depoimento do empreiteiro Léo Pinheiro, ex-presidente da OAS, ao juiz Sergio Moro destruiu o pouco, ou quase nada, que restava do capital moral do ex-retirante nordestino tornado metalúrgico mais tarde e, por fim, eleito duas vezes presidente da República. Na qualidade de amigo íntimo e cúmplice de Lula, além de mantenedor de sua família, Léo Pinheiro revelou que:

■ Sim, o ex-presidente era proprietário oculto de um apartamento tríplex no Guarujá.

■ Sim, em 2013, a pedido dele e de sua mulher, Marisa, o imóvel foi reformado pela empreiteira OAS.

■ As despesas foram pagas com dinheiro desviado dos cofres da Petrobras.

■ A empreiteira mantinha uma conta-propina para usufruto de Lula e operada por João Vaccari Neto, então tesoureiro do PT, no valor de 15 milhões de reais.

■ Dessa conta, saiu o dinheiro que bancou a compra do apartamento, sua reforma e ainda parte das obras de ampliação de um sítio em Atibaia.

E a mais grave das revelações: Lula pediu a Léo Pinheiro que destruísse provas dos pagamentos feitos em benefício dele: "Você tem algum registro de algum encontro de contas, de alguma coisa feita com o João Vaccari? Se tiver, destrua".

O depoimento de Léo Pinheiro foi a pá de cal em uma semana já extraordinariamente dramática para Lula. Nos últimos dias, revelações avassaladoras sobre o petista saltaram do cesto de delações da Odebrecht. O engenheiro da construtora Emyr Diniz Costa Júnior, por exemplo, afirmou que a empreitei-

O LADO ESCURO DE LULA

Além de se beneficiar de propinas e favores, Lula envolveu os filhos, a mulher, um irmão e um sobrinho em dinheiro sujo das empresas

	O QUE DIZEM OS DELATORES	A VERSÃO DE LULA
A PROPINA DE 40 MILHÕES	A Odebrecht mantinha uma conta secreta com saldo de 40 milhões de reais para bancar as despesas do ex-presidente	Afirma que nunca solicitou recurso indevido à empreiteira
VENDENDO O BNDES	Lula pediu 40 milhões de dólares à Odebrecht em troca da aprovação de um financiamento do banco estatal	Diz que jamais solicitou recurso indevido à empreiteira
PALESTRAS MILIONÁRIAS	Palestras foram usadas como forma de retribuir ao ex-presidente a ajuda que ele dava às empreiteiras	Empresas pagaram 27 milhões de reais para ouvir as avaliações de conjuntura do ex-presidente
O TRÍPLEX NO GUARUJÁ	O apartamento é de Lula e foi comprado com dinheiro de propina da OAS	Houve apenas uma opção de compra da cobertura no Guarujá, avaliada em 2,5 milhões de reais
O SÍTIO DE ATIBAIA	A propriedade foi reformada com dinheiro da Odebrecht e com o conhecimento de Lula	Ele nega que seja dono do sítio e que tenha solicitado algum favor
O TERRENO DO INSTITUTO	A empreiteira usou dinheiro sujo da "conta Amigo" para comprar o terreno onde seria a nova sede do Instituto Lula	Diz que o terreno nunca foi do Instituto Lula, tampouco foi posto à sua disposição
O ESQUEMA DE CORRUPÇÃO NA PETROBRAS	Lula sabia e participava do esquema de corrupção na Petrobras	Ele nega o envolvimento com qualquer irregularidade
O CAIXA DOIS	A campanha presidencial de Lula à reeleição foi financiada com dinheiro ilícito da Odebrecht	Todos os recursos das campanhas foram recebidos de forma legal

O AMIGO Léo Pinheiro, o empreiteiro que compartilhava da intimidade do ex-presidente, contou tudo

ra gastou 700 000 reais na reforma do sítio de Atibaia e que o dinheiro saiu do departamento de Operações Estruturadas da construtora, o hoje notório "departamento de propinas". Contou ainda que teve de comprar um cofre ("Desses que vendem na rua, em caminhões") para guardar o dinheiro vivo que semanalmente entregava em parcelas de 100 000 reais ao "senhor Aurélio" — que vem a ser Rogério Aurélio Pimentel, assessor que acompanha Lula e sua família há quase vinte anos. Aurélio, disse o engenheiro, era o encarregado de pagar fornecedores da reforma. Terminada a obra, Costa Júnior revelou que recebeu ordens de Alexandrino Alencar, um dos principais executivos da empreiteira, para ir ao escritório de Roberto Teixeira, advogado de Lula, e fornecer a ele informações que permitissem camuflar o envolvimento da construtora na reforma do sítio. O advogado, então, forjou um contrato de prestação de serviços entre Fernando Bittar, oficialmente o dono da propriedade, e o empresário Carlos Rodrigues Prado, dono de uma pequena empreiteira na região.

"Você tem algum registro de algum encontro de contas? Se tiver, destrua"

Os depoimentos dos delatores da Odebrecht também puseram a pique um a um os argumentos até agora apresentados pelo ex-presidente em sua defesa. Alexandrino Alencar afirmou que a contratação de palestras de Lula não passava de uma forma de remunerar o ex-presidente pela "ajuda" que ele deu à construtora durante muitos anos. "O primeiro *(objetivo)* foi conseguir um projeto que pudesse remunerar o presidente, o ex-presidente Lula, face ao que ele fez durante muitos anos para o grupo e que fosse de uma maneira lícita, transparente" — lícita e transparente, na visão do delator. Veio também de Alencar a informação de que, depois de sair do Palácio do Planalto, Lula intercedeu para que a Odebrecht financiasse um projeto empresarial de seu filho caçula, Luis Cláudio

Lula da Silva. Em troca, o petista se dispôs a contribuir para "melhorar a relação" de Marcelo Odebrecht com a então presidente Dilma Rousseff.

As delações da Odebrecht escancaram o fato de que Lula usou a empreiteira não apenas para beneficiar o PT, o governo e aliados, mas para enriquecer a si próprio e à sua família. Marcelo Odebrecht revelou, por exemplo, que foi a pedido de Lula que a construtora contratou a empresa de Taiguara Rodrigues, sobrinho do petista. Segundo o ex-presidente da Odebrecht, Taiguara não tinha nenhuma experiência na área de construção e montou a empresa somente para fazer uso da influência de Lula. Além de "cuidar" do sobrinho e do filho caçula de Lula, a construtora bancava uma mesada de 5 000 reais para um irmão do ex-presidente, José Ferreira da Silva, conhecido como Frei Chico.

Nada, porém, é mais revelador da voracidade com que o petista se locupletou das benesses da empreiteira do que a história a seguir. Marcelo Odebrecht afirmou ao juiz Sergio Moro que, em 2010, o ex-ministro Paulo Bernardo, usando o nome de Lula, pediu propina para o governo liberar uma linha de financiamento de 1 bilhão de dólares para a empresa junto ao BNDES. Pela liberação do empréstimo, a empreiteira pagou nada menos que 64 milhões de reais ao ex-presidente. O dinheiro, disse o herdeiro da empreiteira, foi creditado na conta secreta mantida pela Odebrecht para uso de Lula e do PT — a também já notória conta "Amigo", o apelido de Lula na contabilidade clandestina da empresa.

Lula nunca gostou de Marcelo Odebrecht, e vice-versa. Com Emílio,

O BRUXO João Santana, o marqueteiro das campanhas petistas: eleições compradas com dinheiro de corrupção

o pai, no entanto, a relação do petista era muito melhor — mas, ainda assim, mais distante do que a que Lula tinha com Léo Pinheiro. A amizade entre o ex-presidente e o dono da OAS era descrita pelo próprio empreiteiro como uma "cumplicidade de boteco". Léo Pinheiro era o amigo que se sentava à mesa, ouvia — e testemunhava — as histórias mais íntimas do líder petista. No final, tudo morria ali, entre os dois. Dessa discrição e parceria brotou um relacionamento duradouro. O sucesso de um levou ao do outro. Até que Léo Pinheiro foi parar atrás das grades, enrolado no esquema do petrolão. Encurralado, assim como seus colegas empreiteiros, começou a negociar um acordo de delação.

As reformas do sítio e do tríplex não foram os únicos favores feitos pelas empreiteiras para manter Lula em seu quadro de funcionários. Em agosto do ano passado, VEJA revelou os principais pontos do acordo de delação que Léo Pinheiro pretendia fazer. Ele prometeu dar pormenores sobre como o ex-presidente e seus familiares se locupletaram de recursos desviados dos cofres públicos pela construtora. Depois de VEJA expor os detalhes da delação, que incluía um capítulo dedicado ao ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, a Procuradoria-Geral da República suspendeu o acordo.

Lula, Odebrecht e OAS eram um mesmo conglomerado, pode-se dizer. Juntos, saquearam os cofres públicos e compraram o poder, no Brasil ou no exterior. Na semana passada, o marqueteiro João Santana e sua mulher, Mônica Moura, revelaram que as campanhas políticas em Angola, em El Salvador, no Panamá e na Venezuela também foram bancadas pela Odebrecht. No Brasil, segundo João Santana, a reeleição de Lula à Presidência, em 2006, a eleição e a reeleição de Dilma, em 2010 e 2014, foram custeadas com dinheiro sujo. Diferentemente do mensalão, o discurso do "eu não sabia" não colou mais. Antigos aliados de Lula resolveram abandonar o partido. Os empreiteiros, com o passar do tempo, pularam do barco. Parlamentares mudaram de time. Mais recentemente, a senadora Ângela Portela, de Roraima, trocou o PT pelo PDT e disse que, na nova legenda, deverá encontrar melhores condições de oposição. Até um dos ícones da esquerda mundial, o professor americano Noam Chomsky, escancarou a sua desilusão com o PT numa entrevista ao programa *Democracy Now*: "É doloroso ver que o Partido dos Trabalhadores no Brasil — que implantou medidas significativas — simplesmente não pôde manter as mãos fora da caixa registradora.

A SOCIEDADE Emílio e Marcelo Odebrecht *(sentado)* e o tríplex no Guarujá *(acima)* comprado para Lula com dinheiro oriundo do esquema de corrupção na Petrobras

Juntou-se à elite extremamente corrupta, que está roubando o tempo todo, tomou parte *(no esquema)* e desacreditou-se".

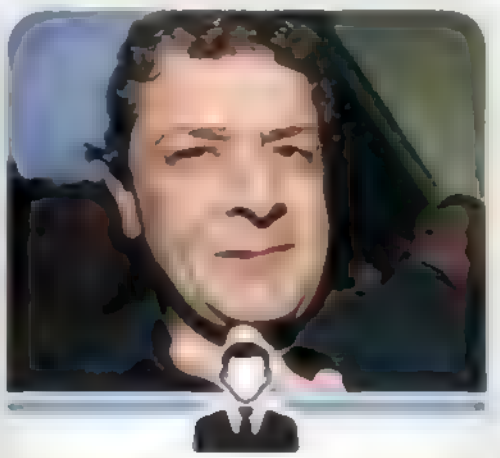
Entre julho e dezembro de 2016, o ex-presidente virou réu em cinco processos, em Brasília e Curitiba. O petista é acusado de ter praticado os crimes de lavagem de dinheiro (211 vezes), corrupção passiva (dezessete vezes) e tráfico de influência internacional (quatro vezes), além de organização criminosa e obstrução de Justiça. Apontado por investigadores da Lava-Jato como o chefe do petrolão, daqui a uma semana o ex-presidente estará frente a frente com o juiz Sergio Moro. Prestará depoimento na ação em que é acusado de ser o verdadeiro dono do tríplex do Guarujá. Militantes e parlamentares foram convocados para viajar até Curitiba. A ideia é mostrar o poder de mobilização do PT e tentar impedir, pela

A FAMÍLIA NA FOLHA DAS EMPREITEIRAS

O ex-presidente tinha uma conta-propina de 40 milhões de reais com a Odebrecht e outra de 15 milhões de reais com a OAS

MARISA LETÍCIA

A ex-primeira-dama articulou com a Odebrecht a reforma do sítio de Atibaia e com a OAS a "compra" do apartamento triplex no Guarujá



FÁBIO LUÍS

O filho mais velho do ex-presidente recebeu mais de 80 milhões de reais do conglomerado que tinha entre os seus acionistas a Andrade Gutierrez

LUÍS CLÁUDIO

O filho mais novo de Lula foi financiado em 130 000 reais pela Odebrecht para virar um empresário do ramo esportivo

TAIGUARA RODRIGUES

O sobrinho do ex-presidente, ex-vidraceiro, recebeu 31 milhões de reais da Odebrecht por um serviço que nunca prestou

FREI CHICO

O irmão do ex-presidente recebeu uma mesada de 5000 reais da empreiteira Odebrecht por mais de uma década

via da intimidação, uma cada vez mais provável prisão de Lula.

Não que o depoimento de Léo Pinheiro obrigue automaticamente a Justiça à medida. Destruir provas é crime e um passaporte para a cadeia, mas esse ainda não será o caso de Lula. Segundo a ministra aposentada do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Eliana Calmon, não existe o princípio da urgência nem a prova definitiva do crime para justificar uma medida cautelar mais dura neste instante. "Por enquanto, é a palavra de um contra a palavra de outro. A prisão não deve ser aplicada porque não existe mais a imediaticidade do fato nem uma prova cabal da acusação. Mas é um depoimento em que o dito deve ser investigado e pode ser que, na sequência, se chegue à veracidade dessa afirmação."

O veredicto do ex-presidente deverá sair até junho deste ano. Se for condenado em primeira e segunda instâncias até o início do próximo ano, seus planos de disputar as eleições presidenciais em 2018 estarão definitivamente sepultados e, junto com eles, sua trajetória política — uma história que já teve momentos de grandeza e que em algum momento tomou um rumo sem volta. Um fim melancólico aguarda o ex-presidente Lula. ■

REDOMA Apesar da cachoeira de acusações, Temer manteve o critério: afastamento só com denúncia do Ministério Público

OS INCOMODADOS QUE SE RETIREM...

...mas, até a semana passada, dos oito ministros acusados nas delações da Odebrecht, nenhum deu sinal de desconforto **DANIEL PEREIRA**

FERNANDO PEREIRA/---

ASSIM QUE o conteúdo da videoteca da Odebrecht veio a público, revelando a farra propineira em que se transformou a política nacional, o presidente Michel Temer começou uma ofensiva para distanciar-se das denúncias. Acusado de participar de uma reunião em que se discutiu o pagamento de uma propina de 40 milhões de dólares ao PMDB, Temer fez um vídeo dizendo que era "mentira absoluta", deu longa entrevista à Rede Bandeirantes e, por mais de uma vez, fez questão de afirmar que seus ministros agora delatados não serão demitidos, mas têm total liberdade para pedir demissão caso "se sintam incomodados" em permanecer no cargo.

É uma estratégia engenhosa cujo objetivo é não se indispor com ninguém. A um só tempo, Temer acena ao eleitorado e aos políticos. Diz-se intolerante com a corrupção, mas também não toma nenhuma providência contra os acusados. Ao se reunir com aliados na terça-feira, chegou a declarar o seguinte: "Há um problema sério no país, vocês sabem disso. Há questões das mais variadas, que muitas e muitas vezes visam, digamos assim, a desprestigiar a classe política, e nós todos precisamos resistir. Eu tenho resistido enquanto posso". Temer não explicou quais são as "questões" que têm por objetivo "desprestigiar a classe política". Mas, se fazia referência aos estragos da Lava-Jato, errou o alvo: a classe política desprestigiou a si própria, cometendo ilícitos de toda sorte, e não o contrário.

Temer precisa do apoio dos políticos, mesmo dos enrolados na Lava-Jato, tanto para manter-se sentado na cadeira presidencial quanto para aprovar as reformas das quais depende o futuro do Brasil. É natural que procure protegê-los, mas até para isso existe um limite. O fato é que, decorrida uma semana das delações da Odebrecht, nenhum de seus ministros deu sinal de incômodo. Com base nas delações da empreiteira, o ministro Edson Fachin, relator da Lava-Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), abriu inquéritos contra oito dos 28 ministros de Temer. Fazem parte do grupo os dois principais auxiliares do presidente: Eliseu Padilha, da Casa Civil, e Moreira Franco, da Secretaria-Geral da Presidência. Segundo delatores, Moreira pediu propina à Odebrecht quando era ministro da Secretaria de Aviação Civil (SAC), no governo Dilma, e indicou Padilha para receber a grana. Padilha é peça-chave em outra denúncia, decorrente do famoso jantar no Palácio do Jaburu que contou com a presença do próprio Temer e no qual ficou combinado um repasse da Odebrecht de 10 milhões de reais, em dinheiro vivo.

na solicitação por Eliseu Padilha e Moreira Franco de recursos ilícitos em nome do PMDB e de Michel Temer, a pretexto de campanhas eleitorais".

Temer só não responde a inquérito por envolvimento nos mesmos casos de Padilha e Moreira porque, no entendimento do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, presidente não pode ser investigado por fatos anteriores ao exercício do mandato. No caso do jantar no Jaburu, Temer garante que o pedido de ajuda de 10 milhões era regular e legal. No caso da reunião em seu escritório político em São Paulo, na qual foram negociados os 40 milhões de dólares, Temer diz que jamais se falou em valores e que só esteve presente porque o ex-presidente da Odebrecht Enge-

A um só tempo, Temer acena ao eleitorado e aos políticos denunciados. Diz-se intolerante com a corrupção, mas não toma nenhuma providência

Na semana passada, Temer voltou a reafirmar seus critérios para demitir algum delatado. "Não vou demitir simplesmente porque alguém falou, é preciso provas robustas. Se vier a denúncia, não significa culpabilidade completa, mas terá fortíssimas indicações de que essa delação é correta", disse ele, em entrevista à rádio Jovem Pan. Os casos envolvendo Padilha e Moreira são particularmente delicados para Temer. Afinal, os dois são acusados de obter "recursos ilícitos" para o grupo liderado pelo próprio presidente. Eis o que escreveu o relator Fachin, ao autorizar o inquérito contra os dois ministros: "Há fortes elementos que indicam a prática de crimes graves, consistente

nharia Industrial Márcio Faria da Silva queria conhecê-lo. Eduardo Cunha, da prisão, divulgou um bilhete desmentindo Temer, publicado pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Cunha escreveu que o encontro com o executivo foi marcado a pedido do próprio presidente. Além de Padilha e Moreira, estão sob investigação Gilberto Kassab (PSD), Bruno Araújo (PSDB), Aloysio Nunes Ferreira (PSDB), Blairo Maggi (PP), Marcos Pereira (PRB) e Helder Barbalho (PMDB). Todos são da base de apoio ao governo. Blairo Maggi até reconheceu certo desconforto com as delações, mas depois de um dedo de prosa com Temer manteve-se no cargo. ■

CORRIDA MALUCA

Depois da hecatombe da Lava-Jato, o cenário de terra arrasada começa a dar lugar a uma paisagem repovoada por novas espécies – todas à espera da largada **BRUNA NARCIZO E RENATO ONOFRE**

ATÉ AS EMAS que habitam os gramados do Palácio do Planalto sabem que não há vácuo em política. Assim, quando se olha o cenário das eleições presidenciais de 2018, a paisagem de terra arrasada produzida pela hecatombe das delações da Lava-Jato vai rapidamente dando lugar a outra. Nela, em vez dos políticos tradicionais, o que se vê é um repovoamento algo desordenado de novas espécies.

Elas incluem desde o empresário, ex-apresentador de TV e recém-empossado prefeito de São Paulo João Doria até o (ainda) apresentador de TV Luciano Huck e o ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga. Doria começou a aparecer nas pesquisas de intenção de voto espontânea para presidente pouco depois de assumir a prefeitura e segue em trajetória ascendente. Em levantamento do Ibope divulgada na quinta-feira, seu nome alcançou 24% de potencial de votos. Huck é uma das apostas do Partido Novo, de olho na popularidade do apresentador e em sua "descontaminação" política. Arminio Fraga, por ora, não passa de uma menção — ainda que cada vez mais frequente — feita em círculos empresariais de São Paulo e do Rio, desejosos de um nome "técnico" e identificado com o mercado.

O cenário pós-hecatombe para 2018 é heterogêneo sob vários aspectos. Reúne candidatos a candidatos, candidatos que juram não ser candidatos, não candidatos que não descartam a possibilidade de virar candidatos e aqueles que não são candidatos de fato e nunca virão a ser, embora muita gente gostaria que fossem. Em uma dessas

duas últimas categorias, encontram-se o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal e relator do mensalão, Joaquim Barbosa, e o nome mais célebre da Lava-Jato, Sergio Moro. O juiz da Lava-Jato já disse que a política não o interessa. Joaquim Barbosa afirmou o mesmo no passado, e o simples fato de agora permanecer calado tem sido suficiente para alimentar a hipótese de que possa ter mudado de ideia.

Na categoria dos políticos profissionais que de bom grado já puseram seu nome no páreo estão o deputado da direita radical e fenômeno das redes sociais, o colérico Jair Bolsonaro, e o ex-ministro e ex-candidato à Presidência pelo PPS, o linguarudo Ciro Gomes, hoje no PDT. A ex-ministra e ex-candidata pela Rede, a ecológica Marina Silva, poderia ser incluída aqui também, não fosse o fato de que não é fácil saber o que ela pensa, mesmo quando sua intenção é ser clara. Duas vezes candidata, duas vezes próxima do segundo turno, Marina ainda não falou sobre suas intenções para 2018.

O único ponto que os une é o fato de não estarem na lista do Fachin nem em nenhuma outra lista da Lava-Jato

Os nomes presentes na pré-largada da corrida presidencial também têm formação, trajetória e ideologia diversas. O único ponto que os une é o fato de não estarem na "lista do Fachin" nem em nenhuma outra lista que indique suspeita de envolvimento nos casos de corrupção investigados. Estar fora da Lava-Jato virou selo de qualidade, diz o cientista político Marco Antonio Teixeira, da FGV-SP. Mas, como ele mesmo lembra, nada garante que isso seja suficiente para viabilizar uma candidatura, especialmente fora de uma estrutura partidária tradicional.

Os tucanos José Serra, Aécio Neves e Geraldo Alckmin e os petistas Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff — os nomes que monopolizaram as disputas presidenciais dos últimos quinze anos — foram todos, com maior ou menor grau de letalidade, alvejados pela Lava-Jato. Seu abate, ou a iminência dele, abre uma clareira na seara política. E a corrida maluca para ocupar cada milímetro dela já começou. ■

CARTILHA A JATO

Em livro, o procurador Deltan Dallagnol faz um inventário da Lava-Jato, rasga elogios a si próprio e convoca os leitores à defesa das 10 Medidas contra a Corrupção **MARIANA BARROS**

MARCO Dallagnol e o PowerPoint imortalizado pelo estupendo grau de amadorismo: tentativa de ser "didático"

DELTAN DALLAGNOL já provou ser um homem destemido. Número 1 da força-tarefa da Lava-Jato, o procurador de 37 anos é a face mais visível da operação — e, nessa condição, há três anos tem oferecido a cara a tapa: críticas, pressões e decisões difíceis frequentemente recaem sobre ele. Seu livro, *A Luta contra a Corrupção*, a ser lançado neste mês, revela outro de seus destemores: Deltan Dallagnol não tem medo de falar bem de si próprio. Ele conta, por exemplo, que aos 17 anos ganhou da direção do colégio onde estudava, em Curitiba, um carro como prêmio por seu desempenho no vestibular. Em vez de vangloriar-se do feito, atribuiu a conquista ao fato de ter nascido em "uma família privilegiada" — vendeu o automóvel e doou o dinheiro (não diz a quem). Dallagnol sugere conservar a postura abnegada da juventude ao afirmar que sua profissão é um exemplo de "amor ao próximo". É também generoso consigo mesmo quando fala da importância da sua participação na operação — chega a insinuar que, sem ele, talvez não existisse força-tarefa alguma. Ao relatar que hesitou quando a procuradora Leticia Martello lhe perguntou se aceitaria trabalhar no caso de lavagem de dinheiro que mais tarde viria a se tornar a Lava-Jato, ele pondera: "Se eu não tivesse aceitado o desafio de Leticia, talvez não tivesse a oportunidade de participar da investigação e não sei dizer se existiria a força-tarefa".

No livro, Dallagnol descreve ainda o desapontamento que sentiu no início da carreira, quando os casos nos quais se envolvia não chegavam à fase da condenação. Contrapõe essas experiências à redenção alcançada com a Lava-Jato (199 presos em três anos). Quase metade da obra é dedicada à descrição e à defesa das 10 Medidas contra a Corrupção, o documento ela-

borado pela força-tarefa que virou projeto de lei. Nesse ponto, a obra soa como uma convocação à militância, instada a impedir que o projeto acabe desfigurado no Congresso. O esforço de Dallagnol para vender sua cartilha resulta numa militância que chega a irritar ("Já havia acumulado frustrações suficientes em minhas tentativas de fazer o sistema de Justiça Criminal funcionar. Eu me sentia impotente como talvez você se sinta em relação à corrupção.").

Por fim, quem buscar na leitura os bastidores da maior operação anticorrupção do país sairá frustrado. O texto deve ser lido mais como um guia sobre a Lava-Jato — com o registro de suas datas, fases e alvos — do que como uma obra que deslinda a parte da operação que não veio a público. Em rara passagem de bastidores, o autor relembra o dia em que foi criticado por exibir um PowerPoint com uma imagem amadora — na concepção e na execução — destinada a "provar" a posição do ex-presidente Lula como comandante do esquema do petrolão. A intenção, justifica ele, foi ser "didático", como se todo o didatismo tivesse de comportar um embuste. Mas críticas, diz Dallagnol, fazem parte do "aprendizado institucional". Até parece que o procurador, em tom algo messiânico, acha que ele mesmo é uma instituição. ■

A LUTA CONTRA A CORRUPÇÃO, de Deltan Dallagnol (Primeira Pessoa; 320 páginas; 39,90 reais)

DORA KRAMER

GATO POR LEBRE

Antes de pensar na Presidência, Lula precisa deixar de ser réu

A DEFINIÇÃO mais precisa sobre a figura de Luiz Inácio Lula da Silva quem deu foi Golbery do Couto e Silva a Emílio Odebrecht para tranquilizá-lo quanto à inexistência de periculosidade ideológica no líder sindical que surgia em São Bernardo do Campo naqueles anos de ditadura militar já em processo de declínio.

"Emílio, o Lula não tem nada de esquerda. Ele é um *bon-vivant*", informou Golbery à época, segundo relato do empreiteiro aos investigadores da Lava-Jato. O homem era forte no regime. Chefe da Casa Civil em dois governos de generais, um dos arquitetos da "abertura lenta e gradual", identificara em Lula um adversário leal e maleável, cuja trajetória ascendente via com agrado.

Vendedor de gato por lebre, Lula nunca foi o que a construção de sua imagem pretendia que fosse. Encaixa-se perfeitamente na definição de *bon-vivant*: pessoa que não trabalha, vive de privilégios e mordomias — categoria em que pode também ser enquadrado Sérgio Cabral Filho. Não sendo de origem rica, esses tipos adquirem acesso aos luxos por meio de contatos proveitosos e a poder de uma total ausência daquele conjunto de valores que nos permitem distinguir o aceitável do inaceitável.

Assim é o Lula que emerge das delações da Lava-Jato diante do grande público: um prestador de serviços a corporações corruptas de todos os matizes e origens em troca dos prazeres da boa vida, entre os quais a delícia de desfrutar do poder de maneira indecorosa e ainda se passar por político de habilidade, honestidade e senso de justiça social nunca antes vistos no país.

A mais recente obra de ficção lançada por ele no mercado relata a disposição de se candidatar à Presidência da República e ainda bater todos os adversários para que o Brasil "volte a ser feliz". Seria delírio, não fosse fruto da tentativa de emprestar cunho político ao que pertence ao universo criminal. O truque é velho, não surpreende. Espantosa é a facilidade com que, mais uma vez, ele consegue que as pessoas comprem seu peixe. Fala-se nessa candidatura como se ela fosse perfeitamente possível do ponto de vista legal e factível sob o aspecto político-eleitoral.

Hoje, a despeito de figurar como réu em cinco processos, ele até poderia se candidatar e, eventualmente, governar. Mas a eleição é só daqui a mais de ano e meio, período durante o qual nada indica que possa haver uma melhora das condições, que, ao contrário, só pioram com o avanço das investigações. Há também um assunto em suspenso no Supremo Tribunal Federal sobre a possibilidade ou não de réus em ações penais assumirem a Presidência.

Até o pedido de vista apresentado pelo ministro Gilmar Mendes, em fevereiro passado, oito ministros já haviam votado pela proibição, formando maioria. Só isso já serviria para excluir a candidatura do campo das probabilidades. Mantidas as posições, e se não houver providenciais retardos na retomada do julgamento, é de notar que, antes de alardear a pretensão de voltar a ser presidente, Lula precisa deixar de ser réu. ■

VIGILANTES SOB SUSPEITA

A Lava-Jato mostra que os tribunais de contas, expostos a interferências políticas, participam de um jogo de cena. Nele, o Legislativo finge que fiscaliza e o Executivo finge que é fiscalizado

O ESDRÚXULO COTIDIANO que o Brasil tem vivido não é fenômeno recente. "Pense num absurdo. Na Bahia, tem precedente", dizia o político baiano Otávio Mangabeira durante o Estado Novo (1937-1945). Com essa frase singela, Mangabeira referia-se à corrupção que se alastrava pelo Estado, que, bem sabia ele, não se restringia à terra de Jorge Amado.

A naturalidade da prisão temporária de cinco membros do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro (TCE-RJ) revela que nada mais surpreende. No início de abril, eles foram levados a um complexo penitenciário em Bangu, acusados de receber propina para ignorar irregularidades em contratos e obras governamentais. Na mesma linha, as recentes revelações de executivos da Odebrecht apontam para o envolvimento do ex-governador José Serra e de representantes do Tribunal de Contas de São Paulo (TCE-SP) em contratos superfaturados do metrô paulistano.

O achaque às empreiteiras e a defesa de interesses localizados — com complacência de representantes do Legislativo e do Executivo locais, a quem o tribunal deveria fiscalizar — parecem compor a fita de terror banal que o país tem visto: escândalos de ontem são superados por escândalos de hoje.

Casos assim não se restringem ao TCE fluminense nem ao paulista. Em maior ou menor grau, conluios e distorções desse tipo são observados em outros estados, em municípios e no plano federal. É uma questão sistêmica, nacional. Os tribunais de contas são organismos de assessoramento ao Poder Legislativo — e não são "tribunais". Normalmente, contam com um corpo técnico bem qualificado e capaz de investigar com seriedade os atos do Executivo. Todavia, suas conclusões são postas para a decisão de conselheiros, que foram indicados politicamente após uma extensa barganha entre o Legislativo e o Executivo.

O fisiologismo, assim, torna o ambiente propício à extorsão e aos balcões de negócios, que comprometem as relações do Estado com seus prestadores de serviço e fornecedores. Faz-se um jogo de cena. O Legislativo finge que fiscaliza o Executivo, que finge ser controlado. Politicamente orientados, os tribunais de contas funcionam segundo o interesse de quem patrocinou conselheiros. O zelo pela coisa pública e o interesse coletivo desaparecem. A república sucumbe ao interesse pessoal.

Reformar essa estrutura é fundamental. A experiência internacional pode trazer inspiração. A Cour des Comptes francesa tem uma estrutura independente do Legislativo e do Executivo. Possui coordenação central e abrange as esferas locais, regionais e nacional. Dessa maneira, é capaz de controlar as contas públicas, apontar irregularidades e auxiliar os demais órgãos da administração de modo uniforme e a salvo de interferências políticas.

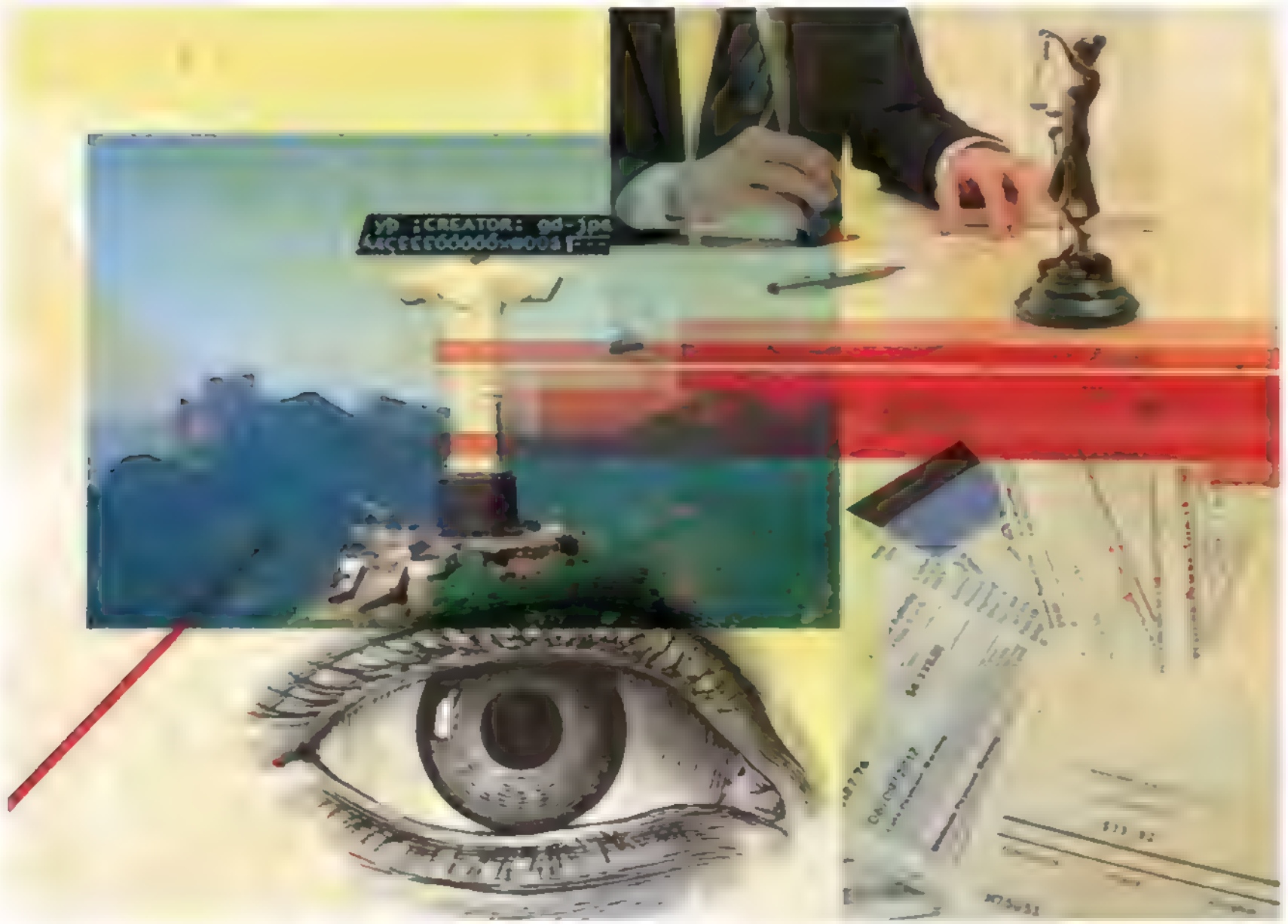
EUA e Inglaterra guardam similaridade com o Brasil. Nesses países, os principais organismos de controle são órgãos de assessoramento do Parlamento. Contudo, eles estão muito mais blindados politicamente e têm mecanismos de freios e contrapesos, que se autofiscalizam e asseguram transparência. O tribunal de contas britânico, o National Audit Office, é supervisionado por um comitê parlamentar normalmente presidido por um representante da oposição com reputação técnica. Seu correspondente americano, o Government Accountability Office, conta com uma comissão suprapartidária que sugere nomes para o cargo de controlador-geral, além de estar sujeito a processos de auditoria externa para assegurar que suas recomendações sigam os padrões desejados.

É claro que não cabe a simples cópia de modelos. A estrutura política do Brasil — partidos, sistema eleitoral e cultura cívica — conserva enorme distância dos casos acima. Ainda assim, é possível conciliá-los com o pouco do que o país já possui. Casos de sucesso não podem ser des-

Os tribunais de contas funcionam de acordo com o interesse de quem patrocinou seus conselheiros

SANDRO CABRAL E

CARLOS MELO*



cartados. A Controladoria-Geral da União (CGU) e a Controladoria-Geral do Município de São Paulo (CGM), politicamente protegidas de interesses partidários e de governos, foram responsáveis por importantes avanços.

O ataque à pequena corrupção detectada em auditorias no nível micro permite desenrolar o novelo de casos mais graves e gerais. Auditorias servem de base para investigações policiais que resultam em ações do Ministério Público, levadas à Justiça, à qual cabe ser implacável contra práticas que a sociedade não mais tolera.

O importante é estabelecer interfaces sincronizadas de modo a estimular o sistema de pesos e contrapesos e o necessário processo colaborativo entre as agências de controle. Informações devem ser compartilhadas e a luta contra a corrupção tem de ser posta em primeiro plano.

É claro que o corpo diretivo desses órgãos precisa ser tecnicamente capaz, eliminando-se a indicação política ou restringindo-a ao mínimo suportável. A nomeação para os principais postos nos tribunais de contas não pode ser tratada como um prêmio de consolação para candidatos derrotados em eleições. Também não pode ser utilizada como indicação estratégica para garantir interesses de grupos políticos ou de agentes privados.

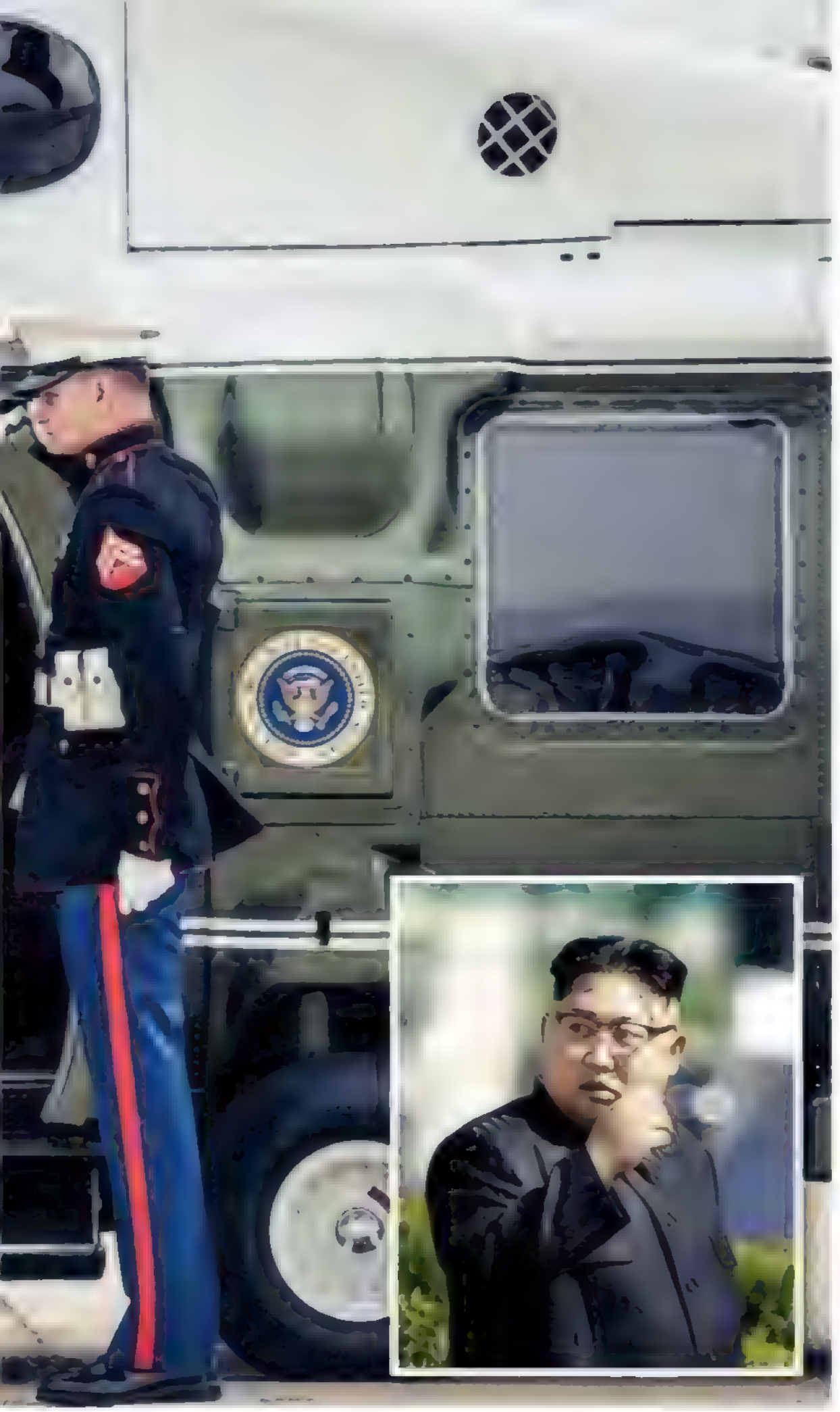
Pressões para a obtenção de maior profissionalismo e autonomia na direção desses órgãos públicos precisam ser levadas adiante. Para isso, pode-se considerar a hipótese de escolha dos dirigentes desses órgãos por voto direto de seus pares, em pleitos de meio de mandato, com duração mais longa que os termos dos poderes Executivo e Legislativo, de modo que mantenham autonomia em relação a eles.

O tema precisa ser assimilado como política pública prioritária. Mais política e menos politicagem. Mais fiscalização e menos pactos de mediocridade. Mais transparência, mais pesos e contrapesos. Naturalmente, mais discussão. O debate não deve se encerrar aqui. ■

*Sandro Cabral, doutor em administração, e Carlos Melo, doutor em ciência política, são professores do Insper

DOUTRINA SEM DOU

Com a condução caótica já habitual, Trump fala grosso com a Coreia do Norte, mas parece querer governar na base do improviso, sem plano definido de ação **JOHANNA NUBLAT**



POUCOS AMIGOS
Donald Trump responde a uma saudação ao descer do helicóptero presidencial em Wisconsin, na semana passada. No detalhe, o ditador da Coreia do Norte, Kim Jong-un

AINDA QUE O BLEFE seja do jogo da política e da diplomacia, ser flagrado sem cartas poderosas na mão após muita bravata é desconcertante. Depois de atacar uma base do ditador Bashar Assad na Síria, esperava-se que o presidente americano Donald Trump aprontasse alguma com a Coreia do Norte. Na terça-feira 11, ele tuitou que esse país estava procurando encrenca. Em uma entrevista, disse: "Estamos mandando uma armada, muito poderosa. Nós temos submarinos, muito poderosos, muito mais poderosos que um porta-aviões. Ele está fazendo a coisa errada. Ele está cometendo um grande erro". Referia-se ao ditador Kim Jong-un. Jornais do mundo inteiro falavam do porta-aviões *Carl Vinson* e sua escolta. Com o conflito iminente, a Coreia do Norte prometeu retaliar o que chamou de maníacos da guerra. "Se violarem mesmo um pouco da soberania e dignidade da República Popular Democrática da Coreia, nossas forças atacarão com precisão e sem piedade a partir da terra, do ar e do mar", ameaçou a agência estatal KCNA. Mas, na semana passada, ao tentar localizar a tal armada, o site especializado Defense News só encontrou água. Enquanto Trump fazia ameaças, o porta-aviões americano navegava em sentido contrário a Pyongyang para um exercício militar programado com a Austrália. Só depois disso é que corrigiu a rota e seguiu para a península coreana.

O vexame é próprio da condução caótica da política externa de Donald Trump, somada ainda aos desentendimentos mais ou menos sistemáticos entre os membros de sua equipe. Na semana passada, o secretário de imprensa da Casa Branca, Sean Spicer, confundiu-se com o tempo ao tentar explicar o mal-entendido que ele mesmo tinha sancio-

FORÇA Exército marcha por Pyongyang em festejos pelos 105 anos do nascimento de Kim Il-Sung, avô do atual ditador

nado: "O presidente disse que temos uma armada indo em direção à península. É um fato. Aconteceu. Está acontecendo. Na verdade".

Avesso às iniciativas que envolvem múltiplos países e que necessariamente acabam contendo seus movimentos, Trump prefere negociar com os países um a um, como se o mundo tivesse se transformado em um gigantesco balcão de negócios. É assim que ele tem se comportado com os tratados de livre-comércio, com as convenções climáticas e com a política. "A doutrina de Trump é não ter doutrina. O que ele quer é exercer o poder com flexibilidade, autonomia e sem nenhuma amarra imposta pela comunidade internacional", diz Ted Piccone, do programa de política externa da Brookings Institution.

Ao começar a exercer pressão pelo mundo, Trump ao menos tem aprendido lições importantes. Ele já sabia que, antes de fazer qualquer coisa com a Coreia do Norte, era preciso combinar primeiro com a China. Aliado de Pyongyang desde a Guerra da Coreia, nos anos 1950, o país é o principal parceiro econômico do regime do ditador Kim Jong-un e sua maior fonte de alimentos. Também é a primeira nação a querer reverter a escalada de tensão em seu quintal. A China quer manter sua influência na Coreia do Norte, pretende evitar os custos de um conflito armado e uma leva de refugiados em sua fronteira. Para conquistar Pequim, Trump insinuou deixar de acusar o Partido Comunista de manipular o câmbio (o que eles não fazem mais) e ventilou a possibilidade de vantagens comerciais — exatamente o oposto do que prometera aos eleitores durante a campanha. Mas Trump pecou ao valorizar demais a capacidade de os chineses influenciarem o regime capenga e lunático da Coreia do Norte. Em uma entrevista ao *The Wall Street Journal*, ele falou sobre seu encontro com Xi Jinping: "Depois de escutá-lo por dez minutos, entendi que não é tão fácil. Eu achava fortemente que os chineses tinham um poder tremendo, mas não é o que você imaginaria".

Trump acena com bons negócios à China em troca de ajuda com Kim

Os últimos governos americanos fracassaram em conter o programa bélico e nuclear da família Kim. A Coreia do Norte já fez cinco testes nucleares e prepara o sexto. Em poucos meses, talvez consiga ter um míssil intercontinental capaz de alcançar a Califórnia ou outro estado americano. Trump sabe que precisa agir para não deixar que isso ocorra em seu mandato. Sua imprevisibilidade, contudo, continua mantendo o mundo perto demais da beira do abismo. ■

AP PHOTO/ED JONES

AINDA MAIS DECIDIDA

Com uma dianteira de 20 pontos porcentuais, Theresa May, a primeira-ministra inglesa, antecipa as eleições para ampliar sua força no comando do Brexit **DUDA TEIXEIRA**

MENOS DE UM ANO após o plebiscito em que os ingleses decidiram pela saída da União Europeia (UE), a primeira-ministra Theresa May convocou eleições antecipadas para o Parlamento, que devem acontecer em 8 de junho. A julgar pelas pesquisas de opinião, o Partido Conservador tem chance de ampliar a maioria que já detém, o que deixará May com ainda mais autoridade para negociar com os chefes do continente europeu e cumprir a tarefa que lhe foi confiada. May propõe um "Brexit duro", que inclui a saída do mercado único e mais controle nas fronteiras para conter a circulação de pessoas. "Não há nada que mostre uma mudança de opinião entre os ingleses desde o plebiscito. Se May não cumprir com o que deve ser feito, ela sabe que ficará queimada", diz o cientista político inglês John Curtice, da Universidade de Strathclyde.

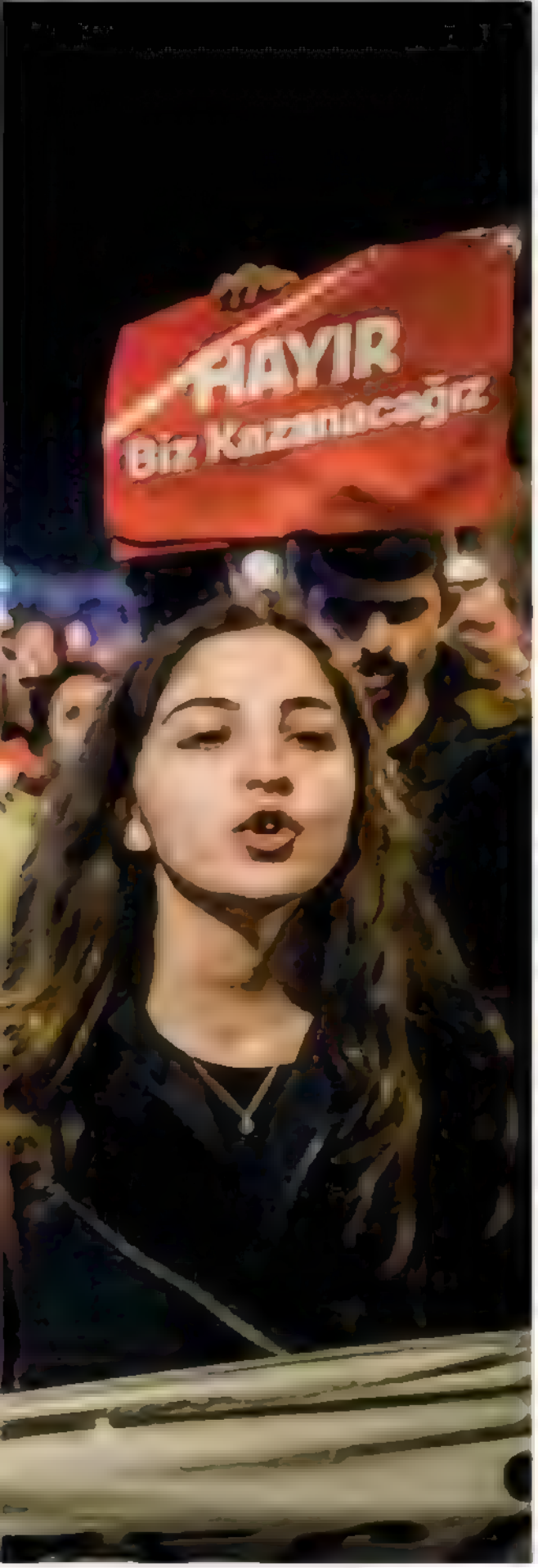
O cálculo político de May é afiado. Nas pesquisas de opinião, os conservadores estão cerca de 20 pontos porcentuais à frente dos demais partidos, como o Trabalhista e o Liberal Democrata. No comando do governo, os conservadores foram beneficiados pelo crescimento econômico de 2% ao ano desde 2015 e desemprego baixo, em torno de 5%. "Os conservadores são mais confiáveis do que os seus rivais em quase todas as questões, principalmente em economia, imigração e Brexit", diz o inglês Tim Bale, autor de livros sobre os partidos ingleses e professor da Universidade Queen Mary. Quando essa boa fase se converter em cadeiras no Parlamento, May deve ganhar 375 representantes de um total de 650. Como os conservadores recém-chegados saberão que devem seu posto à premiê e estarão ávidos por receber promoções, May deverá remediar as fissuras internas de seu partido, que atualmente inclui sessenta eurocéticos que não aceitam nenhuma concessão à UE. Livre dessa turma, ela terá liberdade para fazer o acordo que bem entender.

Pela perspectiva dos trabalhistas, que governaram o país entre 1997 e 2010, a paisagem é catastrófica. Eles devem obter cerca de metade das cadeiras dos conservadores. Parte do malogro da esquerda é atribuída ao desempenho medíocre do líder do partido, Jeremy Corbyn. Em 2015, ele venceu as eleições internas prometendo levar todos mais para a esquerda. "Os salários pagos a alguns jogadores de futebol são simplesmente ridículos. Alguns salários de altos executivos são completamente ridículos. Por que alguém precisa ganhar mais que 50 milhões de libras em um ano?", disse ele em janeiro. Em Londres, a capital financeira do mundo, a frase não caiu bem. "Corbyn tem sido consistentemente derrotado pelos oponentes porque suas políticas parecem ultrapassadas", diz o cientista político inglês Simon Usherwood, da Universidade de Surrey. Com um rival assim, May não teve dúvida ao avistar uma chance de imprimir uma derrota aos inimigos. O Brexit será inevitável. ■

LÍDER Em Londres, Theresa May anuncia a convocação de eleições: chance única para esmagar a oposição

A TURQUIA É A NOVA VENEZUELA

Sem respeitar as decisões populares anteriores, Recep Erdogan, presidente turco, inventa um plebiscito e o frauda descaradamente para aumentar seus poderes **LUIZA QUEIROZ**



PELA DEMOCRACIA Manifestantes com imagem de Mustafa Ataturk, fundador da Turquia moderna, dizem "não" *(hayir)* a Erdogan *(acima)*

AINDA QUE SEJAM um dos mais vistosos símbolos democráticos, os instrumentos de consulta popular têm se tornado um dos maiores carrascos das democracias mais novas. Manipulados de todas as formas possíveis, eles são empregados para ampliar o mandato dos governantes e impedir a alternância no poder. Quando, por capricho, não validam os desejos de quem os promove, seus resultados são em seguida contestados por uma nova consulta, até que tudo fique de acordo com os desejos do líder autoritário. Foi assim na Venezuela. Assim está sendo na Turquia. No domingo 16 de abril, os turcos votaram em um plebiscito para decidir se dão ou não mais poder ao cargo de presidente, hoje ocupado por Recep Tayyip Erdogan, e extinguem a função de primeiro-ministro. As propostas não eram especificadas nas cédulas, que nem sequer continham uma pergunta. Os eleitores simplesmente precisavam marcar "sim" ou "não" no papel. O resultado, que deu vitória de 51% a Erdogan, foi contestado. De última hora, o Conselho Eleitoral Superior aceitou cédulas sem o carimbo oficial, abrindo a porta para as fraudes.

A vontade de Erdogan de mudar a Constituição vem de longa data, mas estava sendo frustrada pela população. Em junho de 2015, seu partido, o AKP, perdeu a maioria no Parlamento com o crescimento de uma sigla da minoria curda. Insatisfeito, Erdogan convocou uma nova eleição para novembro daquele mesmo ano, em que acusou os curdos de terrorismo e perseguiu rivais. Fez então o mesmo que Hugo Chávez em 2007, quando o venezuelano perdeu um plebiscito sobre reformas na Constituição. Além disso, Erdogan perseguiu milhares de dissidentes, acusando-os de ser autores de uma tentativa frustrada de golpe em julho de 2016. De lá para cá, cerca de 40 000 pessoas foram presas e mais de 100 000 perderam seus empregos estatais. Como a vitória parlamentar no fim de 2015 ainda não dera uma margem suficiente no Congresso para que Erdogan mudasse a Constituição, ele apelou para a consulta popular.

"Tanto o turco como o venezuelano reprimem a oposição e atacam a imprensa, além de manipularem abertamente as eleições", diz Kadir Yildirim, cientista político turco da Universidade de Rice, nos Estados Unidos. Na quarta 19, milhões foram às ruas na Venezuela para pedir eleições limpas e o respeito ao Congresso. Dois manifestantes foram assassinados por chavistas armados. Um guarda morreu. No ataque à democracia, Venezuela e Turquia andam de mãos dadas. ■

PRIMEIRA PESSOA

QUERO SER UM EXEMPLO

A modelo afegã Zohre Esmaeli, 32 anos, conta como se tornou o rosto da Alemanha em uma campanha mundial

PARA UMA GAROTA COMO EU, de pele escura e natural do Afeganistão, nunca foi fácil estar no mercado de moda europeu. Sempre, porém, encontrei pessoas de mente aberta, que me deram oportunidades. Comecei a trabalhar como modelo na Alemanha, onde vivo hoje, e já fiz fotos e desfiles em semanas de moda em Paris, Nova York e Milão. Até que, neste ano, fui convidada pelo governo alemão para substituir a top model Claudia Schiffer como o rosto da campanha institucional País das Ideias, que promove a imagem e os negócios do país para o resto do mundo. Aceitei na hora. Vi a chance de conscientizar a sociedade a se abrir aos imigrantes e, ao mesmo tempo, agradecer ao país a oportunidade de ser uma mulher livre.

Quero ser um exemplo para as novas gerações de refugiados. Acredito que imigrar significa estar aberta para o futuro, e não esquecer sua história. Eu tinha 9 anos quando o Talibã tomou o poder em Cabul, e tudo o que eu conhecia mudou. Sob a charia, o código de leis seguido pelos muçulmanos radicais, uma menina como eu não podia sequer sair de casa sozinha nem frequentar a escola. Nossa vida se tornou perigosa, porque meu pai é muçulmano xiita e os talibãs são fundamentalistas sunitas, um grupo oposto da religião. Em casa, tínhamos a sensação de que seríamos mortos a qualquer momento. Aos 13 anos, em 1999, ouvi que deixaríamos o país, junto de outros seis familiares. Vendemos tudo para pagar aos contrabandistas russos que nos levariam à Europa, onde um irmão vivia. Sonhava que seria uma viagem de aventura. Fiz planos sobre os países pelos quais passaria e estava animada para ver pessoas e lugares novos.

O que encontrei foi uma prisão, completamente diferente da minha fantasia. Viajamos em caminhões, carros e ônibus. Durante seis meses, passamos por treze países até o destino final — Irã, Tajiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Hungria, Eslováquia... Em partes do trajeto, eu nem sequer sabia onde estava, porque tapavam as janelas para não sermos vistos. Ficamos sem comida nem água por dias. Na Ucrânia, fomos colocados por um mês em um quarto de 25 metros quadrados, com 23 pessoas, sem poder tomar banho nem ver a luz do sol. Quando nos mandavam seguir caminho, congelávamos, porque andávamos longas distâncias em pleno inverno russo. Chegamos ao território alemão pela cidade de Kassel, onde pedimos o status de refugiados e recebemos moradia provisória. Ao cruzar a fronteira, tirei o hijab, o lenço muçulmano que cobria minha cabeça, e disse aos meus pais que não o queria mais. Estávamos felizes apenas por estar lá, mas a adaptação foi demorada. Não conhecíamos a língua, a cultura, as regras. Afegãos tradicionais têm medo de perder as próprias raízes em um novo país.

Quando eu tinha 16 anos, a representante de uma agência de modelos me abordou em uma loja de roupas e perguntou se eu trabalhava na área. Era nosso segundo ano na Alemanha, eu nem sabia o que isso significava. Por que não?, pensei. Comecei a fazer fotos e só então contei a meus pais, que consultaram meu irmão mais velho. Ele insistiu que essa profissão não era boa para nossa cultura. "Nós somos diferentes", falou. Percebi que, se não me deixavam ir ao cinema com amigos, à piscina ou fazer viagens com a escola, nunca me autorizariam a atuar nesse meio. Por essa razão, fugi uma segunda vez. Tinha 17 anos. Depois de deixar Cabul para ter uma nova vida, em uma sociedade segura, eu estava trocando a família pela liberdade. Abriguei-me em Stuttgart, com parentes de uma amiga. Aos poucos, construí minha trajetória de modelo e voltei a falar com meus familiares. Não comento os desfiles, mas conversamos, e sinto que o amor é maior que a cultura. Hoje, divido meu tempo entre a carreira, uma startup digital ligada à moda e trabalhos sociais de apoio a refugiados. Quando fugi do Talibã, recebi ajuda. Agora quero dar algo em troca. ■

Depoimento a Daniela Flor

A VITÓRIA DA PRESSÃO

O governo é forçado a fazer concessões em série, mantendo privilégios, e a reforma da Previdência já perdeu metade da economia prevista **MARCELO SAKATE E BIANCA ALVARENGA**

FOI UM RECUO aqui, uma concessão ali, a manutenção de um privilégio acolá — e eis que quase metade da prometida economia com a reforma da Previdência já ficou comprometida pelo jogo de barganhas do Congresso com o governo. Nunca se esperou que o texto apresentado pela equipe econômica sairia incólume. Especialistas na matéria já haviam apontado distorções e injustiças que deveriam ser corrigidas. Foi necessário, por exemplo, atenuar as regras de transição para o novo regime. Mas, nos últimos dias, o governo e seus aliados no Congresso demonstraram fraqueza diante dos grupos de pressão e cederam em diversos pontos que, anteriormente, eram tidos como cruciais e inarredáveis para os ajustes das contas previdenciárias.

Na terça-feira 18, um protesto violento de policiais descambou para a invasão do Congresso. Os manifestantes eram contrários a ser enquadrados nas regras gerais da nova lei, que deverá exigir idade mínima de 65 anos para a entrada com o pedido de aposentadoria. O relator da reforma previdenciária, deputado Arthur Maia (PPS-BA), já havia indicado que reduziria a idade mínima para os policiais para 60 anos, como, aliás, deverá acontecer também para os professores, outro grupo organizado que faz forte pressão sobre os congressistas. Depois do quebra-quebra, Maia abriu a possibilidade de diminuir ainda mais a idade mínima para os policiais, fixando-a em 55 anos. Lamentavelmente, a baderna rendeu frutos.

As mulheres também ganharam um refresco, na nova versão. A ideia original era igualar os sexos, com a exigência de idade mínima de 65 anos para ambos — em linha com o que ocorre na maior parte dos países. A bancada feminina, no entanto, demoveu o presidente Michel Temer, que aceitou diminuir a idade mínima para mulheres para 62 anos — apesar de elas viverem mais e receberem a aposentadoria por mais tempo. Servidores estaduais e municipais ficaram de fora da reforma,

A DILUIÇÃO DA REFORMA

Houve recuos nos principais pontos da proposta original para o ajuste na Previdência

	IDADE MÍNIMA	VALOR DO BENEFÍCIO	APOSENTADORIA RURAL
COMO FICOU	62 anos para mulheres e 65 anos para homens	Para atingir 100%, serão necessários 40 anos de contribuição	Idade mínima de 57 anos para mulheres e 60 anos para homens
PROPOSTA ORIGINAL	65 anos para homens e mulheres	Eram necessários 49 anos	65 anos, sem distinção de sexo

Fonte: Congresso Nacional

BATEU, LEVOU Policiais contrários à reforma invadem o Congresso: idade mínima seria de 65 anos, mas ficou em 55

por enquanto, e poderão ter regimes próprios, ainda que hoje usufruam benefícios que não existem para os aposentados do INSS.

As mudanças vão facilitar a aprovação no Congresso, mas geram um impacto financeiro menor e não corrigem os privilégios, que explicam boa parte da oposição às modificações. Os economistas do banco Itaú fizeram as contas e concluíram que, sem novas diluições e desidratações, a reforma poupará 431 bilhões de reais dos cofres públicos até 2025. Sem as alterações que acabaram de ser introduzidas, a economia seria de 755 bilhões. Resultado: restou pouco mais da metade (57%) da estimativa original. O governo ainda faz as contas, mas acredita que a perda tenha ficado entre 20% e 30%. A diluição, de qualquer maneira, trará problemas para o próximo presidente, eleito em 2018, por causa do limite para os gastos públicos. "Provavelmente serão necessárias novas mudanças", afirma Rogério Nagamine, coordenador de Previdência no Instituto de Pesquisa

PROFESSORES

Idade mínima de **60 anos**

65 anos [illegible]

POLICIAIS

Idade mínima de **55 anos**

65 anos [illegible]

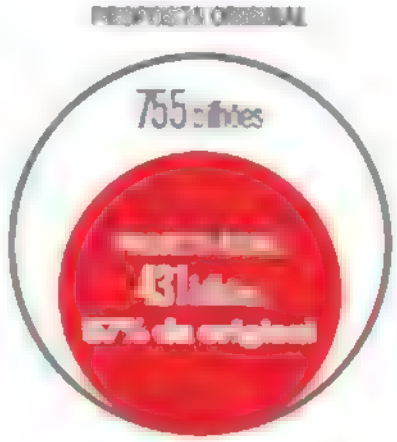
SERVIDORES ESTADUAIS E MUNICIPAIS

Ficarão de fora e poderão ter regras próprias

Terão as mesmas regras [illegible]

ECONOMIA PREVISTA

Efeito da reforma sobre os gastos públicos até 2025 (em reais)



Fonte: Itaú

SURPRESINHAS Arthur Maia, o relator da reforma: não seguiu o combinado

Econômica Aplicada (Ipea). "Se o projeto tivesse sido mandado para a votação — e aprovado — como foi proposto, não seria necessário promover outra reforma em curto prazo."

O texto do governo será levado ao plenário da Câmara na segunda semana de maio, quando precisará de 308 votos dos 513 possíveis para ser aprovado — e isso em dois turnos. Depois será encaminhado ao Senado. Haverá novos recuos? O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, espera que não. Disse ele: "Estamos mais ou menos no limite de mudanças sem alterar o equilíbrio fiscal no futuro".

As concessões desvirtuam o conceito original de uma reforma da Previdência abrangente, em que todos os grupos da sociedade contribuiriam com uma cota de sacrifício em nome de um bem coletivo, que é a recuperação da capacidade de investimento do Estado e de pagamento de benefícios para toda a população. Com tantas exceções, a proposta do governo perde legitimidade e eficácia, e tende a ampliar a antipatia popular. As brechas beneficiam em grande parte justamente aqueles que mais acumulam privilégios na distribuição de renda pelo poder público. Quem se aposenta pela União recebe em média 7 600 reais por mês, cinco vezes o valor do benefício médio de quem o faz pelo setor privado. Os militares, que ficaram de fora da reforma e deverão ter um regime próprio, não têm idade mínima para se aposentar. Seus inativos e pensionistas recebem, em média, um benefício de 9 600 reais por

NOVAS REGRAS DA LEI TRABALHISTA

Os principais pontos da proposta que será votada pela Câmara

CONVENÇÕES COLETIVAS

Os acordos fechados entre os empregados (e sindicatos) e as empresas poderão prevalecer sobre a legislação trabalhista

Pontos que podem ser negociados

Fatiamento das férias em até três períodos, plano de carreira, trabalho remoto, intervalo para o almoço, entre outros

JORNADA DE TRABALHO

Limite de doze horas diárias, que devem ser seguidas por 36 horas de descanso

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL

Deixará de ser obrigatória e passará a ser opcional. Atualmente, é descontado o valor de um dia de trabalho por ano

DEMISSÃO CONSENSUAL

O trabalhador que sair do emprego em acordo com a empresa poderá ter acesso a até 80% do seu FGTS

JUSTIÇA DO TRABALHO

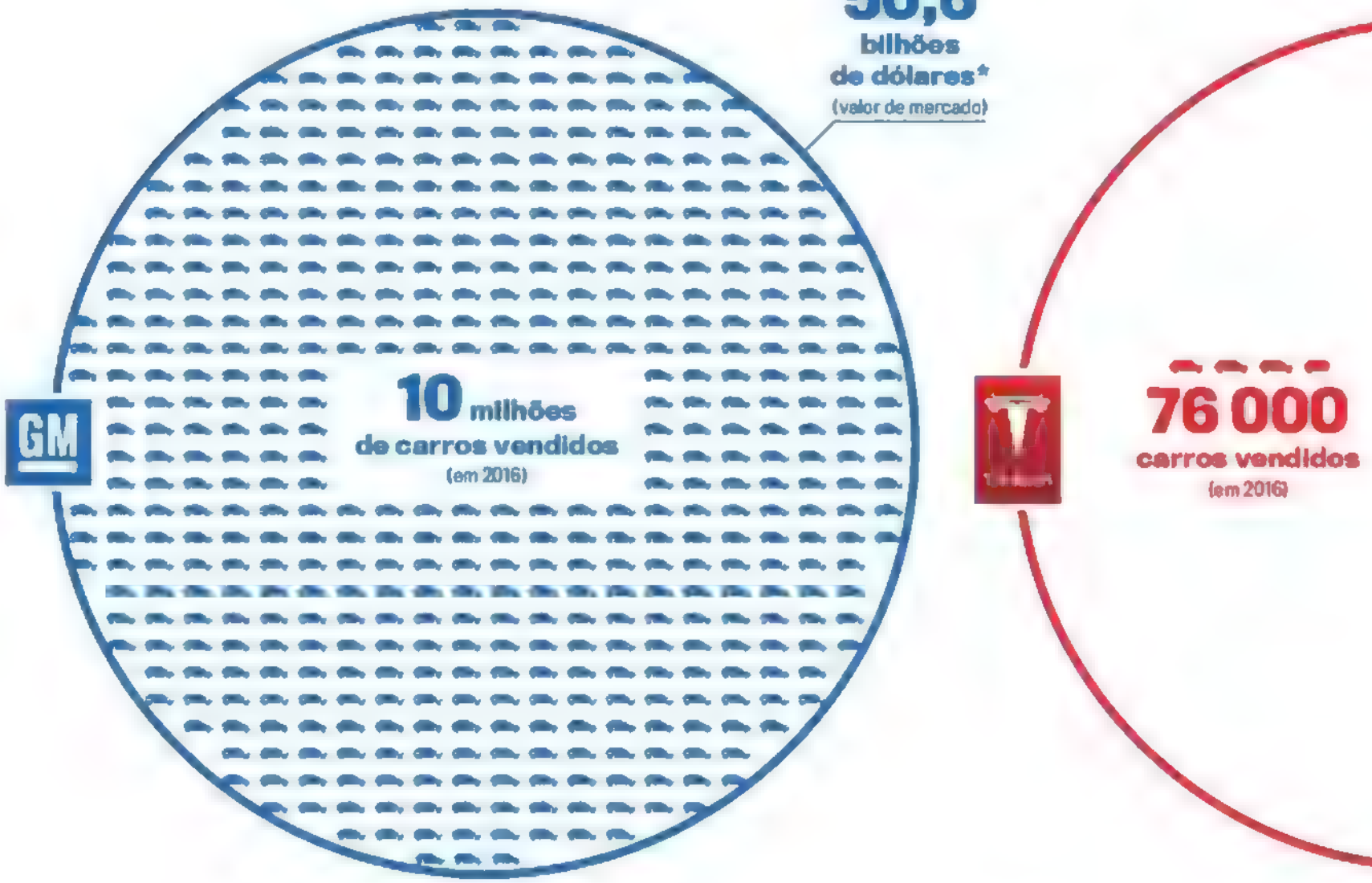
Súmulas e jurisprudência de tribunais superiores e regionais não poderão se sobrepor ao que está previsto na lei

NO LIMITE O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles: desidratar ainda mais a reforma vai comprometer o ajuste fiscal

mês. Aposentados do Judiciário ganham em média 26.300 reais, e do Legislativo, 28.600 reais. São servidores que podem se aposentar, em muitos casos, com o salário integral, vantagem inexistente para quem está no setor privado, uma vez que o teto do benefício pago pelo INSS é de 5.531 reais. Há outros desequilíbrios. Existem muitos beneficiários não idosos — três em cada dez aposentados têm menos de 60 anos. Isso desvia a função real do regime, que deve ser uma garantia para quem já não tem condições de trabalhar, e não um complemento de renda.

Em paralelo às negociações da Previdência, o governo tenta emplacar a reforma trabalhista, que vai tramitar na Câmara em regime de urgência. Pela proposta, convenções e acordos coletivos acertados por empregados e sindicatos com empresas poderão prevalecer sobre o que está na lei, uma medida que já existe em diversos países e que tem como efeito desestimular demissões motivadas pela necessidade de corte de custos em tempos de crise e facilitar contratações em tempos de bonança. O projeto de lei da reforma trabalhista também permite, sempre em comum acordo, que um empregado divida as férias em três períodos (hoje só se pode dividi-la em dois) ou abra mão de meia hora do intervalo de uma hora de almoço para sair mais cedo no fim do expediente. Direitos trabalhistas consagrados, como férias e 13º salário, são preservados. "O governo está fazendo uma adequação da legislação ao que já ocorre na prática, como a terceirização de algumas atividades e a existência de empregos com jornada parcial", diz o advogado Domingos Fortunato, do escritório Mattos Filho. Embora diluída, a agenda reformista é altamente positiva para o país e amplia as chances de uma aceleração da retomada na economia. Por isso, tem sido perseguida por Temer como uma via para contornar o noticiário político pedregoso. ■

As concessões e os privilégios desvirtuam a proposta original



IMPULSO ELÉTRICO

A cada carro vendido pela Tesla, a General Motors comercializa 130. Ainda assim, para os investidores, ambas as empresas têm o mesmo valor de mercado **GIOVANNI MAGLIANO**

A AMERICANA General Motors vendeu mais de 10 milhões de veículos em 2016, ombreando com a japonesa Toyota e a alemã Volkswagen no topo do ranking mundial de produção. O lucro da empresa foi de 9,4 bilhões de dólares. A Tesla, fabricante de carros elétricos de luxo, negociou apenas 76 000 automóveis e fechou o ano com um prejuízo de quase 800 milhões de dólares. Para cada Tesla vendido, a GM comercializou mais de 130 carros e picapes. Parece óbvio, portanto, que a GM seja uma aposta mais confiável para os investidores. Será? Uma das queridinhas do Vale do Silício, a Tesla atrai uma legião de devotos para os quais ela será líder na tecnologia dos elétricos, que ameaça dar fim ao domínio dos motores de combustão. Seu valor de mercado chegou a bater em 51 bilhões de dólares em 10 de abril. Assim, a companhia ultrapassou a GM e assumiu, brevemente, o posto de montadora mais valiosa dos Estados Unidos.

Mas o que explica esse desempenho tão espetacular de uma empresa com resultados tão tímidos? A Tesla, imaginam os investidores, é vista como a Apple dos carros. Fundada por Elon Musk, que, entre outros projetos, deseja levar humanos a Marte, a empresa seduz consumidores e acionistas pela imagem que projeta: uma companhia que reflete o estilo de vida que as pessoas desejam ter nos dias de hoje. "Trata-se de uma combinação de sustentabilidade, modernidade e emoções que outras não conseguem replicar", diz Alexander Potter, analista do banco de investimento americano Piper Jaffray.

49,7
bilhões de dólares*
(valor de mercado)

* Valor em 19 de abril

O desempenho da Tesla, de fato, reflete mais o futuro do que o presente. Embora o valor alcançado pela empresa seja desproporcional ao resultado, ela traz um sopro de renovação para a indústria automobilística dos Estados Unidos. Abalados pela crise de 2008 e pela competição com as montadoras asiáticas e europeias, os gigantes de Detroit perderam espaço na corrida pelo consumidor americano. Hoje, o valor de mercado da Toyota passa de 150 bilhões de dólares — e o da Volks supera os 70 bilhões. Já vão longe os dias do boom do pós-guerra, quando o então presidente da GM, Charles Wilson, dizia: "O que é bom para o país é bom para a GM". Hoje, o que é bom para os EUA é bom para o Google, a Amazon e novidades como a própria Tesla. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

SERVIÇO PÚBLICO PROFISSIONAL JÁ!

Precisamos de regras impessoais para a escolha de dirigentes

HÁ QUE reformar seriamente o serviço público brasileiro. O escândalo de corrupção envolvendo servidores federais e frigoríficos — a Operação Carne Fraca — mostrou que o modelo de escolha faliu de vez. Os titulares de dezenove das 27 superintendências estaduais do Ministério da Agricultura, responsáveis pela fiscalização, foram indicados por partidos políticos.

Perto de 25 000 cargos federais podem ser preenchidos por indicação política. Nos estados e municípios, há outro tanto. Um serviço não pode bem funcionar com 50 000 dirigentes em boa parte despreparados. A desastrosa escolha de diretores corruptos para administrar a Petrobras é outra prova da necessidade de mudar.

Crises motivam reformas. O serviço público britânico, um dos melhores e mais imitados do mundo, nasceu em meados do século XIX em meio à crise burocrática derivada de guerras e de sua incompatibilidade com as transformações da época, muitas associadas à Revolução Industrial. Havia clamor por mudanças, incluindo a abolição de escolhas políticas.

Criou-se, então, uma comissão formada por Stafford Northcote, futuro ministro da Fazenda, e C.E. Trevelyan, secretário do Tesouro. O relatório Northcote-Trevelyan, de 1854, propôs um serviço público permanente e neutro politicamente, com escolhas feitas pelo critério de mérito. Em 1855, nasceria a Comissão do Serviço Público, encarregada do recrutamento e da seleção de pessoal. Indicações políticas foram extintas.

A comissão, que ainda existe com pequenos ajustes, zela por escolhas justas e sob aberta competição, assegurando a imparcialidade do serviço público. É composta de sete membros independentes, oriundos dos setores público e privado (detalhes em http://civilservicecommission.independent.gov.uk). Nos cargos mais relevantes, como os equivalentes aos nossos secretários da Receita e do Tesouro, recorre-se a empresas especializadas *(headhunters)* ou a anúncios públicos. Na escolha do atual presidente do Banco da Inglaterra (o banco central), anúncios foram veiculados na imprensa (escolheu-se um canadense).

O serviço público britânico passou por muitas reformas. Uma das mais importantes, de 1968, baseou-se no relatório do comitê liderado por lorde Fulton. O objetivo era a modernização, enfatizando a melhor qualificação dos servidores.

No livro *The Cambridge History of Capitalism* (2014), lê-se que o êxito do sistema capitalista decorreu de quatro fatores: direito de propriedade, respeito a contratos, mercados que reagem ao sistema de preços e bons governos. Nesse quarto fator, é fundamental contar com um serviço público competente e escolhido por mérito.

Nosso setor público já dispõe de corpos civis qualificados. Impõe-se, agora, aperfeiçoar o sistema e criar regras impessoais para a escolha de dirigentes, sem cair no equívoco de reservar os cargos a servidores dos quadros permanentes. Que sejam selecionados os melhores, independentemente de sua origem. Ideias não faltam para essa modernização. ■

O QUE É ISSO, FACEBOOK?

A exibição do vídeo de um assassinato prova que as redes sociais podem se transformar em palco para o que há de mais condenável no ser humano **FILIPE VILICIC E TALISSA MONTEIRO**

"OLÁ, VOCÊ PODERIA me fazer um favor?", perguntou o assistente social americano Steve Stephens, de 37 anos, logo depois de descer do carro, enquanto filmava, com o celular, seu interlocutor, o aposentado Robert Godwin, de 74 anos, também americano. "Diga Joy Lane", pediu o dono da câmera. "Joy Lane?", indagou o idoso. "Ela é a razão do que está prestes a acontecer com você", completou Stephens, que, então, sem se importar com as súplicas de Godwin, sacou uma pistola e o matou.

A trágica cena foi transmitida na que é hoje a maior plataforma virtual do planeta. Ao publicar o vídeo em seu perfil no Facebook, Stephens pretendia alcançar um potencial público de 1,8 bilhão de pessoas, o número de usuários da rede. Infelizmente, não se trata de uma história isolada nas mídias sociais. Na era digital, quase tudo parece ter ganhado uma versão on-line: notícias, relacionamentos amorosos, entretenimento, grupos de discussão... e, também, crimes.

Steve Stephens cometeu o assassinato no último dia 16, na cidade de Cleveland, em Ohio, depois de ter afirmado, em posts no Facebook, que tinha a intenção de matar pessoas na rua escolhidas de modo aleatório. Quando decidiu pôr fim à vida de Godwin, alegou que o ato seria uma homenagem à sua ex-namorada Joy Lane — que, vale frisar, não teve nenhuma ligação com o delito. Dois dias depois, após ser perseguido pela polícia, o assassino se suicidou. Aparentemente, seu objetivo era aparecer na imprensa, ganhar notoriedade — e, assim, chamar a atenção da ex-namorada, com a publicação na internet.

O recurso da publicação de vídeos ao vivo (os *lives*) foi oferecido a todos

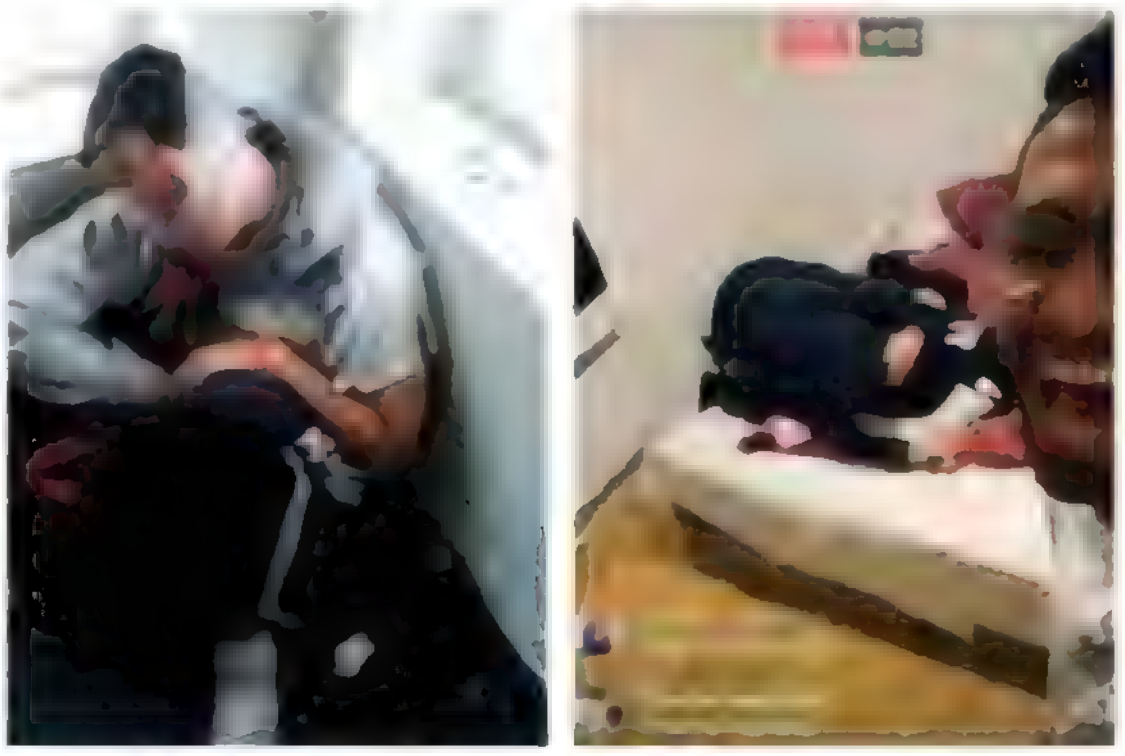
"Achei alguém para eu matar. Este cara aqui. Este senhor."

Steve Stephens, assistente social americano, 37 anos, em vídeo publicado por ele em seu perfil no site, no qual assassina o aposentado Robert Godwin – 74 anos, também americano –, dois dias antes de cometer suicídio

Curtir Comentar Compartilhar

os cadastrados no Facebook em fevereiro de 2016 — antes, o uso era restrito a figuras públicas. Ao anunciar a novidade, Mark Zuckerberg, fundador e CEO da empresa, afirmou que a intenção era mostrar o cotidiano sem véus. Suas palavras: "É como uma parede de vidro. Queremos promover uma cultura muito transparente". Entre *lives* e vídeos regulares — compartilhados depois de ser filmados, como fez Stephens —, o Facebook contabiliza 100 milhões de horas de filmagens publicadas por dia. A grande maioria dos posts é de vídeos caseiros, do tipo gracinhas do cãozinho e peraltices das crianças, ou de produções de cunho profissional. No entanto, vêm tomando corpo os vídeos terríveis como o do assassinato de Cleveland, numa prova de que a "parede de vidro" realmente exibe, sem censura, o mundo como ele é, incluindo seus aspectos mais sombrios. Mas cabe a uma plataforma como o Facebook permitir a exibição de barbaridades?

Em janeiro, por exemplo, três homens transmitiram, ao vivo, um estupro coletivo na Suécia. A polícia capturou os criminosos depois de uma denúncia. No mesmo mês, quatro jovens sequestraram e torturaram um homem, mentalmente limitado, em Chicago, nos Estados Unidos, e publicaram no Facebook as cenas aterrorizantes, que duraram longos trinta minutos. O grupo também foi preso. Há duas semanas, um jovem de 13 anos quis se exibir com uma arma no Instagram: acabou disparando a pistola acidentalmente e se matando. Há três meses, um PM carioca expôs no Facebook o próprio suicídio. Desde o começo deste ano, o YouTube vem perdendo investimentos de anunciantes de grande porte, como o McDonald's e a L'Oréal, que se revoltaram ao flagrar propagandas de suas marcas associadas com conteúdos que promoviam crimes de ódio, a exemplo de vídeos extremistas do grupo racista Ku Klux Klan.



A BARBÁRIE REPETIDA Outras cenas postadas no Facebook: à esq., a tortura de uma pessoa mentalmente limitada; à dir., estupradores exultam com o seu crime

O que leva alguém a postar atos ilegais na web? Puro exibicionismo. Especialista em pesquisas acerca de casos de assassinatos em massa, o criminalista americano Adam Lankford, da Universidade do Alabama, aponta em seus estudos como os protagonistas desses delitos invariavelmente buscam a glória. Lankford destaca o motivo alegado pelo americano Robert Hawkins, de 19 anos, para ter executado oito pessoas em um shopping no Nebraska, em 2007, antes de se suicidar: "Vou ficar famoso". A diferença é que agora os criminosos exibicionistas têm na mão a ferramenta para ostentar suas ações deploráveis: um celular conectado à internet.

Tudo isso mostra que as redes sociais estão falhando na responsabilidade com o que divulgam. Tornaram-se veículos de qualquer coisa, inclusive daquilo que não deveria vir a público em nenhuma sociedade civilizada. Executivos que administram as redes sociais repetem em coro que procuram soluções para eliminar as atividades ilícitas. Na terça-feira 18, Zuckerberg, do Facebook, reagiu assim à história do homicida de Cleveland: "Temos muito trabalho pela frente e continuaremos a fazer tudo o que pudermos para evitar tragédias como essa". O que eles podem fazer? Respondeu a VEJA o brasileiro Michel Krieger, fundador e chefe de tecnologia do Instagram, ao ser questionado sobre o mesmo episódio: "Não podemos ignorar o tipo de conteúdo publicado nas nossas plataformas. Temos testado uma combinação do uso de tecnologias de inteligência artificial, de denúncias feitas por nossa comunidade e o policiamento operado por nossos funcionários para coibir usuários com más intenções". É de esperar que algo surja bem depressa. Não se trata, é claro, de culpar a internet pela crueldade de que o ser humano é capaz. Mas as empresas têm a responsabilidade de evitar que suas redes sociais virem ferramenta para a propagação de crimes. ■

5 000

DÓLARES

Foi o valor que **SANDRA BULLOCK** doou a um senhor de 89 anos que por décadas fez a manutenção da piscina de um conhecido hotel em Beverly Hills – mas que andava sem emprego. A atriz de *Gravidade* atendeu a uma campanha na internet, levantada depois que ele disse que não tinha mais o que comer.

HORA DE ACORDAR

Antes programada para o horário das 6, *Os Dias Eram Assim* foi transformada em supersérie (nome chique para novela curta) das 11 da noite. **SOPHIE CHARLOTTE,** que há treze meses deu à luz Otto, filho de Daniel de Oliveira, foi convencida a atuar na trama por um detalhe. "Alice, minha personagem, é fã da Leila Diniz. Gostei na hora", conta. Aos 27 anos, Sophie preparou-se ouvindo palestras de Fernando Gabeira e Nelson Motta sobre a ditadura, pano de fundo da série. Com a maternidade, diz ter ficado mais ligada em política – até postou um "Fora, Temer" nas redes sociais. "É um momento de muita transformação na minha vida. Eu me sinto mais responsável", diz. A militância não ficou em um post só: quando eclodiu o escândalo de assédio sexual de José Mayer, Sophie foi das primeiras a divulgar foto com a camiseta "Mexeu com uma, mexeu com todas". "Foi um bom começo. A gente propõe mudar de paradigma. É preciso acordar", prega.

LET'S GET IT ON, DE MARVIN GAYE

Essa foi a música tocada durante o parto da primeira filha de **BLAKE LIVELY** e Ryan Reynolds. A ideia da canção de teor erótico foi do orgulhoso papai. "Minha médica riu tanto que eu achei que ela fosse derrubar o bebê", disse Blake. Já em casa, a atriz alarmou-se com o que leu a seu respeito on-line: "A regra de ouro é não dar um Google em si mesmo, porque a internet não é legal".

BRUNO MEIER

SACUDIDA NO SAFADÃO

Houve mais brasileiros do que de costume no aeroporto de Miami, na semana passada: centenas de turistas desembarcaram em um pacote organizado pelo escritório de **WESLEY SAFADÃO.** Pela pechincha de 9000 reais, o tour dava direito a passagens aéreas, quatro noites num resort e um ingresso para o show do cantor. No dia da apresentação, surpresa: Safadão de visual novo. Foi-se a basta cabeleira, mantida desde os 3 anos por causa de uma promessa feita pela mãe para salvar o filhote de uma pneumonia grave. "Queria um corte prático. Fiz há pouco menos de um mês, em Fortaleza", diz o cantor, que aposentou o jeans característico em favor de uma bermuda com tropicalíssimos flamingos. Se em 2016 percorreu todos os estados brasileiros com shows, ele agora promete cantar mais fora do país. "Volto em setembro", anunciou na apresentação.

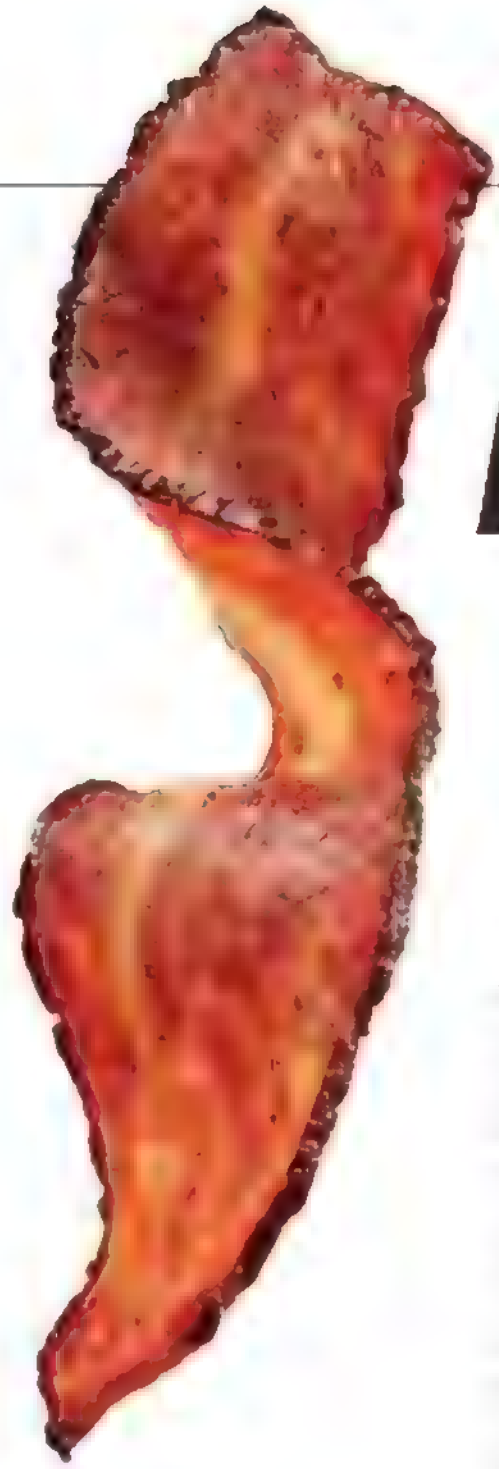
CAIU NAS REDES

BARBA, CABELO E BIGODE

Com barbão de naufrago, **JIM CARREY** – sim, é ele mesmo – está quase irreconhecível na foto no Twitter. O ator, de 55 anos, expôs a barba desgrenhada junto com uma mensagem de Páscoa.

PORTA AMERICANA

Lançado em 2012, o site de humor Porta dos Fundos foi comprado pela americana Viacom, dos canais MTV e Nickelodeon, depois de uma negociação de meses. O grupo não confirma, mas o valor do negócio é estimado em mais de 60 milhões de reais. No acerto, os sócios cariocas **ANTONIO TABET, FÁBIO PORCHAT, GREGÓRIO DUVIVIER, JOÃO VICENTE DE CASTRO** e Ian SBF ficaram com 49%, e a Viacom, com 51%. Luciano Huck, sócio minoritário, vendeu sua parte. A ideia é internacionalizar a marca. Com cinquenta funcionários, o grupo passará a produzir mais vídeos – hoje, são três por semana. "Teremos a mesma liberdade de antes na criação", garante um dos sócios. ■



AFASTA DE MIM ESSE BACON

É preocupante: os maus hábitos alimentares fazem com que a taxa de obesidade no Brasil suba 60% em uma década – e o problema já atinge 25 milhões de adultos **NATALIA CUMINALE**

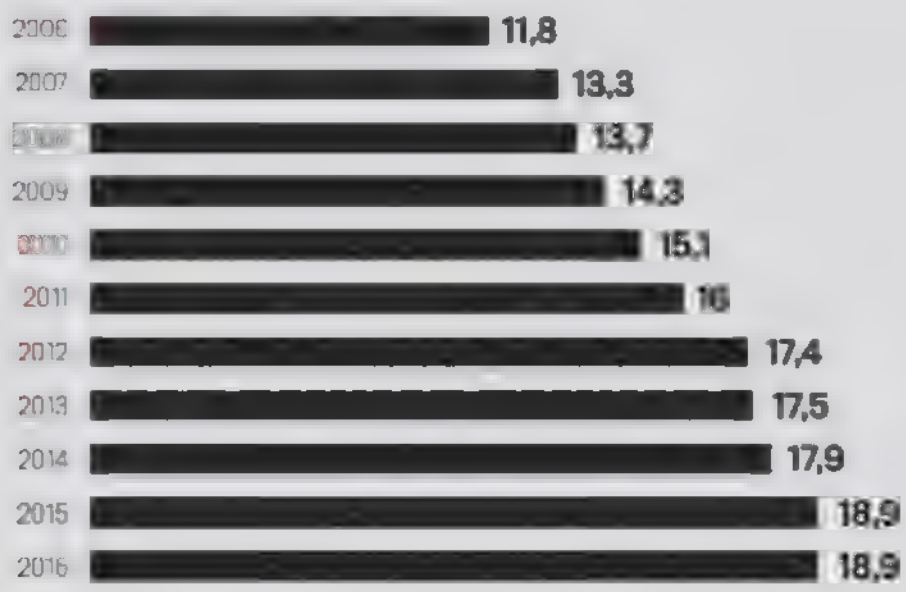
NOS ESTADOS UNIDOS, onde uma em cada três pessoas está muito acima do peso, a obesidade é um seriíssimo problema de saúde pública. Todos os anos gastam-se 147 bilhões de dólares no tratamento de doenças derivadas da má alimentação e do sedentarismo. O Brasil, infelizmente, vai pelo mesmo caminho. Na semana passada, o Ministério da Saúde revelou os dados do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), o mais amplo levantamento já realizado no país sobre os hábitos de vida e sua relação com o sobrepeso e as enfermidades. O resultado é preocupante: a taxa de obesidade subiu 60% em apenas dez anos — há hoje 25 milhões de adultos obesos. É muito, e não deve parar por aí. "O número tende a crescer", diz o endocrinologista Márcio Mancini, chefe do departamento de obesidade do Hospital das

UMA BOMBA-RELÓGIO

Há mais mulheres que homens muito acima do peso...

...num país em que a obesidade cresce faz uma década,...

(em % de brasileiros obesos)

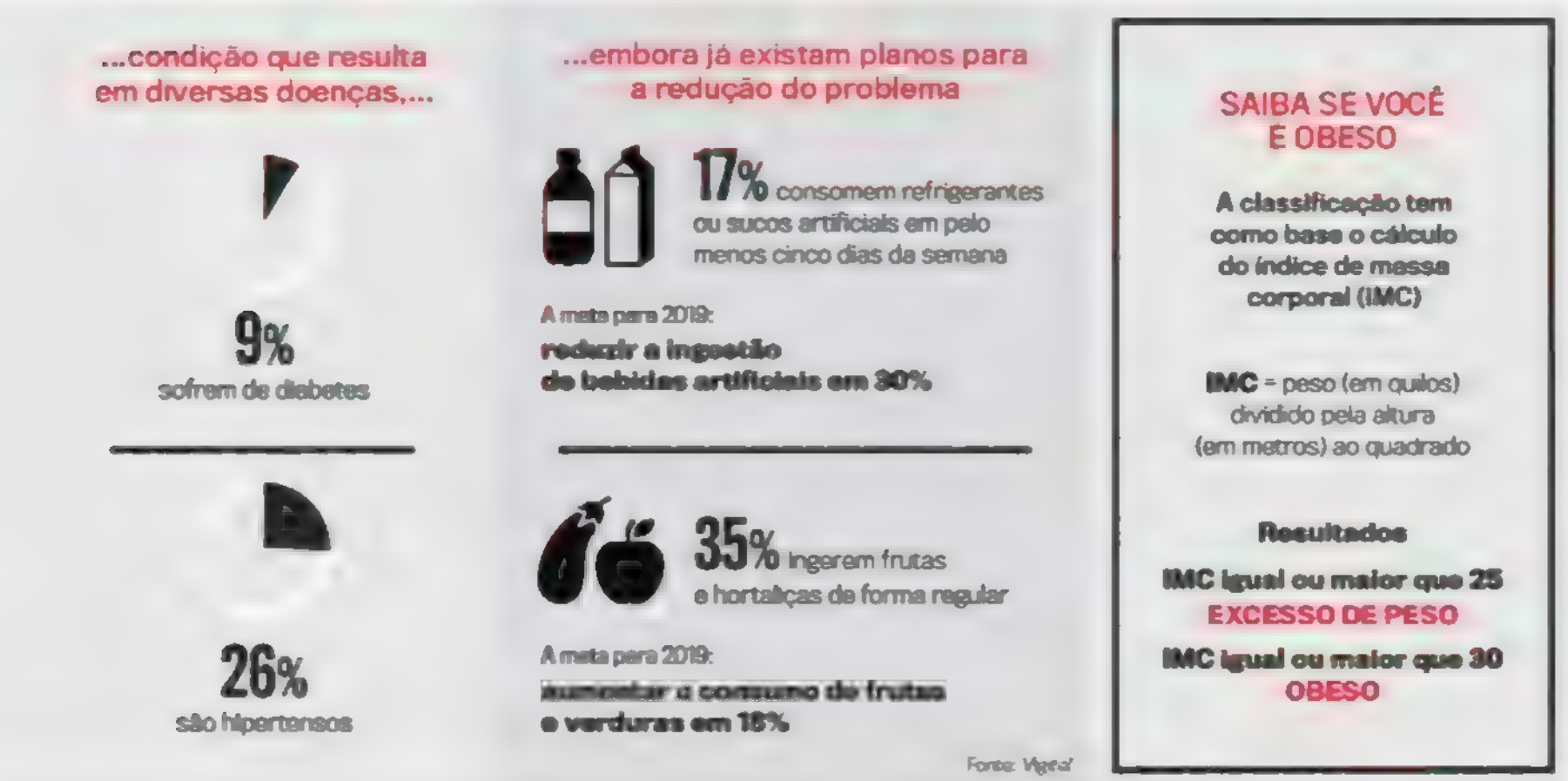


Clínicas, em São Paulo, e diretor da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM): "Trata-se de uma doença progressiva que se expande na ausência de políticas públicas de prevenção".

A obesidade é uma condição extrema de sobrepeso e nada tem a ver com aquelas gordurinhas a mais — que, aliás, também não são sadias. Define-se como obesa a pessoa com índice de massa corporal (IMC) acima de 30 *(saiba como fazer o cálculo no quadro abaixo)*. Um IMC entre 25 e 30 indica excesso de peso, acima do saudável mas ainda tolerável. A obesidade é complexa, resultado da combinação de fatores genéticos, hormonais e ambientais, alimentados e multiplicados por um modo de vida desregrado em que a alimentação ruim é a tônica.

Come-se muito mal no Brasil. O estudo divulgado revelou que apenas 35% dos adultos consomem frutas e hortaliças ao menos cinco vezes por semana e 17% exageram na ingestão de refrigerantes ou sucos artificiais. Ambas as taxas estão longe das metas estipuladas pelas autoridades para os próximos anos. Até 2019 a ideia é aumentar o consumo de frutas e hortaliças em 18% e reduzir o de refrigerantes e sucos artificiais em 30%. Há hoje, no país, a prevalência de diabetes (9% da população) e hipertensão arterial (26%), frutos indesejados do prato malfeito. Num mundo ideal, em que não existissem pessoas obesas, o índice de diabetes seria 70% menor, e o de hipertensão, 30%. E, no entanto, como o brasileiro está longe de respeitar o bom-senso à mesa, os males explodem. A ingestão de um cachorro-quente ou de seis pedaços pequenos de bacon por dia, dois alimentos muito apreciados, corresponde a aumentar em 18% o risco de tumores no intestino.

O drama da obesidade é inflado pela ausência de precaução — e, quanto maior o número de células de gordura, mais difícil é o tratamento. Os medicamentos disponíveis reduzem, em média, apenas 10% do peso corporal. Ou seja, o impacto sobre os muitos quilos a mais é pequeno. Há a opção da cirurgia bariátrica, capaz de cortar até 50% do peso logo nos primeiros meses, mas é um método altamente invasivo. Além disso, ela fracassa em 10% dos casos, culminando na recuperação do peso eliminado. O melhor remédio, portanto, é a prevenção, que deve começar ainda na infância. Isso porque a quantidade de células de gordura no organismo já não diminui depois dos 20 anos. Quando uma pessoa emagrece, as células de gordura apenas perdem volume, mas continuam lá. Pior: anualmente, 10% das células adiposas são renovadas. E as novas têm uma incrível propensão para aumentar de tamanho. Eis aí a explicação do fenômeno da sanfona corporal, o da recuperação dos quilos eliminados depois de um período de privações. Com tudo isso, o Brasil precisa, com urgência, dedicar mais atenção à obesidade. ■



O ELDORADO DA CLASSE MÉDIA

Com segurança, serviços públicos de qualidade, economia em alta e cidades fervilhantes, Portugal está atraindo cada vez mais imigrantes brasileiros com boa renda – de universitários a aposentados

TEXTO: RAQUEL CARNEIRO, de Portugal
FOTOS: CAIO GUATELLI

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

DO ENEM PARA A EUROPA

Em 2014, a Universidade de Coimbra tornou-se a primeira no país a aceitar a nota do Enem como critério de seleção. **Clara Reis**, 22 anos, logo se beneficiou da possibilidade. A carioca cursava relações internacionais no Rio de Janeiro e aspirava a uma experiência internacional. "Só havia oito vagas para minha área, não achei que conseguiria entrar", diz ela, que mais tarde trocou o curso pelo de jornalismo. Em Coimbra, Clara tem a companhia de 2 300 estudantes brasileiros matriculados. Após a formatura, ela pretende continuar na Europa. "Quero aproveitar que estou aqui para tentar entrar no mercado de trabalho. Se eu voltar para o Brasil, sei que vai ser mais difícil." A segurança pública também pesa na decisão. "Recentemente retornei ao Rio e fiquei assustada quando um grupo de garotos mexeu comigo no metrô. Não sei mais lidar com isso."

ASSISTA A ENTREVISTAS DE IMIGRANTES BRASILEIROS QUE VIVEM EM PORTUGAL

Pelo paço da Universidade de Coimbra, fundada em 1290, passaram reis da primeira dinastia portuguesa e, mais tarde, grandes nomes da história do Brasil, como José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência. A arquitetura mistura os estilos barroco, gótico e neoclássico em um cenário épico, adornado pelos estudantes de capa preta, que fazem ainda hoje serenatas à beira dos umbrais onde jovens donzelas filmam o cortejo com seus smartphones. Há, porém, nos últimos tempos, algo de novo por ali. Bares e restaurantes nos arredores servem feijoada e caipirinha. No Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), no topo de uma escadaria que nasce no paço, ouve-se a pronúncia de português em variados sotaques — não apenas lisboetas ou bragueneses, mas também pernambucanos, paulistas e mineiros. Diante das quatrocentas cadeiras da plateia, a gaúcha Adriana Calcanhotto, cantora que se tornou uma celebridade no além-mar, ministra aula de letra e música. Ela foi convidada para ser docente por um semestre na instituição, onde cerca de 2300 alunos, ou 10% do total, são brasileiros — ante 80% de nativos e 10% de outros países. O número saltou desde 2014, quando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) passou a ser aceita na seleção portuguesa.

Representantes das classes média ou alta, esses jovens são a cara da nova onda migratória brasileira rumo a Portugal. É um fluxo semelhante ao que invadiu Miami anos atrás pela porta da frente: são imigrantes com documentação legal e, em muitos casos, com dinheiro para comprar imóveis e desfrutar uma boa vida na nova pátria. "Na virada do século a leva de imigrantes era de trabalhadores da construção civil ou no atendimento em restaurantes. Hoje, o perfil educacional é mais elevado", diz João Peixoto, professor de sociologia e demografia da Universidade de Lisboa.

Tal como ocorreu em Miami, trata-se de um movimento ainda com pouco impacto demográfico sobre o total de brasileiros que vivem no país ibérico. Em 2016, eram cerca de 85 000, ou pouco mais de 21% dos estrangeiros legais no pequeno país de 10 milhões de habitantes. A quantidade, portanto, não é muito expressiva, mas representa um fenômeno do ponto de vista econômico. As remessas feitas do Brasil para Portugal passaram de 55,6 milhões de dólares, em 2014, para 71,1 milhões, em 2016. Isso porque os novos moradores continuam recebendo proventos do Brasil, sejam de empresas, sejam de imóveis ou aposentadoria.

Em paralelo, cresce a emissão dos seletos vistos Gold, um tipo especial que só é concedido a investidores que abrem uma empresa com ao menos dez funcionários ou compram um imóvel com valor acima de 350 000

OPÇÃO A MIAMI

"Eu era muito consumista, mas tivemos de nos adaptar", conta **Christiana Braga,** 43 anos, que vendeu os móveis e os dois carros "a preço de banana" antes de deixar Natal com o marido e os filhos para buscar segurança em outro litoral: Estoril, a 30 quilômetros de Lisboa. Os gastos mensais, em torno de 18 000 reais, caíram para 7 000. A família abriu mão de despesas como a escola particular de **Davi,** 9 anos, e **João Paulo,** 8, hoje em instituição pública, mas também de algum conforto. "De uma casa grande com quatro suítes e piscina, nós nos mudamos para um imóvel de dois quartos", descreve a empresária, que chegou a pesquisar residências em Miami, mas optou por Portugal pela "calmaria". A nova vida é bancada pela seguradora que Christiana mantém no Nordeste. Em breve, a ideia dos Braga é abrir uma prestadora de serviços para hotéis na nova pátria. "Se em um ano não conseguirmos fazer esse projeto decolar, procuraremos emprego. Mas não pretendemos voltar."

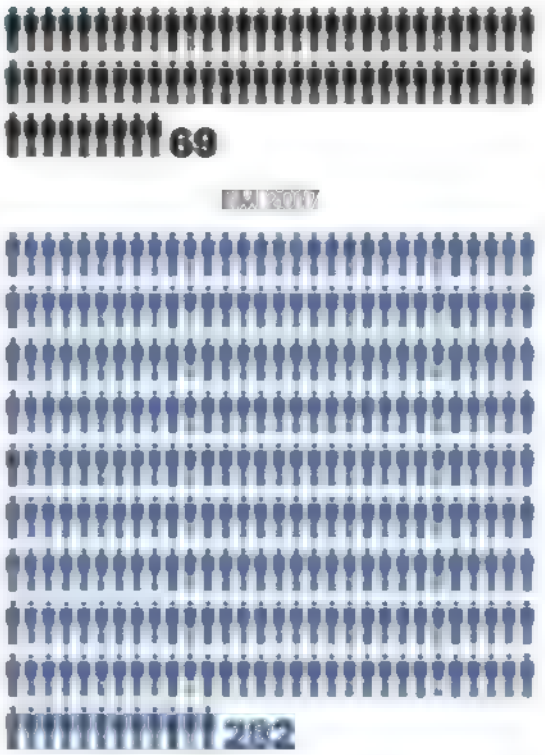
O IMPACTO DA COLÔNIA

TRANSFERÊNCIAS PESSOAIS DO BRASIL PARA PORTUGAL

(em milhões de dólares)

PROPORÇÃO DE BRASILEIROS ENTRE ESTRANGEIROS QUE MAIS COMPRAM IMÓVEIS EM PORTUGAL

BRASILEIROS COM VISTO GOLD*



*Concedido a investidores ou a quem adquire imóveis acima de 350 000 euros

VIDA MELHOR PARA A MIÚDA

Maria Laura, de 2 anos, mudou tudo na vida do casal **Pedro Gabriel Costa Covas,** 29, e **Fernanda Andrade Barbosa Costa,** 25. Eles tinham uma situação estável como funcionários públicos, ela como assistente na procuradoria da cidade onde eles moravam, Gravatá, em Pernambuco, e ele como gestor de convênios na prefeitura do município vizinho, Vitória de Santo Antão. Os salários somados de 3 400 reais líquidos mantinham no limite as contas do casal, que sonhava com mais oportunidades. Uma das principais razões da partida foi a desilusão com a política. "A corrupção está em todos os lugares, inclusive no Judiciário", queixa-se Covas. Ambos abandonaram a faculdade de direito e se mudaram logo que ele, de nacionalidade portuguesa em virtude da ascendência familiar, conseguiu um emprego para atender clientes brasileiros da Netflix em Lisboa. Com salário de 1000 euros mensais, sustenta a família. O casal ainda recebe 250 euros de auxílio-creche, concedido a Covas por frequentar um curso técnico. "Com pouco dá para ter uma vida digna", relata ele, ao mencionar um dado que faz diferença para quem tem filha pequena, ou "miúda", como dizem os portugueses: "É mais rápido conseguir uma consulta aqui pelo hospital público do que pelo plano de saúde no Brasil".

euros (o equivalente a 1 milhão de reais). Até 2015, foram emitidos 69 carimbos dessa categoria para brasileiros. Agora, o número pulou para 282, inferior apenas ao dos chineses (que dominam nessa área: foram 3 050 licenças). O Brasil também teve sua participação aumentada entre os estrangeiros que compram imóveis: de 6%, em 2014, saltou para 10%, no ano passado, dessa vez superando a China — e atrás apenas de ingleses (19%) e franceses (25%), de acordo com os dados da Associação dos Profissionais e Empresas de Medição Imobiliária de Portugal (Apemip). "Quem antes comprava imóveis na Flórida agora opta pela relação histó-

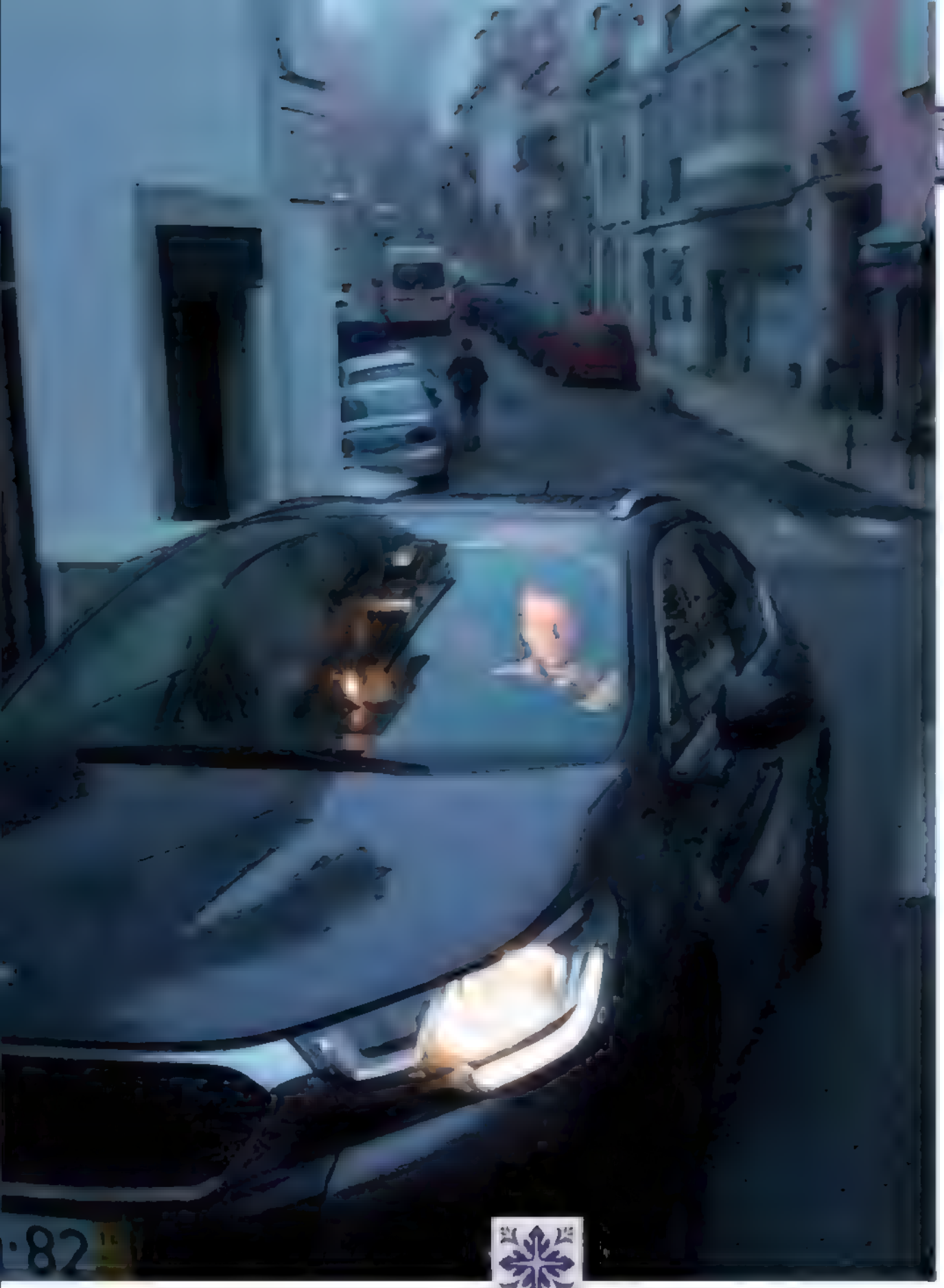
rica com Portugal", afirma o empresário Gilberto Jordan, CEO do condomínio de luxo Belas Clube de Campo, onde vivem dezoito famílias brasileiras, em casas que custam entre 350 000 e 1 milhão de euros, o que equivale a 3,3 milhões de reais. A demanda levou o empreendimento a abrir um ponto de vendas no shopping Fashion Mall, no Rio de Janeiro, no fim de 2016.

Ao contrário de outras levas migratórias, o atrativo não são propriamente as oportunidades de trabalho em Portugal, apesar de sinais de melhora na economia do país nos últimos anos. Depois da crise econômica em que o PIB português chegou a cair 4% em 2012, nos últimos dois anos a taxa ficou em 1,6% e 1,4% — um índice modesto, mas positivo. O nível de desemprego é o mais baixo desde 2009, embora permaneça alto: ficou em 10% em janeiro, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE). "Conseguir ocupação não é tão fácil, não é um lugar para quem quer juntar dinheiro", avalia Adriana Dihl, presidente da Mais Brasil, associação de apoio a imigrantes no país. "Tive de me despir do ego para realizar um trabalho que eu não faria no Brasil", diz o engenheiro mecatrônico Henrique Barbosa Motta, 29 anos, que atua como garçom. Demitido no corte de uma multinacional em São Paulo, ele topou começar "por baixo" enquanto planeja cursos em sua área, para tentar retomar a carreira.

A necessidade de novos braços tende a crescer a longo prazo. Com a baixa taxa de natalidade de Portugal, o total de portugueses em idade ativa (15 a 64 anos) diminuirá dos atuais 6,7 milhões para apenas 3,8 milhões até 2080, de acordo com o INE. "Com o envelhecimento da população, novas oportunidades de investimento se

DEPOIS DAQUELE ASSALTO

Em abril de 2016, a família de **Luciano** e **Mônica Blandy**, ambos com 42 anos hoje, passou uma madrugada inteira no chão do closet para se proteger do tiroteio que acontecia perto de casa, em uma empresa de valores em Santos, no litoral de São Paulo. O assalto, que envolveu bombas e deixou três mortos, causou uma tensão tão forte na filha **Júlia**, na época com 8 anos, que levou a menina a vomitar de nervosismo e, no dia seguinte, dizer: "Quero ir embora do Brasil". O pedido só corroborou os planos que vinham sendo fomentados havia tempo pelos pais. Luciano lançou mão de sua cidadania italiana, que dá livre acesso a Portugal, para procurar uma oportunidade de negócio no país. "Aluguei um carro e rodei por várias cidades até encontrar Braga." Ele então comprou o ponto de um café por 5000 euros (onde agora faz sucesso vendendo coxinha) e deixou no Brasil o diploma de advogado e os vinte anos de experiência em um grande escritório de São Paulo. "Sabe o que é sacar dinheiro na rua à noite e não ter medo de ser assaltado?", justifica ele. "Vou criar empregos aqui. Foi uma escolha que o país fez, não eu."



abriram para imigrantes de outros países", diz Jorge Dias Cabral, embaixador português no Brasil.

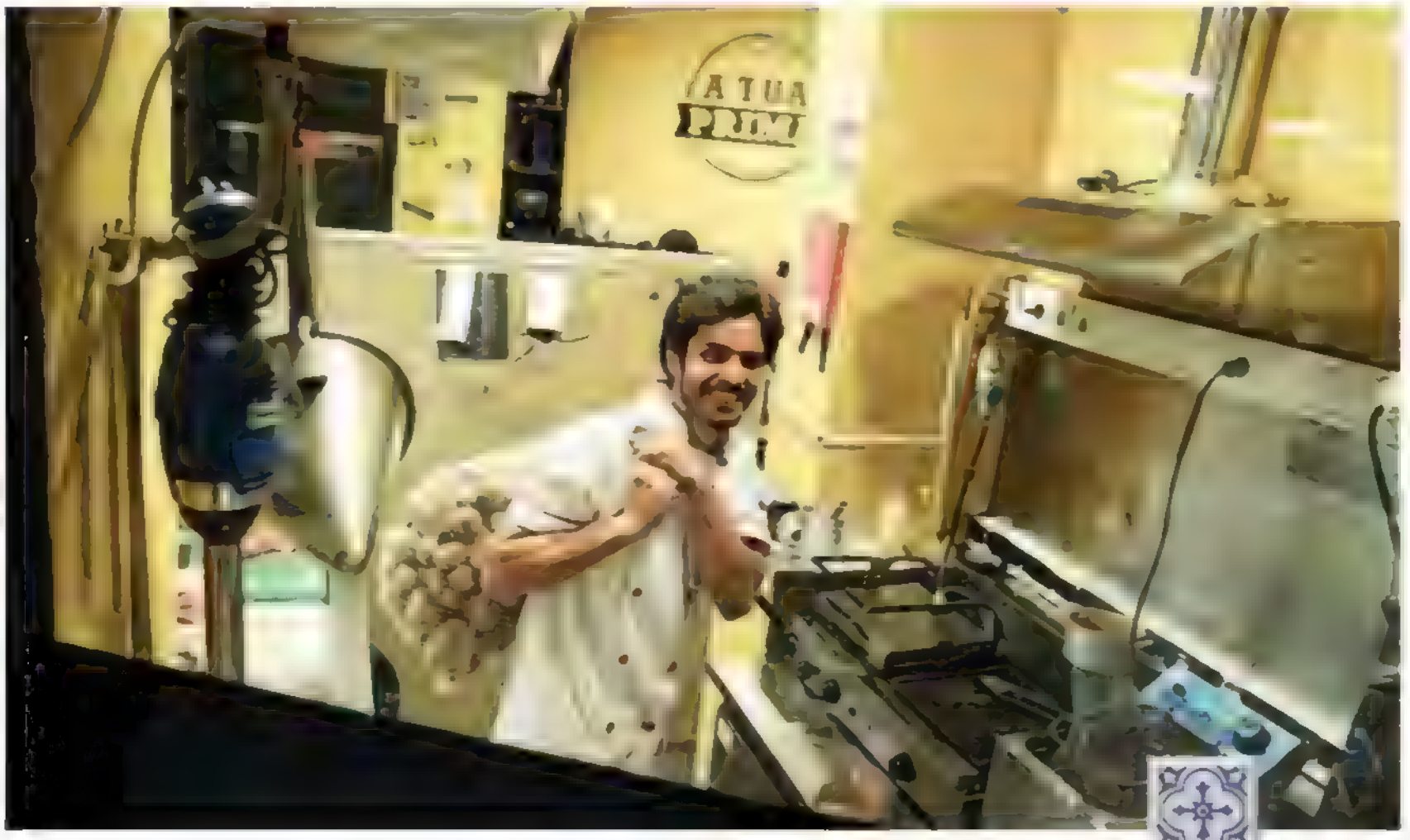
Por agora, são outros os ímãs que fazem de nossa antiga metrópole um destino preferencial no momento. Entre eles estão os serviços públicos de boa qualidade, que atraem famílias que querem criar filhos com educação de bom nível e uma razoável qualidade de vida. Segundo levantamento da Unicef, publicado no Relatório Igualdade para Crianças de 2016, Portugal é, entre os países desenvolvidos, um dos melhores para formar uma família, com bons índices em saúde (sétimo colocado), educação (19º) e satisfação de vida (18º). Os hospitais públicos são abertos a residentes e cidadãos, com preços simbólicos por consultas e exames, muitas vezes inferiores a 15 reais.

É a segurança pública, porém, a grande vantagem citada de forma unânime entre os entrevistados pela reportagem de VEJA. No ranking Global Peace Index (GPI), da organização Vision of Humanity, que mede o nível de segurança das nações levando em conta até ameaças de terrorismo, Portugal está listado como o quinto país mais seguro para viver, atrás de ilhas de paz como Islândia, Dinamarca, Áustria e Nova Zelândia. O Brasil, nesse quesito, aparece em uma distante 105ª colocação — o que mostra a praça de guerra em que o país se transformou.

A sensação de proteção tem tido efeito positivo no turismo português — o número de hóspedes cresceu 11,2% de 2015 a 2016 — e enche suas belas cidades de jovens abonados que lhes imprimem um espírito descolado. A revista *Wallpaper* acaba de eleger Lisboa "a cidade do ano" e menciona a revitalização da região que vai do centro ao bairro da Baixa, com uma série

FROTA EM LISBOA

Em Portugal, o aplicativo Uber também é alvo de discussões entre taxistas e prefeituras. Assim como no Brasil, é uma tábua de salvação comum para quem está sem emprego – o faturamento equivale a algo entre 2000 e 6000 reais mensais, a depender das horas trabalhadas e da categoria escolhida. Até pouco tempo atrás, era uma atividade comum entre os ilegais no país. Hoje, é preciso comprovar a situação regular para se inscrever – o que não impede indocumentados de sublocar o veículo, mas põe alguma ordem no mercado. Bom para o carioca **Bruno Baldissera Gonçalves,** 28 anos, que chegou a Lisboa há pouco mais de um ano com a mulher, Liliane Souza, 27. Atuando na Uber desde então, ele está comprando o quarto automóvel – aluga os demais a motoristas sem veículo. "Não sou milionário, mas não tenho mais as preocupações financeiras que tinha no Brasil."



de novidades, a exemplo do Museu de Arquitetura, Arte e Tecnologia de Lisboa, uma construção sinuosa da arquiteta Amanda Levete situada à beira do Tejo. A rede americana CNN classificou a cidade recentemente como "a capital mais bacana da Europa". Nos costumes, Portugal, antes bastante conservador, também anda liberal. Aceita desde 2010 a união homoafetiva e, desde o ano passado, autoriza casais gays a adotar crianças.

Em paralelo, em nenhum outro país sobra tanta familiaridade cultural para qualquer brasileiro. Quem liga a TV encontra programas conhecidos, como as novelas da Globo ou o *MasterChef Brasil*, da Band. Nas rádios, os repertórios antigos da banda Legião Urbana e de Roberto Carlos misturam-se ao som de cantoras pop, como Anitta e a sertaneja Paula Fernandes. Nas livrarias, ganham destaque nas prateleiras autores como Augusto Cury, best-sellers de autoajuda, Laurentino Gomes, autor de livros de história, e Thalita Rebouças, que atende o público adolescente. "É como se eu estivesse no Brasil, com a mesma língua e arquitetura semelhante, mas com a tranquilidade da Europa", resume Henrique Motta.

Até o começo dos anos 1970, Portugal era um país de pessoas que iam embora, mas isso mudou com a independência das colônias africanas. Na década de 90, quando a comunidade estrangeira começou a crescer exponencialmente, os brasileiros ganharam espaço. No início dos anos 2000, a presença de imigrantes do Brasil resultou na criação do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre a República Portuguesa e a República Federativa do Brasil. O acordo, feito com o intuito de facilitar a circulação entre os dois países, isentou ambos da necessidade de visto, concedeu o prazo de noventa dias de

BACALHAU COM AIPIM

Há sete anos, **Filipe Ferreira**, chef de cozinha, chegou a Portugal em sua primeira viagem internacional. "Liguei para minha casa e avisei: 'Não volto mais, já arrumei um emprego'." Formado em gastronomia, ele achou a vaga ao ver uma placa na porta de um restaurante. "Cansei da falta de estabilidade e da roubalheira política no Brasil", afirma o rapaz, que vai se casar com uma portuguesa em 2018. Há dois anos no comando de um restaurante moderninho, A Tua Prima, Filipe tenta adicionar elementos brasileiros aos pratos. Atualmente, ele testa o uso de mandioca em vez de batata no bolinho de bacalhau. "Eu me adaptei ao máximo à linguagem daqui para falar como os portugueses, mas rapidamente me desmascaram: 'Você é brasuca'", conta ele.

permanência em território estrangeiro, que pode ser prorrogado por mais noventa, e autorizou a prestação de serviço dos interessados em conseguir um trabalho. Para períodos maiores, é necessário o requerimento de uma autorização de residência.

Uma das alternativas comuns buscadas por brasileiros que tentam se legalizar é conseguir um emprego por seis meses reunindo os chamados "recibos verdes", que comprovam vínculo empregatício entre prestadores de serviço autônomos e empresas — e podem ser emitidos até por famílias para empregados domésticos. Com os "recibos verdes" na mão, pagam-se 600 euros (cerca de 2 000 reais) pelo visto de trabalho. Mas, até conseguir as provas, o trabalhador estará ilegal. E aí muitos se dão mal: sabendo dessa condição frágil, muitos empregadores pagam valores inferiores ao combinado, explorando a vulnerabilidade do empregado.

Mais tranquila é a recepção em dois extremos etários, os aposentados e os estudantes. No primeiro grupo, basta receber do Brasil aposentadoria equivalente ao salário mínimo português, de 557 euros (1 800 reais), ou comprovar uma fonte de renda, como imóveis alugados, por exemplo. Foi assim que a psicoterapeuta Maria da Silva, 63 anos, se mudou para Portugal há seis meses. "Mantenho o mesmo padrão de classe média do Brasil, mas deixei de pagar um plano de saúde caríssimo porque aqui me sinto confortável para usar um hospital público." Um ponto negativo para quem recebe aposentadoria do INSS: o governo federal retém na fonte 25% dos proventos do inativo que mora fora do país.

Na outra ponta, os estudantes são um remédio e tanto para o ensino su-

EXPERIÊNCIA DIFÍCIL

Formada em administração, com pós-graduação, **Loris Rodrigues**, 37 anos, via-se estagnada como secretária em Campo Grande. Há um ano, entrou como turista em Lisboa, onde sua mãe é cuidadora de idosos. Nos planos, cursar mestrado e obter um emprego, com o intuito de conquistar uma autorização de residência, algo que se mostrou difícil. "Sabia que a opção como ilegal seria começar como babá ou garçonete, mas não consegui nada." Para ela, há preconceito claro. "Meu namorado é canadense e conseguiu dois empregos nesse período", reclama. "Até abrir conta no banco foi mais fácil: a atendente disse que ele é 'canadiano', então eles podem confiar." Ela não descarta voltar em breve – ou seguir para o Canadá, a terra do namorado.

perior lusitano. Há cerca de 8 000 universitários brasileiros no país, a grande maioria nas dezenove instituições que aceitam como ingresso de entrada a nota do Enem. Em universidades públicas, é preciso pagar para estudar, mas a anuidade gira em torno de 1 000 euros para cidadãos portugueses e de 7 000 euros para estrangeiros — o que dá cerca de 2 000 reais mensais. Ou seja, além do intercâmbio cultural, ter gente de fora é salutar para as finanças portuguesas. Para os matriculados, a relação também é vitoriosa. Os 2 000 reais mensais são um valor muito menor que o cobrado por boa parte das faculdades particulares de excelência de São Paulo. Cursar direito na tradicional Faap, por exemplo, sai por 3 700 reais, fora o alto custo de vida paulistano, pesado perto do praticado em Coimbra, onde o aluguel de um apartamento mobiliado custa uns 250 euros (800 reais) mensais.

Como desvantagem, muitas alunas reclamam do estigma ainda vigente entre jovens segundo o qual as brasileiras no país são prostitutas. "Na universidade isso é mais velado, mas em uma festa um garoto me chamou de 'p... brasileira' porque eu não quis ficar com ele", conta uma estudante de Coimbra. Muitos, a exemplo de Loris Rodrigues *(leia o depoimento dela na página ao lado e o de outros brasileiros em Portugal ao longo desta reportagem)*, reclamam da fama de maus pagadores, a tal ponto que muitos brasileiros têm dificuldade de alugar imóvel em seu nome. "É comum ter de recorrer a um português para conseguir alugar uma casa", diz Loris.

Para a publicitária carioca Carol Bento Fernandes, 30 anos, a receptividade média é boa, mas o estilo reservado dos locais é um fator de estranhamento. "O brasileiro se abraça, se ajuda. Isso não é tão comum aqui." Ela chegou em junho de 2016 e conseguiu um bom emprego, na área comercial de uma empresa de telefonia, mas sente falta do clima, da cultura e do acolhimento da terra natal. "Eu não volto para o Brasil amanhã, mas, se Deus quiser, eu voltarei. Aqui é bom, mas não é como em Ipanema." ■

CAMINHOS PARA CHEGAR LÁ

As diversas modalidades de entrada e visto em Portugal

Cidadania – Pode ser pleiteada por filhos e netos de um cidadão português; por pessoas casadas ou em união estável (há mais de três anos) com portugueses; e por estrangeiros que residam em território lusitano por seis anos consecutivos. O custo fica entre 400 e 825 reais.

Trabalhadores – É necessário ter uma promessa de contrato emitido por uma empresa. Vale por 120 dias e, em Portugal, é trocado por uma autorização de residência de um ano, renovada de dois em dois anos. Custo do visto: em torno de 500 reais.

Empreendedores – É preciso criar uma empresa e apresentar um plano de negócio e investimentos. Não há exigência de capital social mínimo. Custo do visto: cerca de 600 reais.

Alto investimento (visto Gold) – Destinado a quem adquire imóvel acima de 350 000 euros ou monta empresa com no mínimo dez postos de trabalho e com investimento inicial de 250 000 euros. A taxa fica em torno de 600 reais na entrega do processo. Se aprovado, pagam-se mais 17 000 reais. Uma das vantagens é o processo rápido de obtenção do visto.

Aposentados ou titulares de rendimentos – É necessário comprovar rendimento estável (pensões, aplicações financeiras, imóveis), com ganhos em valor igual ou superior ao salário mínimo local (na casa de 1 800 reais), ter lugar para morar e apresentar seguro médico internacional. Custo do visto: em torno de 600 reais.

Estudantes – O visto de estudante (600 reais) exige comprovações de matrícula e de capacidade de se manter. É renovado anualmente.

EXPANSÃO Entre 2011 e 2016, foram criadas 21 reservas; no entanto, outras 107 áreas se encontram sem demarcação

OS NATIVOS REMANESCENTES

Censo informa que há 715 000 índios no Brasil hoje, um crescimento notável em relação aos 200 000 da metade do século XX. Mas nem por isso a situação é boa **JENNIFER ANN THOMAS**

A POPULAÇÃO indígena do país é semelhante à de João Pessoa, capital da Paraíba. São 715 213 indivíduos, separados em 252 culturas, que habitam 705 áreas demarcadas para eles. Os números vieram a público na semana passada, com a divulgação do censo Povos Indígenas do Brasil, apelidado de Pibão, uma pesquisa publicada pelo Instituto Socioambiental (ISA), ONG brasileira dedicada à proteção dos povos nativos, que chega à sua 12ª edição. O Pibão apresenta um mapa completo dessas comunidades *(veja o quadro ao lado)*, organizado em um calhamaço de 828 páginas (120 reais; à venda no site da entidade). O volume reúne 160 textos inéditos, encomendados pelo ISA tanto a especialistas como a líderes indígenas, e uma extraordinária compilação de material sobre o tema publicado entre 2011 e 2016, com 745 notícias de 156 fontes públicas e privadas, 243 fotos e 27 mapas. O primeiro Pibão data de 1980. Até 1994, ele era realizado por entidades religiosas; só depois disso é que passou para o ISA. Trata-se de um material preciso e precioso, que, por sua confiabilidade, pode servir de base para a aplicação de políticas voltadas às causas indígenas.

O MAPA DAS TRIBOS

O censo do Instituto Socioambiental apresentou o mais completo levantamento de números acerca da situação dos indígenas no Brasil. Os dados, muitas vezes, divergem de fontes oficiais, como o IBGE, por ser mais precisos

715 213 é a população indígena do país | Pelo IBGE, são 896 917

ONDE MORAM

13,77% do território nacional é dedicado às reservas

A maior delas, da etnia yanomâmi (da foto ao lado), ocupa ***9 milhões de hectares*** *na divisa entre os estados do Amazonas e Roraima e se estende até a Venezuela*

42,3% do total de índios não vive mais em áreas indígenas

QUEM SÃO ELES

252 é o total de povos listados | Pelo IBGE, são 305

- **25** desses têm população de no máximo 100 pessoas
- **78** agrupam entre 101 e 500
- **42** reúnem entre 501 e 1000
- **74** apresentam de 1001 a 5000
- **26** ultrapassam 5000
- **7** contam com um número desconhecido de indivíduos

AS LÍNGUAS QUE FALAM

150 é a estimativa da quantidade de dialetos das tribos

250 é a média de falantes por língua

37,4% dos indígenas falam seu idioma nativo

17,5% não são versados em português

Não é pouco. Frequentemente, as informações sobre índios no Brasil são dispersas — e conflitantes. O Pibão mostra como até mesmo as fontes oficiais não estão imunes a dúvidas. Alguns dos números apresentados pelo levantamento do ISA não coincidem com os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Um exemplo: enquanto o Pibão identificou cerca de 700 000 indígenas no país, o governo apontava a existência de quase 900 000. A disparidade desse e de outros resultados se explica pelo fato de a ONG considerar na conta apenas os indivíduos indicados pelas tribos como pertencentes a elas. Já o IBGE contabiliza qualquer brasileiro que se identifique como integrante de um dos povos nativos. Essa diferença relativiza a informação divulgada pelo governo de que, entre 1991 e 2010, teria havido um crescimento de 205% na população indígena. O aumento teria sido quase 20% menor.

Reduzido à dimensão de uma cidade de médio porte, o contingente de índios brasileiros já foi de 4 milhões, representando um total de 1 000 povos. Isso no século XVI. Na primeira metade do século XX, esse número havia caído para 200 000 índios, dizimados por conflitos com o homem branco. Um esforço de conscientização, que se reflete na demarcação de reservas ao longo das últimas décadas, levou à volta do crescimento da população nativa. Apenas entre 2011 e 2016, 21 novas áreas indígenas foram homologadas — juntas, somam mais de 3 milhões de hectares. Vinte delas se localizam na Amazônia, enquanto a outra está no litoral do Estado de São Paulo. Hoje, 13,77% do território nacional é dedicado às aldeias.

Em teoria, ainda existem 107 regiões povoadas pelos nativos que não foram delimitadas oficialmente; continuam, portanto, desprotegidas — o que leva a confrontos com fazendeiros e grileiros. O Pibão também destaca que não cessaram as lutas para preservar as terras já demarcadas. O levantamento detalha, por exemplo, o impacto da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, e do desastre em Mariana, em Minas Gerais — a maior tragédia ambiental da história nacional, que em 2015 cobriu de rejeitos de extração de ferro municípios ao redor do Rio Doce, inclusive ocupações de tribos. Em entrevista concedida ao livro do ISA, o ambientalista Ailton Krenak, da aldeia crenaque, um dos principais líderes da causa indígena brasileira, observou: "Esse evento *(o desastre em Mariana)* denuncia um quadro global, no qual paisagens, territórios e comunidades humanas fazem parte de um pacote que grandes fortunas, através das suas corporações, continuam tratando como material descartável". O cenário não promete melhorar, ao menos a curto prazo. Tome-se a situação da Fundação Nacional do Índio (Funai), órgão responsável pela proteção das comunidades indígenas. Entre 2011 e 2016, a instituição trocou de presidente oito vezes. E começou 2016, como ressalta o Pibão, com o orçamento minguado, o menor em quatro anos: 533,7 milhões de reais (24% a menos que no ano anterior). Como consequência, a Funai operava no ano passado com apenas 36% do total de servidores que, em tese, deveria possuir. ■

A Funai opera com apenas 36% dos servidores que deveria ter

INCÔMODO Hannah (Katherine Langford) deixa gravações com os motivos que a levaram à morte: banalização?

A VIDA COMO ELA NÃO DEVERIA SER

O sucesso de *13 Reasons Why*, a nova série da Netflix, levanta uma questão difícil: o suicídio deve ser exposto, sobretudo o de adolescentes? **GIULIA VIDALE, NATALIA CUMINALE E THAÍS BOTELHO**

É PRECISO ESTAR totalmente desligado das redes sociais para nunca ter ouvido falar da série americana ***13 Reasons Why***, produzida pela Netflix. Nos primeiros minutos do primeiro episódio escancara-se o que virá pela frente. Ouve-se a voz da personagem central, Hannah Baker (a graciosa Katherine Langford), gravada numa fita cassete, peça de tecnologia pré-histórica: "Sou eu, ao vivo e em estéreo. Sem a promessa de retorno, sem bis e, desta vez, sem atender aos pedidos. Pegue um lanche. Acomode-se. Porque vou contar a história da minha vida. Mais especificamente, por que minha vida terminou". Não é spoiler, não se trata de revelar o segredo antes mesmo de a trama mal começar. A jovem personagem começa anunciando que tirou a própria vida — e, com isso, a série deflagrou um debate difícil: deve-se tratar um suicídio com tanta abertura, sobretudo entre adolescentes?

13 Reasons Why — Os 13 Porquês, usando o título do livro em português, de Jay Asher, lançado em 2007 e que agora renasce nas listas na categoria infantojuvenil da lista de mais vendidos de VEJA — é muito boa. É difícil parar de vê-la. Mantém-se sempre teso o arco do suspense ao encontro do fim trágico. Parece lenta e, no entanto, cresce num ritmo magistralmente bem conduzido, costurado por flashbacks. Hannah Baker, antes de se matar, grava treze fitas cassete, cada uma com uma suposta explicação do que e de quem a levou ao gesto final, a resposta ao bullying que sofreu. Como peça de entretenimento, espera-se que a série faça sucesso, mas o que de fato a tornou um fenômeno de popularidade foi a sinceridade com que ataca um tema tabu, indizível, doloroso: o suicídio entre jovens. Durante a primeira semana de exibição, bateu um recorde. Nunca antes tantas pessoas haviam postado algo a respeito de uma série no Twitter. Foram 3,6 milhões de menções em todo o mundo, em sua maioria escritas por pessoas com menos de 25 anos.

Na semana de estreia foram publicados 3,6 milhões de tuítes sobre *13 Reasons Why*, a maioria de jovens com menos de 25 anos

A série atingiu em cheio o público adolescente, o assunto está nas rodas de jovens do ensino médio e despertou a preocupação dos pais, que não sabem se é bom para os filhos assistir à crueza da morte autoinfligida, se os ajuda a enfrentar um problema dra-

mático de saúde pública ou se é algo que acaba incentivando jovens vulneráveis a tomar o suicídio como exemplo. A favor da exibição: é uma peça de ficção, ainda que evidentemente calcada em nós do cotidiano, e não há terreno mais adequado para discutir questões delicadas, não importa quais sejam, do que as obras de arte ou peças da cultura popular. Diz o psiquiatra Luis Augusto Rohde, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o único brasileiro a participar da elaboração do mais recente Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), considerado a bíblia da psiquiatria: "A série representa uma boa oportunidade para que os pais discutam com os filhos sobre sua vida em profundidade e os questionem se já passaram por algo semelhante".

O coro contra a exibição de *13 Reasons Why*, no entanto, é clamoroso, e está ancorado num argumento forte: o sucesso da Netflix bate de frente com as recomendações de especialistas sobre as maneiras mais adequadas para apresentar o suicídio, especialmente na puberdade. Diz Humberto Corrêa, psiquiatra da Universidade Federal de Minas Gerais: "*13 Reasons Why* é perigosa por romantizar o suicídio e simplificar o assunto ao apontar culpados. Nada do que se refira ao suicídio pode ser simples". A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem orientações muito claras sobre como mostrar o suicídio nos meios de comunicação de massa. "Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado no suicídio e de como ele foi obtido", informa o texto. Os jovens enfrentam risco maior do que os adultos quando são expostos ao suicídio, seja na televisão, seja em jornais,

UMA FAMÍLIA A FAVOR DA SÉRIE

Gabriel dos Santos, 22 anos, chegou a tentar o suicídio numa depressão severa. Samara Carisa, 15 anos, habituou-se a sofrer bullying na escola onde estuda, em São Paulo. A mãe de ambos, Isabel Cristina dos Santos, ao tomar conhecimento de *13 Reasons Why*, decidiu assistir aos episódios com eles. "Trouxe discussões muito produtivas, ainda que duras, para dentro de casa", diz Isabel.

seja em revistas, e podem imitar o comportamento suicida.

O contágio é real, já foi medido e cuidadosamente estudado. Durante muito tempo se imaginou que um círculo maior de conexões, de amizades, seria um freio à intenção de suicídio, mas estudos mais recentes apontam em outra direção. Demonstram que um comportamento suicida pode alimentar outro. Uma estimativa realizada pela psicóloga Julie Cerel, presidente da Associação Americana de Cuidados com o Suicídio, mostra que 135 pessoas são afetadas, em média, com a história de alguém que tenha tirado a própria vida — um terço de forma mais severa. Cerca de 5% das pessoas, vítimas de sofrimentos anteriores, acabam por fazer o mesmo. Nos estudos de psiquiatria, esse tipo de comportamento, o da mimetização, é chamado de "efeito Werther". A expressão teve origem no romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), publicado em 1774. O livro conta a história de um jovem que vive uma paixão avassaladora por uma donzela, Charlotte. O amor, que não pode ser correspondido, destrói Werther, levando-o ao suicídio. A obra, extremamente popular entre os jovens daquele tempo, é apontada como fator de estímulo a uma série de suicídios ocorridos na época na Europa Ocidental. Há relatos de que, antes da morte, adolescentes se vestiam como o protagonista e deixavam o livro aberto na passagem culminante. O romance foi então proibido em alguns países e condenado pela Igreja.

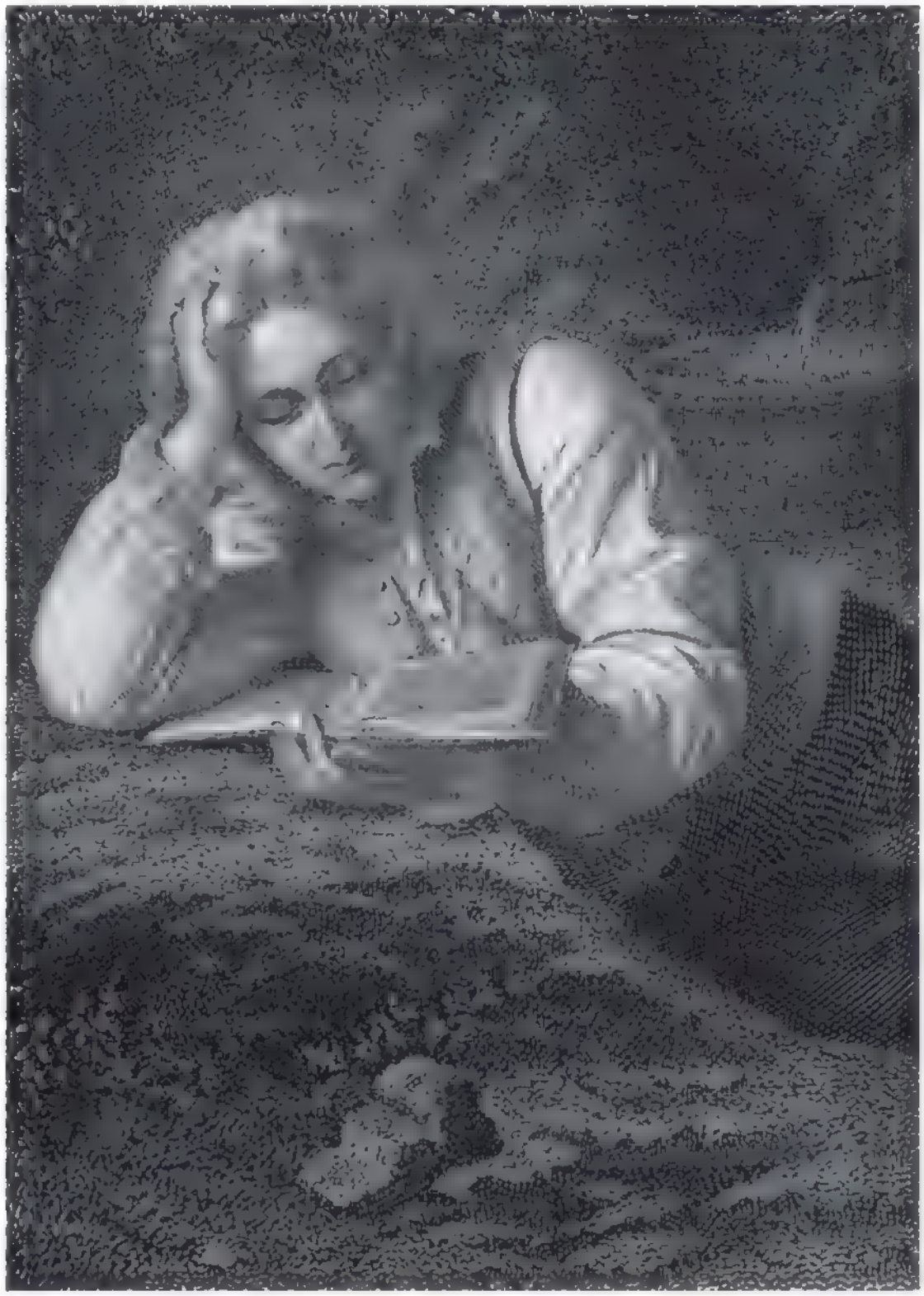
Como não existe no horizonte a possibilidade de que *13 Reasons Why*

UMA FAMÍLIA CONTRA A SÉRIE

Helvânia Ferreira faz parte das mães que, ao tomar conhecimento da crueza dos treze capítulos exibidos pela Netflix, acharam o pacote inadequado para o filho, Miguel, de 12 anos. "Ele quer assistir à série porque os amigos não param de comentar", diz ela. "Tento despistá-lo. Tenho medo de que possa desencadear algo negativo."

seja censurada como foi a obra de Goethe, é recomendável cautela diante do quebra-cabeça que a série pôs no ar. Não é um assunto comezinho, ao contrário. Albert Camus, em seu clássico *O Mito de Sísifo*, descreveu a complexidade do ato: "Existe apenas um único problema filosófico realmente sério — o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida significa responder à questão fundamental da filosofia". Nos Estados Unidos, o suicídio é a segunda causa de morte de adolescentes entre 15 e 19 anos, atrás apenas de acidentes, com cerca de 1700 casos a cada ano. No Brasil, são 667 mortes anuais.

Há mais adultos que se matam — mas o crescimento de fatalidades é maior entre os jovens. Uma das fragilidades do adolescente tem origem em sua fisiologia. Nessa fase da vida, o sistema cerebral ainda não está plenamente maduro, razão pela qual os jovens são mais impulsivos e inconsequentes. Somando-se a imaturidade própria da adolescência com uma predisposição genética e influências ambientais e sociais, o suicídio torna-se um problema de saúde pública. Entre os principais fatores de risco estão o histórico familiar, abuso físico e sexual e, fundamentalmente, distúrbios mentais. Segundo um estudo publicado no ano passado pela revista científica americana *Pediatrics*, nove em cada dez adolescentes que se mataram tinham alguma doença psiquiátrica.



O JOVEM WERTHER O livro de Goethe chegou a ser recolhido em 1774

Não se deve imaginar, portanto, que *13 Reasons Why* seja um gatilho sem anteparo, mas, como nunca se sabe ao certo quem está mais vulnerável, é importante manter atenção e cautela. A discussão em torno da série, que se espalhou nas redes sociais, é indício de que meninas e meninos sabem que se trata de entretenimento, ainda que realista e brutal, e criam travas de segurança. Na semana passada, a reportagem de VEJA colheu depoimentos de dezoito jovens com idade entre 12 e 19 anos a respeito do programa. Disse Maria Eduarda Auricchio, 15 anos: "Faltou mostrar que você pode ter amigos e uma família para apoiá-lo, e também a importância de procurar um profissional". Disse Henrique da Silva, 14 anos: "A série é boa porque quebra muitos tabus". Para Allec Oliveira, 17 anos, "ela traz uma crítica social, mostra como a sociedade age e o que acontece diariamente na escola".

Zelo, portanto, é o nome do jogo quando se trata de *13 Reasons Why*. O criador do pacote para a televisão, Brian Yorkey, foi cuidadoso ao lidar

© FALKENSTEINHOTO / ALAMY STOCK PHOTO, ARNEWS

FAMA INSTANTÂNEA Na semana passada, os atores de *13 Reasons Why* foram recebidos no Brasil como pop stars

com o drama de Hannah Baker até o epílogo: "Trabalhamos duro para não ser uma cena gratuita; queríamos que fosse dolorosa de ver, porque pretendíamos ser muito claros: não há nada, de nenhuma maneira, que valha a pena no suicídio". Em muitos países, e também no Brasil, o lançamento da série foi realizado com amparo de instituições de apoio psicológico e psiquiátrico, justamente para reduzir ao mínimo o risco de contaminação da ideia do suicídio. A Netflix procurou o Centro de Valorização da Vida (CVV) no Brasil solicitando autorização para divulgar o número do serviço (141) no episódio final. Em menos de um mês, desde o anúncio até a estreia de *13 Reasons Why*, a quantidade de e-mails com pedidos de ajuda recebidos pelo CVV subiu 445%.

Ao informar sobre como acessar o CVV, a série tomou uma iniciativa oposta à irresponsabilidade que grassa sem trela nas redes sociais, num vale-tudo insano. Recentemente, uma sequência de suicídios entre jovens foi associada a um jogo denominado Baleia Azul (baleias teriam tendência suicida, encalhando nas praias), supostamente criado na Rússia no ano passado, que coagiria jovens a cumprir metas arriscadas a mando de um "líder virtual" até terminar no suicídio. A origem do jogo ainda não foi comprovada — e as mortes supostamente ligadas à "brincadeira" estão debaixo de severa investigação. A banalização do suicídio, com essas e outras histórias mal explicadas, é um dos lados obscuros da condição humana que as redes sociais propagam sem freio.

Sempre que os atores do seriado aparecem e dão entrevistas — na semana passada, foram recebidos como pop stars no Brasil, com frenesi semelhante ao assédio à turma do *High School Musical*, nos anos 2000 —, eles falam com seriedade do suicídio, separando a ficção da realidade, e apontam o dedo para os traumas que o bullying na escola pode provocar. E, apesar de tudo, apesar da necessária separação entre arte e vida, ressoa a voz de Hannah Baker, fria e calculista, desesperada, de cortar o coração, ao distribuir seus porquês: "Se há uma coisa que eu ainda tenho é memória. O que é péssimo. Se eu esquecesse as coisas de vez em quando, todos nós estaríamos um pouco mais felizes". É tudo invenção, insista-se, mas incomoda profundamente ao mostrar como a vida não deveria ser. ■

VIVA A HISTÓRIA ALTERNATIVA

Com sua combinação de figurões reais da pátria, capricho visual e invencionices extravagantes, a novela *Novo Mundo* testa os limites da recriação ficcional do passado **MARCELO MARTHE**

A VINDA DA PRINCESA austríaca Leopoldina ao Brasil, em 1817, foi recriada com luxo no primeiro capítulo da novela ***Novo Mundo***. Vivida por Letícia Colin, a futura esposa de dom Pedro I ganha festa de despedida num palácio europeu, com show de artistas mambembes e distribuição de barras de ouro à bandejada aos convivas. Para gravar a sequência da nova trama das 6, em exibição há um mês, a Globo fez cair neve artificial sobre carruagens e construiu uma réplica da caravela portuguesa que, pouco depois do banquete, conduziria Leopoldina ao Rio de Janeiro. Tudo impecável, exceto por um detalhe: quase nada disso consta dos livros de história. A festa para Leopoldina ocorreu, na verdade, em Viena, cidade natal da princesa. A oferta de barras de ouro à nobreza austríaca foi feita por meios mais protocolares — não se tem notícia da distribuição dos mimos na festa, como se fossem bem-casados. Há também um descompasso temporal: entre sua saída de Viena e o embarque no porto italiano de Livorno, Leopoldina amargou semanas de espera na casa de uma irmã, em Parma. Embora não fique claro na novela, os autores Thereza Falcão e Alessandro Marson garantem que sua festa ficcional aconteceu na mesma Parma — evitando o deslize de inventar um porto em Viena. Mesmo assim, é preciso ser crédulo: a distância entre Parma e Livorno é de mais de 200 quilômetros, o que tornaria espantoso o embarque da princesa logo na manhã seguinte. Por fim, há um tropeço meteorológico. "Era verão e fazia um calor absurdo na Itália. Neve não faz sentido", esclarece o historiador Paulo Rezzutti, autor de uma recém-lançada biografia da princesa. Com liberdades assim, *Novo Mundo* vem engrossar um filão robusto: a teledramaturgia que explora o que se pode chamar de história alternativa.

RESUMO DA ÓPERA Leopoldina (Letícia Colin) e dom Pedro I (Caio Castro): os fatos foram exagerados

FESTA DE DESPEDIDA

O que a novela mostra: a personagem Elvira Matamouros (Ingrid Guimarães) rouba uma das barras de ouro distribuídas como lembrança em uma festa para a princesa Leopoldina realizada na Itália, sob forte nevasca, na noite anterior a seu embarque para o Brasil, em 1817

Os fatos: a festa ocorreu meses antes, em Viena. Leopoldina não poderia ter saído de Parma, local da festa hipotética, para embarcar na manhã seguinte num porto a 200 quilômetros dali. E a neve é um delírio crasso: fazia um calor infernal no verão italiano

MV | APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA A CHEGADA DA NOVELA

VIAGEM AO BRASIL

O que a novela mostra: durante a travessia da Europa para o Rio de Janeiro, Leopoldina revela-se exímia jogadora de bilhar e vê sua caravela ser atacada pelo bando do pirata Fred Sem Alma (Leopoldo Pacheco)

Os fatos: não há registro de que a princesa fosse viciada em bilhar, nem que houvesse uma mesa do jogo no navio. Ela foi trazida ao Brasil em uma esquadra de guerra bem armada e escoltada por outros navios – que não sofreram ataque de piratas

Se a fé irracional em notícias falsas veiculadas nas redes sociais instituiu a era da pós-verdade, eis que um certo equivalente vigora hoje na televisão: é a idade de ouro da "pós-história". O exemplo mais acabado é a série americana *Outlander*, fantasia romântica de enorme sucesso em que uma mocinha viaja no tempo para interagir (inclusive sexualmente) com vultos históricos da Escócia do século XVIII. Com *Novo Mundo*, a Globo faz a pós-história à brasileira. Leopoldina, dom Pedro (Caio Castro) e sua amante, a marquesa de Santos (Agatha Moreira), formam um triângulo amoroso — noção em si duvidosa, já que casamentos de príncipes e princesas eram fruto de arranjos políticos, não de paixão. "Sentimentos não faziam parte da agenda. Leopoldina até se apaixona, mas não é correspondida. Para dom Pedro, ela era apenas a mãe de seus filhos", ensina a historiadora Mary Del Priore. Ao lado do trio e de outras figuras reais do passado pululam personagens puramente ficcionais que influirão até na proclamação da Independência — notadamente, o par romântico formado pela inglesa Anna (Isabelle Drummond) e pelo brasileiro Joaquim (Chay Suede).

É óbvio que ceder às licenças poéticas é imperativo na ficção. "O trunfo é recontar a história em ritmo de aventura de capa e espada. Não estamos fazendo documentário no canal Futura", diz Thereza Falcão. O fato de se tratar do horário das 6 também justifi-

AMANTE DO AMIGO

O que a novela mostra: Domitila de Castro (Agatha Moreira), futura marquesa de Santos e amante de dom Pedro I, conhece o príncipe português no início de 1822. Antes de se envolver com ele, tem um affair com o amigo de farras de dom Pedro, o Chalaça (Romulo Estrela)

Os fatos: a marquesa e dom Pedro se conheceram seis meses depois, às vésperas da proclamação da Independência. E o caso dela com Chalaça é só uma especulação que passou a circular por causa de um romance dos anos 1920 sobre a personagem

caria, vá lá, a opção por tornar o triângulo dom Pedro-Leopoldina-marquesa de Santos tão cor-de-rosa: a conduta abusiva do príncipe em relação à esposa e a lascívia com que se entregava à amante seriam proibitivas nessa faixa da TV aberta.

Isso não exime a empreitada pós-histórica da culpa por jogar o espectador num terreno movediço: no meio de tanta informação, como separar as baboseiras dos fatos? "Desde que a novela começou, não paro de receber consultas de pessoas que querem saber se esse ou aquele detalhe fazem sentido", diz Paulo Rezzutti. Às vezes, isso pode mesmo fundir a cuca. Seria um anacronismo mostrar gente de óculos escuros no Rio do começo do século XIX? Não. Navegantes e oficiais europeus como o fictício capitão inglês Thomas Johnson (Gabriel Braga Nunes) já os usavam para amenizar os efeitos do sol tropical. O mesmo não se pode dizer do flagrante de um celular numa cena de Isabelle Drummond: aquilo foi só um vacilo violento da produção da Globo (e nem vamos comentar a balbúrdia dadaísta de sotaques lusitano, carioca, alemão).

Enquanto a controvérsia fica nesses pormenores ou nas simplificações em nome do ritmo da trama, tudo bem. É um mal menor resumir vários eventos em uma única festa de despedida de Leopoldina. O problema é quando a ficção cruza uma linha capaz de abalar um pilar intransponível da história ou da geografia: neve em pleno verão italiano é demais. E é ainda mais enganoso moldar a história à visão "antropoliticamente correta" de hoje. A novela avança esse sinal ao mostrar dom Pedro como um amigão da causa indígena. "Não temos notícia de nenhum interesse dele por índios", diz Mary Del Priore.

O mérito desse tipo de ficção ainda é estimular a curiosidade sobre a história. "Gente que nem sabia que o Brasil teve príncipes e princesas passou a se interessar", diz Rezzutti. E, para o espectador que prefere desligar seu sensor histórico e embarcar na fantasia abilolada, o guia ideal é a personagem de Ingrid Guimarães. Como vários outros tipos em cena, a divertida golpista portuguesa Elvira Matamouros ilustra o destemor de *Novo Mundo* em mostrar o lado feio da história. "A gente fica desprovido de vaidade. Estou adorando aparecer sempre suada, de cabelo ensebado", afirma Ingrid. A maior marca da personagem é ser totalmente sem noção. "É incrível como ela acredita na sua realidade paralela", diz. A ópera pós-histórica tem aí seu melhor resumo. ■

O ESPELHO DO MUNDO MODERNO

A correspondência entre dois clássicos da literatura em língua inglesa e o ensaio de um autor japonês refletem sobre o mais popular dos gêneros literários **CRISTOVÃO TEZZA**

PARA UM CERTO senso comum acadêmico, o romance é um gênero popular que parece ter surgido com *Dom Quixote*, de Cervantes, em 1605, e se encerrado com *Ulisses*, de James Joyce, em 1922. Seu fantasma, porém, revive periodicamente das cinzas. O teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) acreditava que o romance é um gênero aberto, que se alimenta de linguagens alheias e em conflito para, como um camaleão, se transformar incessantemente. Mas o que pensam os próprios romancistas, que, afinal, vêm carregando de fato o piano da prosa literária? Acabam de sair dois bons livros que passam a palavra a eles: ***A Aventura do Estilo***, coletânea de ensaios e cartas de Henry James e Robert Louis Stevenson, e ***Romancista Como Vocação***, de Haruki Murakami. É um conjunto especialmente interessante, pois revela três tipos de escritor, de dois momentos históricos distintos.

Comecemos com a correspondência entre Henry James (1843-1916) e Robert Louis Stevenson (1850-1894), dois mestres da era de ouro do romance, o século XIX, que não poderiam ser mais diferentes entre si. Henry James, um americano que se naturalizou inglês, de família rica e formação cultural sofisticada (seu avô era banqueiro, e seu irmão, o filósofo William James), pode ser definido como um típico intelectual de gabinete. É um dos prosadores fundamentais da moder-

nidade, mas, como costuma acontecer, menos pelo que ele propugnava (uma literatura realista, que retratasse "fielmente" o mundo) e mais pelo efeito impressionista, difuso, do que de fato escreveu. A frase sempre longa de James é um contínuo mergulho na percepção dos fatos da vida, centrado na cabeça das pessoas — o mundo de livros como *Pelos Olhos de Maisie* (1897) e *A Outra Volta do Parafuso* (1898) é obsessivamente mental. Nascido na Escócia, filho de um engenheiro, Stevenson estudou direito e mudou-se para Londres, onde abraçou a vida literária. Aos 30, casou-se com uma americana dez anos mais velha. A saúde frágil — era tuberculoso — não o impediu de se aventurar pelo Pacífico Sul, com a mulher e o enteado. Refugiou-se nas Ilhas Samoa, encantado pela vida rústica e exótica, e nunca mais voltou à Inglaterra, morrendo aos 44 anos. Em sua curta vida, teve o sabor de escrever obras de imenso impacto comercial, como *A Ilha do Tesouro* e *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e o Sr. Hyde*.

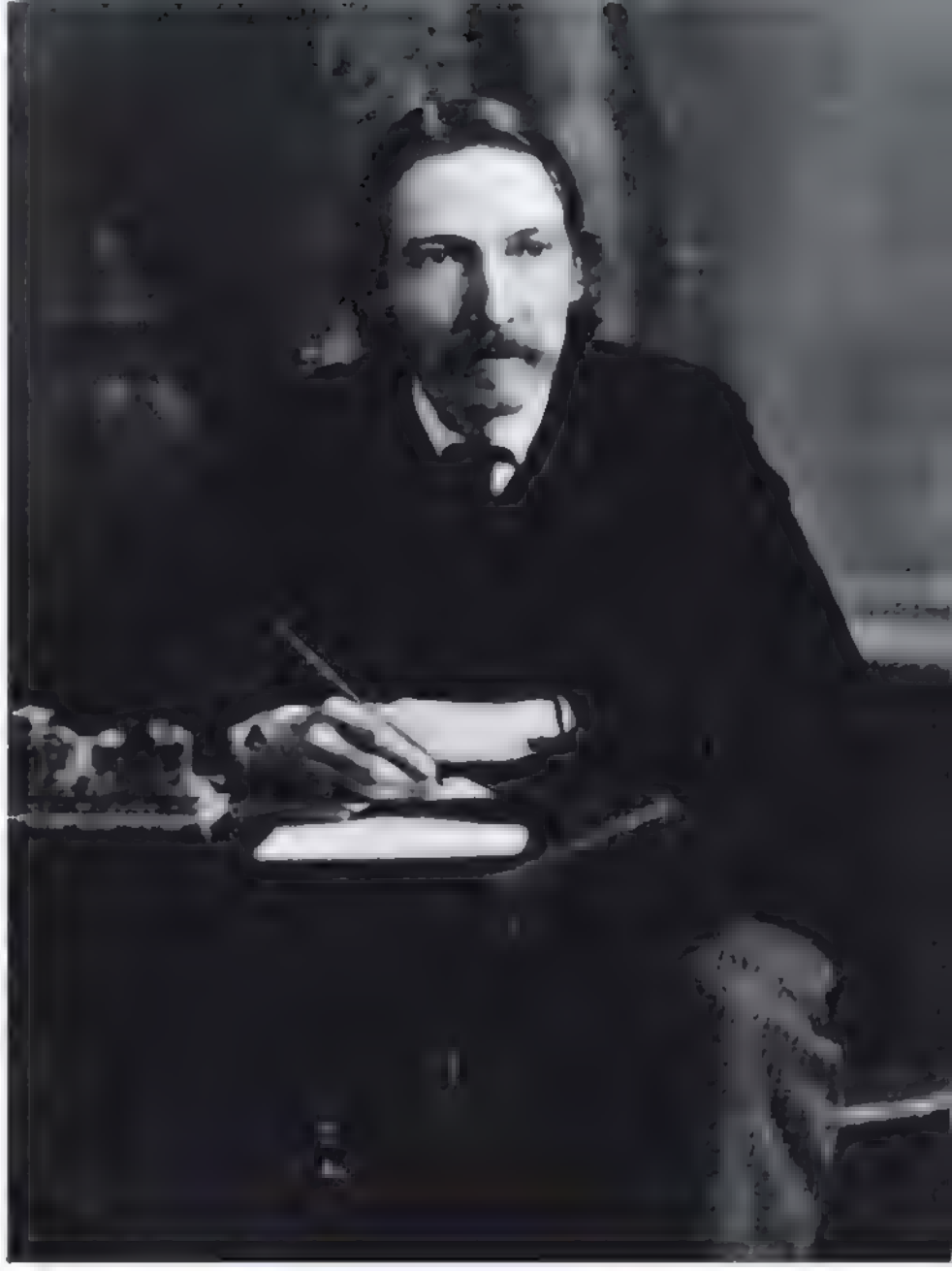
> *"Se você deseja escrever um romance, observe atentamente seu entorno. O mundo pode parecer monótono, mas está cheio de diamantes brutos, atraentes e misteriosos. Romancistas são aqueles que conseguem identificá-los."*
>
> Haruki Murakami

A correspondência entre os dois, que vai de 1884 a 1894, quando Stevenson morreu, é uma espécie de parceria impossível entre um solteirão de armário (não se tem notícia de nenhuma atividade sexual na vida de James, embora alguns parcos indícios revelem uma inclinação homoerótica) de espírito conservador e um aventureiro solar e vibrante. Logo no início da correspondência, os papéis já se colocam: James, um fracasso de vendas, é o mestre, e o já popular Stevenson, o admirador ("Eu me sinto um campônio muito tosco e canhestro, indigno de ser lido, muito menos de ser elogiado, por alguém tão refinado, tão destro, tão engenhoso como você"). Nessa amizade de uma década, a reserva de James, cujo humor era sempre controlado por volteios sintáticos, contrapõe-se ao estilo esfuziante e direto Stevenson. "Eu ouço as pessoas falando e as sinto em ação, e parece-me que isso é que é a ficção", diz Stevenson, desejando em seguida a "morte do nervo óptico". Já para James, que entendia a literatura como uma arte irmã da pintura, o olhar seria fundamental.

Mais de um século depois, essas reflexões sobre o romance encontram um novo exemplo, agora em um mundo já completamente transformado pela globalização cultural. Aos 68 anos, lido em mais de cinquenta países, o japonês Haruki Murakami é um dos raros casos de escritor imensamente popular que é também respeitado pela crítica. E em alguma medida sua história pessoal ilustra a vocação universalizante do romance, gênero que sempre viveu sob o signo da tradução cultural. Em *Romancista Como Vocação*, Murakami conta sua história de escritor e fala de seus processos de criação. O contraste com Henry James e Stevenson, autores que se colocam como herdeiros reverentes de uma história literária clássica, é notável: imerso na contracultura dos anos 1960, Murakami vê a si mesmo como

A AVENTURA DO ESTILO, de Henry James e Robert Louis Stevenson (tradução de Marina Bedran; Rocco; 272 páginas; 34,50 reais)

ROMANCISTA COMO VOCAÇÃO, de Haruki Murakami (tradução de Eunice Suenaga; 168 páginas; Alfaguara; 39,90 reais)



"A única razão de ser de um romance é que ele de fato compete com a vida. Quando deixa de competir como a tela do pintor compete, terá chegado a um estranho impasse. (...) Se a pintura é realidade, o romance é história."

Henry James

"O romance existe não por sua semelhança com a vida, que é inevitável e material, como um sapato que não pode prescindir do couro, mas por sua incomensurável diferença, intencional e significativa, que é o método e o sentido da obra."

Robert Louis Stevenson

um *outsider* em sua terra. Amante do jazz e tradutor de autores como Scott Fitzgerald, Truman Capote e Raymond Carver, o jovem Murakami não viveu a tradicional devoção nacionalista pelos arcaísmos simbólicos que moveu uma parcela importante da inteligência literária japonesa do século XX, de que o suicídio ritualístico do escritor Yukio Mishima (1925-1970) seria o exemplo trágico.

A simplicidade irreverente com que Murakami fala do Japão, da literatura e de si mesmo é enganosa — há um peso da tradição oriental na sua voz, sempre enxuta como um ideograma, que parte das coisas para a abstração, e nunca o contrário, como tem sido a norma entre nós. Suas observações sobre os romancistas ou seus comentários discretamente ferinos sobre a vida literária no Japão fariam arrepiar um acadêmico com seu tom irrelevante de conversa de bar. Pois é exatamente o tom que fez dele um best-seller mundial e um fenômeno pop — Murakami mais parece um blogueiro de adolescentes que um intelectual respeitável. Nesse sentido, se fosse o caso de criar genealogias romanescas, ele seria antes um descendente do aventureiro Stevenson do que do cerebral James. Mas não há nada de naïf em Murakami; é uma simplicidade com lastro. Citando a escritora dinamarquesa Karen Blixen, ele diz: "Escrevo um pouco todos os dias, sem expectativa, sem desespero". Pois essa escrita incerta de quem se procura no meio dos outros, na fronteira difusa do espelho, da fotografia social, da filosofia, da história e da aventura, é que tem dado ao romance, desde sempre, sua extraordinária vitalidade. ■

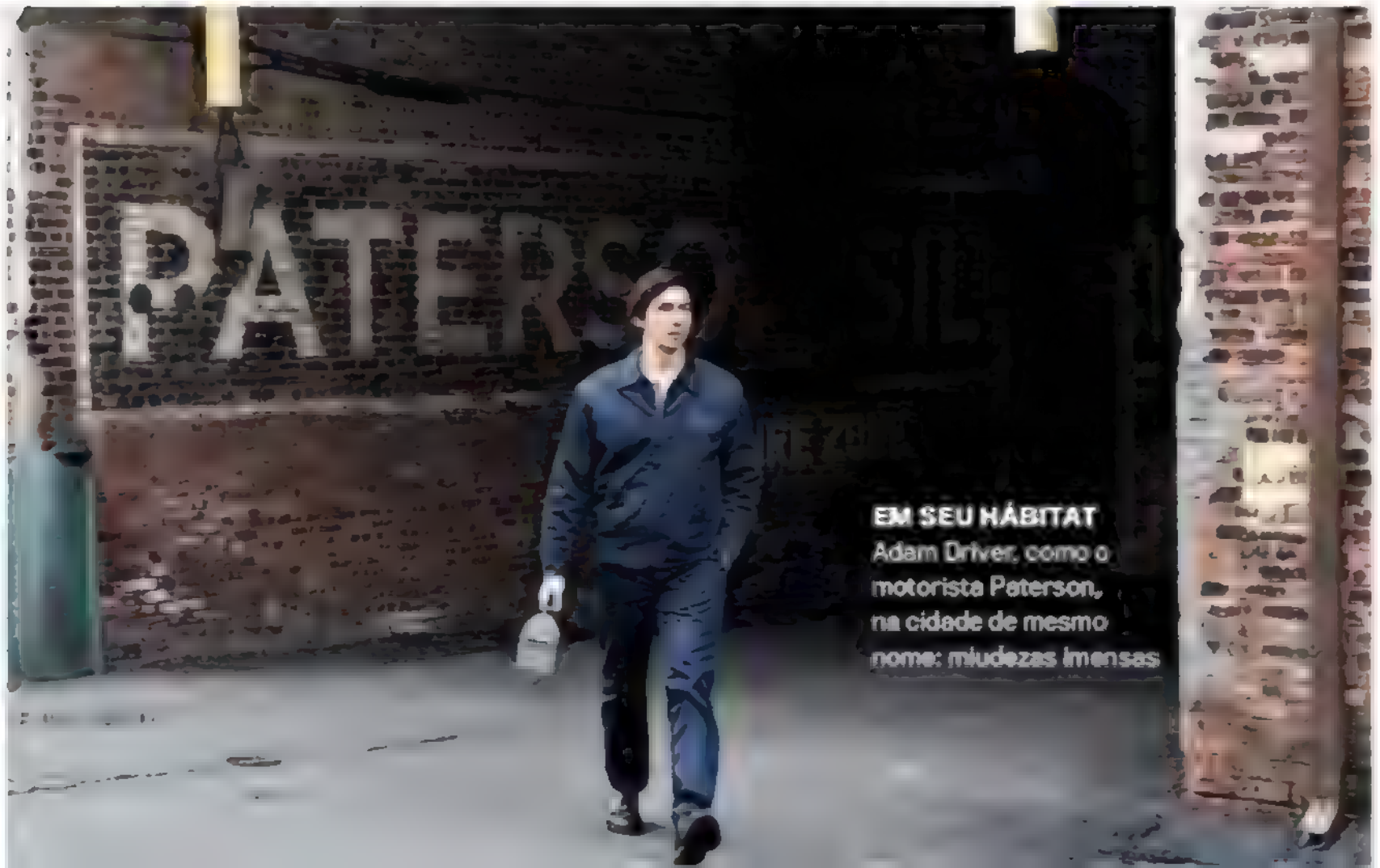
COM O MÍNIMO, O MÁXIMO

O protagonista de *Paterson*, do diretor Jim Jarmusch, anda ou roda de ônibus pelas ruas de uma cidade antiga de Nova Jersey e encontra a beleza do banal **ISABELA BOSCOV**

DA MANEIRA como o diretor Jim Jarmusch a captura, Paterson, em Nova Jersey, é uma das raras cidades americanas que não sucumbiram à paisagem uniformizada pelas mesmas marcas corporativas de lojas, mercados e lanchonetes. É, antes, uma espécie de cidade morta, cujo passado sobrevive como um fantasma agarrado à sua arquitetura. As fábricas antigas de tijolos, as vielas tortas, as ladeiras suaves, o parque com uma cachoeira: o protagonista (que também se chama Paterson), vivido por Adam Driver, percorre esses cenários toda manhã, indo a pé para o trabalho, e então dirigindo um ônibus pelas horas seguintes. De noite, com o buldogue Marvin pela coleira, Paterson ruma a um bar escuro para uma única caneca de cerveja. E, ao amanhecer, acorda nos braços de sua adorada Laura (Golshifteh Farahani) para mais um dia igual aos outros — mas que, ainda assim, será diferente: ***Paterson*** (Estados Unidos/França/Alemanha, 2016), já em cartaz no país, é uma ode à beleza avassaladora do pequeno e do banal.

Tipo calado mas amigável, que Driver interpreta com honestidade inata, Paterson ouve atento as conversas dos passageiros e aprecia, amoroso, as criações artísticas da dispersiva Laura. Sentado ao volante antes de iniciar sua rota, transforma sua vida em poemas belíssimos (de autoria de Ron Padgett), escritos a mão num caderno. As caixas de fósforos ao lado do fogão, o ar que se desloca com a passagem do ônibus — nas frases limpas e cadências pensativas da poesia, essas miudezas contêm sentimentos imensos.

A cidade de Paterson, que inspirou o ícone do protagonista, o poeta William Carlos Williams (1883-1963), parece alimentar esse tipo de propensão. O amante rejeitado que frequenta o mesmo bar, a menina pequena que lê um poema seu para Paterson, o visitante japonês com quem ele conversa no parque — assim como no seu excelente filme anterior, *Amantes Eternos*, Jarmusch cristaliza, por meio dessas figuras, aquilo que ele ainda encontra de delicadeza em um mundo que se tornou violentamente indelicado. ■



EM SEU HÁBITAT Adam Driver, como o motorista Paterson, na cidade de mesmo nome: miudezas imensas

VEJA RECOMENDA

CINEMA *Além das Palavras:* Cynthia Nixon (*à esq.*) é Emily Dickinson, poeta reclusa e genial que não foi reconhecida em vida

CINEMA

ALÉM DAS PALAVRAS

(*A Quiet Passion*, Inglaterra/Bélgica, 2016. Estreia no país nesta quinta-feira)

A americana Emily Dickinson (1830-1886) escreveu mais de 1700 poemas, mas teve menos de uma dúzia deles publicada em vida. Com suas frases curtas, rimas internas, pontuação idiossincrática e honestidade feroz, Emily antecipou em várias décadas o modernismo — razão pela qual a posteridade lhe foi bem mais generosa que a sua própria época. O efeito que essa incompreensão (além da privação de qualquer conexão amorosa) teria operado na personalidade dela é um dos temas desta cinebiografia dirigida pelo inglês Terence Davies (de *Vozes Distantes*) e protagonizada por Cynthia Nixon: da adolescência franca e volúvel (quando é interpretada pela excelente Emma Bell) à meia-idade reclusa e amarga, Emily vai se acabrunhando, enquanto sua poesia ganha em maturidade e arrojo.

DISCO Kendrick Lamar: histórias e rimas de um grande rapper

DISCOS

DAMN., **de Kendrick Lamar (Aftermath; disponível em serviços de streaming)**

Kendrick Lamar tem qualidades de sobra que o credenciam ao título de melhor rapper da atualidade. Eximio contador de histórias, ele faz rimas sobre política que passam longe do lugar-comum e sabe cercar-se de um excelente time de colaboradores. *DAMN.* fia-se no soul e no hip-hop de décadas atrás, mas também traz inovações como o trap — estilo de rap mais puxado para a eletrônica, que se faz presente em *DNA.* Há participações de Rihanna, Bono (sim, do U2) e do novato cantor Zacari (na ótima balada *Love*). Mas o melhor é o próprio Lamar e suas histórias sobre a dura vida nos guetos de Los Angeles.

PURE COMEDY,
de Father John Misty
(Sub Pop; disponível em serviços de streaming)

Father John Misty é o pseudônimo do americano Josh Tillman, ex-baterista do Fleet Foxes, grupo que buscava suas referências no folk e no country rock dos anos 70. Sua carreira-solo já se mostra mais interessante do que o trabalho da antiga banda. As letras de Misty (ou Tillman) traçam um retrato desolador do mundo do showbiz e das redes sociais. E dele mesmo: "Ah, legal, era tudo de que a gente precisava / Outro cantor branquinho em 2017 / Que se leva a sério demais", entoa em *Leaving L.A.*, linda e longa (treze minutos) canção que é um ponto alto de um álbum sem pontos baixos. ■

DISCO Father John Misty: retrato desolador do showbiz

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A TRAILER E OUÇA MÚSICAS

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **A CABANA** William Young [3 | 166#] SEXTANTE
2. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury [2 | 25] SEXTANTE
3. **DOIS A DOIS** Nicholas Sparks [1 | 3] ARQUEIRO
4. **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes [8 | 62#] INTRÍNSECA
5. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes [5 | 60#] INTRÍNSECA
6. **MITOLOGIA NÓRDICA** Neil Gaiman [7 | 5] INTRÍNSECA
7. **OUTROS JEITOS DE USAR A BOCA** Rupi Kaur [4 | 3] PLANETA
8. **QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron [6 | 21] HARPERCOLLINS BRASIL
9. **A GAROTA NO TREM** Paula Hawkins [10 | 68#] RECORD
10. **A ÚLTIMA CARTA DE AMOR** Jojo Moyes [0 | 29#] INTRÍNSECA

NÃO FICÇÃO

1. **PECAR E PERDOAR** Leandro Karnal [8 | 2] HARPERCOLLINS BRASIL
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [2 | 24#] L&PM
3. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee [1 | 22] GLOBO
4. **PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS – UM MANIFESTO** Chimamanda Ngozi Adichie [0 | 0] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [4 | 143#] RECORD
6. **MENTES DEPRESSIVAS** Ana Beatriz Barbosa Silva [0 | 14#] PRINCIPIUM
7. **NOVOS CAMINHOS, NOVAS ESCOLHAS** Abilio Diniz [6 | 2#] OBJETIVA
8. **O QUE TEM NA GELADEIRA?** Rita Lobo [7 | 2#] SENAC SÃO PAULO
9. **UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO** Stephen Hawking [0 | 1#] INTRÍNSECA
10. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [5 | 18#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **BATALHA ESPIRITUAL** Pe. Reginaldo Manzotti [1 | 8] PETRA
2. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [2 | 70#] GENTE
3. **ANSIEDADE** Augusto Cury [3 | 167] SARAIVA
4. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella [4 | 35] PLANETA
5. **MINUTOS DE SABEDORIA** Carlos Torres Pastorino [5 | 15#] VOZES
6. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba [6 | 18#] SEXTANTE
7. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle [7 | 26#] SEXTANTE
8. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [10 | 72#] OBJETIVA
9. **CASAIS INTELIGENTES ENRIQUECEM JUNTOS** Gustavo Cerbasi [8 | 185#] SEXTANTE
10. **GENTE QUE CONVENCE** Eduardo Ferraz [9 | 2] PLANETA

INFANTOJUVENIL

1. **A BELA E A FERA** Elizabeth Rudnick [1 | 5] UNIVERSO DOS LIVROS
2. **AUTHENTICGAMES – A BATALHA CONTRA ENDER DRAGON** Marco Túlio [3 | 4] ALTO ASTRAL
3. **A PRISÃO DO REI** Victoria Aveyard [4 | 7] SEGUINTE
4. **AUTHENTICGAMES – A BATALHA DA TORRE** AuthenticGames [6 | 28#] ASTRAL CULTURAL
5. **HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA** J. K. Rowling [5 | 23] ROCCO
6. **O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela [7 | 41] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [8 | 16#] SEGUINTE
8. **OS 13 PORQUÊS** Jay Asher [2 | 4] ÁTICA
9. **A CULPA É DAS ESTRELAS** John Green [0 | 98#] INTRÍNSECA
10. **ANIMAIS FANTÁSTICOS E ONDE HABITAM – O ROTEIRO ORIGINAL** J. K. Rowling [0 | 1] ROCCO

Fontes: [illegible]

[1 2 3] – 1) posição do livro na semana anterior 2) há quantas semanas o livro aparece na lista 3) semanas não consecutivas

J.R. GUZZO

ACABOU NISSO

MUITA GENTE reage com uma espécie de arrepio horrorizado quando ouve algum homem público de destaque usar em relação ao ex-presidente Lula a mesma linguagem que ele usa há anos contra os seus adversários. Chamar Lula de "bandido", como fez recentemente numa entrevista na televisão o prefeito de São Paulo, João Doria? Não pode. É algo na fronteira do crime de lesa-pátria, do sacrilégio que rende excomunhão perpétua ou de algum outro desatino particularmente horrível. Dizer que alguém é bandido ainda é uma ofensa pesada — embora, quando se trata de políticos contumazes, a maioria dos brasileiros considere a definição perfeitamente correta, a começar pelo próprio Lula, que já disse que havia "300 picaretas" no Congresso Nacional. Mas, seja lá como for, querer uma linguagem de cavalheiros entre os frequentadores desse submundo é o mesmo que pedir bons modos à torcida num campo de futebol. Não dá, é claro — só que no caso de Lula, segundo as classes intelectuais, os peritos em ciência política, os formadores de opinião e os anexos dessa gente toda, é obrigatório abrir uma exceção. O ex-presidente, como o rei da fábula, está nu há pelo menos uns quinze anos, mas é praticamente um dever constitucional dizer que ele está de terno, gravata, colete, casaco e chapéu, mais um par de sapatos e outro de meias, enquanto não for julgado e condenado — coisa que, no entender dos seus devotos, só poderá ocorrer no Dia do Juízo Universal, ou talvez nem aí.

O prefeito Doria disse em público o que uma multidão de pessoas (incluindo os seus admiradores e partidários políticos, voluntários ou forçados) diz em particular: que é contra Lula, e aí é mesmo 100% contra, sem nenhuma atenuante, por não concordar com as suas ideias e por achar que o seu comportamento é criminoso. Doria afirma, simplesmente, que Lula não tem um "lado bom". E daí? Não é o caso de entrar em estado de choque nervoso porque alguém falou isso. Na verdade, como ficar espantado depois das históricas confissões de corrupção feitas dias atrás na Operação Lava-Jato? Ficou demonstrado ali, acima de qualquer dúvida, que durante treze anos e meio não existiram no Brasil os governos de Lula e de Dilma Rousseff, e sim o governo da Odebrecht S.A. — em associação com um extenso colar de outras empreiteiras de obras públicas, indústrias químicas e petroquímicas, empresas de construção naval e qualquer tipo de atividade que envolve fornecer alguma coisa ao governo e receber dinheiro público em pagamento.

As confissões, inéditas, mostraram o Brasil exatamente como ele é

As confissões, inéditas na história nacional, mostraram o Brasil exatamente como ele é — e mostraram que esse Brasil é puro Lula. Apresentava-se como o presidente da República e dos pobres. Era, na vida real, o despachante de empreiteiros e de milionários.

Não foi só Lula, é claro, quem apareceu no seu verdadeiro papel nestes últimos dias de ação da Justiça. Mas por qual lógica o ex-presidente deveria ser considerado diferente de qualquer outro nessa manada de vigaristas se agiu, durante anos, exatamente como eles ou até pior do que eles?

A única diferença é que o seu caso é mais feio ainda — foi nisso, então, que o homem acabou dando? Justo ele, Lula, que passou a vida prometendo aos brasileiros ser um exemplo de mudança e de progresso moral? No fim, o político que vinha "mudar tudo" saiu igualzinho aos outros na conduta, e muito mais caro no prejuízo que deu. Dizia que estava promovendo a maior reforma social da história humana, distribuindo renda como "nunca antes", eliminando milhões de pobres e outras miragens. Estava, mesmo, assinando medidas provisórias para favorecer a Odebrecht e outros magnatas. Sua CUT estava extorquindo dinheiro para não fazer greves. Recebia fortunas, "o mesmo que o Bill Cinton", por "palestras" que a Odebrecht confessou serem o pagamento de favores. Seus filhos e irmãos receberam dinheiro e "investimentos" da empreita. Fez o BNDES dar recursos à Odebrecht para construir um porto em Cuba. Era o "Amigo" na lista de políticos comprados ou alugados pela Odebrecht para servi-la no governo. A coisa vai daí para pior — uma corrupção que "surtou", definitivamente, e que ficará na história brasileira para sempre.

Se acaso Lula não for candidato na eleição de 2018, ou se perder, a culpa não será do "juiz Sergio Moro", ou da conspiração construída em torno dele, como o ex-presidente já diz. A culpa será unicamente do que ele mesmo fez. Não foi Moro quem recebeu 700 000 reais da Odebrecht para reformar o sítio que frequentava — nem o prefeito João Doria. ■

Se o seu negócio
não está na internet,
está no passado.
Hospedagem de sites
a partir de R$ 17,90 por mês
Acesse locaweb.com.br
ou ligue 0800.770.2215 | 11 3544.0690
Domínio grátis no primeiro ano
Criador de sites incluso
Recursos ilimitados
25 caixas de e-mail de 10 GB cada
locaweb
Paixão por desenvolver

Life
VIVARA
vivara.com.br
MARINA RUY BARBOSA
LIFE MY STONE
Prata e pedras
Brincos à vista R$ 320 cada.
Pulseira à vista R$ 350 cada.
Anéis à vista R$ 250 cada.
Consulte o valor da parcela mínima.
© Reprodução proibida. Consulte o valor da parcela mínima. Os produtos estão sujeitos à disponibilidade de estoque e alteração de preço sem prévio aviso. VENDAS: www.vivara.com.br ou 0800 77 44 900.